



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE / PPGEDUC**



TÂNIA REGINA DIAS SILVA PEREIRA

**URBANIDADE E GEOTECNOLOGIAS: OLHARES DOS
ALUNOS DA ESCOLA DA REDE PÚBLICA SOBRE A
CIDADE DO SALVADOR/BA**

**SALVADOR – BAHIA
2014**

TÂNIA REGINA DIAS SILVA PEREIRA

**URBANIDADE E GEOTECNOLOGIAS: OLHARES DOS
ALUNOS DA ESCOLA DA REDE PÚBLICA SOBRE A
CIDADE DO SALVADOR/BA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Departamento de Educação - Campus I, Universidade do Estado da Bahia, como requisito à obtenção do grau de Doutora em Educação e Contemporaneidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tânia Maria Hetkowski

**SALVADOR – BAHIA
2014**

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Pereira, Tânia Regina Dias Silva

Urbanidade e geotecnologias: olhares dos alunos da Escola da Rede Pública sobre a Cidade do Salvador (BA) / Tânia Regina Dias Silva Pereira. Salvador, 2014. 164f.

Orientadora: Tânia Maria Hetkowski.

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I. 2014.

Contém referências e apêndices.

1. Sociologia urbana. 2. Urbanização – Salvador (BA). 3. Salvador (BA) Região Metropolitana – Aspectos sociais. 4. Educação – Efeito das inovações tecnológicas. 5. Cultura. I. Hetkowski, Tânia Maria. II. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação.

CDD: 307.76

FOLHA DE APROVAÇÃO

URBANIDADE E GEOTECNOLOGIAS: OLHARES DOS ALUNOS DA ESCOLA DA REDE PÚBLICA SOBRE A CIDADE DE SALVADOR/BA

TÂNIA REGINA DIAS SILVA PEREIRA

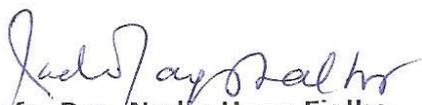
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 15 de março de 2014, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



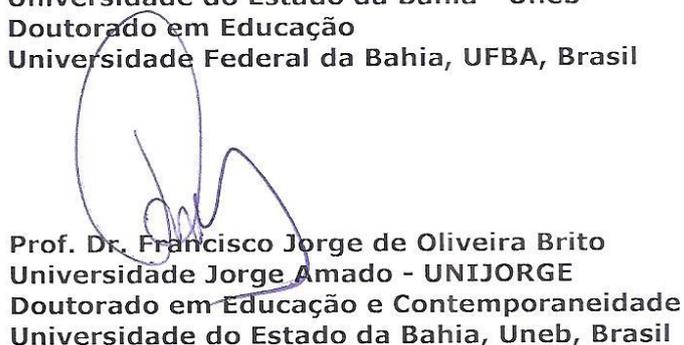
Profa. Dra. Tânia Maria Hetkowsky
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação.
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



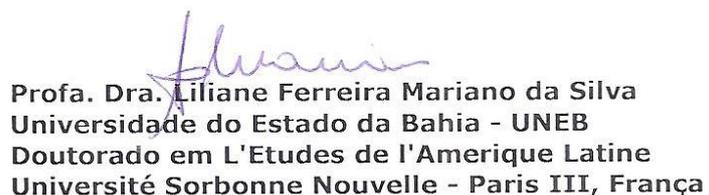
Profa. Dra. Maria Cristina Gomes Machado
Universidade Estadual de Maringá - UEM
Doutorado em Educação
Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.



Profa. Dra. Nadia Hage Fialho
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Francisco Jorge de Oliveira Brito
Universidade Jorge Amado - UNIJORGE
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia, Uneb, Brasil



Profa. Dra. Liliane Ferreira Mariano da Silva
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em L'Etudes de l'Amerique Latine
Université Sorbonne Nouvelle - Paris III, França

Dedico esta tese às **mulheres da minha vida**:

À minha avó **Maria** (*in memoriam*) pelos constantes ensinamentos;

À minha mãe **Hermozinda**, a mulher guerreira que me deu a vida;

À minha filha **Laís** o grande amor da minha vida, a razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Fernando Pessoa nos diz que, "há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos".

Na difícil tarefa de agradecer aos que direta ou indiretamente contribuíram para esta travessia, em primeiro lugar presto minha gratidão a Deus, a energia que permeia o Universo, pela vida, pelas oportunidades surgidas em minha vida, pelo conforto nos momentos difíceis, e pela grandiosidade de seu amor e aos Irmãos Espirituais que sempre estão ao meu lado me protegendo, dando forças e orientando nesta caminhada.

Expressar minha gratidão a minha mãe Hermozinda, a quem agradeço por toda sua dedicação na minha criação, por ter me ensinado a buscar os caminhos mais justos da vida, me incentivado a seguir em frente, e a nunca desistir de meus sonhos.

A minha filha Laís, pela paciência, compreensão, força em todos os sentidos e nas horas mais difíceis de minha vida. Você é o meu esteio, razão e emoção de minha vida e de todas as minhas realizações. Dedico a você mais esta conquista!

A minha família, meu esposo Altamirando, minhas irmãs Cristina, Telma, Lena, Sandra, Dal, Lu, Claudia e Tate, meus irmãos Carlos, Claudio e Daniel, meu afilhado e filho do coração Claudio "Kiko", que são "a fundação e os pilares" de minha vida. Eu amo vocês! Família: vocês são pessoas essenciais para mim! A vocês, muito obrigada pela confiança, e torcida por tudo que me proponho a fazer.

Aos meus sobrinhos Fernando, Nayhara, Eleine, Carol, Rebeca, Gabriel, Matheus, Rodrigo, Lucas, Clara e Felipe, que são motivos de alegria e muito orgulho em nossa família.

Ao meu genro João e aos meus cunhados Antonielson, Hélio, Ronaldo, Marcelo, Marcos, Edmilton, Paulo e Roger, minhas cunhadas Débora e Jucilene, pelo carinho, apoio e compreensão. Vocês são pessoas especiais.

Agradeço aos irmãos e amigos do Centro Espírita nas pessoas de Garcia, Crispina e Flávia, pelas constantes orações e vibrações de carinho.

À UNEB, instituição pela qual tenho grande respeito e orgulho de pertencer ao seu quadro de profissionais, pelas condições oportunizadas e pela política de investimento na qualificação profissional do docente, em especial, a minha.

Aos colegas e amigos do DCET I aqui representados por Célia, Adeline, Dileusa, José Cosme, Paulo Ramos, Carlos Alberto, Armando, Carlos Nei, Daniel Góes, Joaquim Mendes, Julian, Lázaro, Gerusa, Jaime, Lúcia, Jane Lidia, Suzi, Aline, Ana Gabriela, Rosana, pelos quais tenho grande admiração e sei que são amizades verdadeiras e sinceras.

Como esse trabalho é fruto da "construção" intelectual de vários pensadores, dessa forma, cada um colocou o seu "tijolo" nessa etapa da "obra", na qual tive o grande prazer de "misturar a massa" desse "concreto", dessa tessitura. Portanto, há muitos "engenheiros" e "coautores" para agradecer.

À minha (DEZ)orientadora Tânia Maria Hetkowski a quem devo agradecer de forma especial por uma extensa lista de motivos: por aceitar orientar-me, pelo empenho e incentivo constante, por sempre ter acreditado em mim, mesmo nos momentos que me faltava autoconfiança, pelo seu envolvimento, por criar todas as condições para que esta tese fosse escrita (incluindo aí, nossos almoços e nossas rodadas de café), pela grande competência e dedicação, pelas horas e horas de orientação e discussão, pelas sugestões e minúcia em cada detalhe deste estudo, pela busca constante de saídas aos percalços vividos nesta jornada, enfim, pela confiança depositada em mim e pela amizade para toda a vida. Muito obrigada!

Aos professores componentes da banca, Prof. Dr. Francisco Brito, Profa. Dra. Liliane Mariano, Profa. Dra. Maria Cristina Machado e Profa. Dra. Nadia Fialho, pela disponibilidade, atenção, carinho, olhar crítico, pelas contribuições e orientações relevantes para a organização final desse trabalho.

Aos meus "coorientadores" Fabiana e Inaiá que foram, são e serão sempre meus amigos, parceiros e comparsas nessa jornada tecnológica e intelectual, por terem iluminado minhas andanças, ao compartilhar suas experiências, me ensinando a andar no caminho das pedras... "Meus filhotes do coração". Vocês são um presente de Deus em minha vida! A Josemeire, amiga, companheira e parceira de todos os momentos. Por mais que escreva, nunca encontrarei as palavras necessárias para agradecer, a esse grupo especial que pertencço, à vocês do "Grupo G4", meu trio de *amigos do coração*.

Ao amigo Chicão, "nosso geógrafo", pelas orientações, nessa caminhada de novas descobertas, de novos saberes, caminhos do conhecimento não conhecidos até então. Muito obrigada pelas orientações para leituras, por tirar muitas dúvidas, e pelas coorientações nessa jornada.

A Telma, pelo apoio, dedicação, incentivo e disponibilidade desde o momento que decidi fazer a seleção para o doutorado e por ter sido, principalmente, durante esses quatros anos, meu "confessionário", que sempre ouvia minhas queixas, angústias, me orientava, lia e opinava, durante as minhas dúvidas e nas horas de desespero, sendo uma cúmplice e parceira em todas as etapas no desenvolvimento desse trabalho.

Aos meus amigos, amigas, comparsas e parceiros "diários" do GEOTEC, vocês também são "construtores" nessa trajetória: Walter Garrido (Zé Pequeno), Kátia Soane (Katita), Tarsis, Gustavo (Guti), Tais, Patrícia (Paty), por todo apoio dado nas horas mais difíceis e de angústias durante a escrita dessa tese, também nas alegrias das nossas conquistas e realizações, não esquecendo os momentos descontraídos e, principalmente, as nossas rodadas de café ("líquido sagrado"), foram esses momentos que fortaleceram nossa amizade e desanuviam a mente e a alma nesta jornada... Muito obrigada.

Agradeço a amiga Silvia Leticia (Silvinha), pela ajuda e cuidado na transcrição das entrevistas; aos amigos Jordan e Rivas por toda dedicação com as filmagens, gravações e fotografias; a Gabi pela tradução do resumo; ao amigo Paulo Ramos por sempre conseguir transformar minhas ideias em produções gráficas; ao amigo José Cosme por todas as orientações para leituras, por tirar muitas dúvidas e pelo curso intensivo de Cartografia. O trabalho de todos vocês valorizam o esforço de construção de uma tese. Meu carinhoso agradecimento.

Não posso esquecer nessa extensa lista de agradecimentos os colegas e amigos: Betonnasi, Acácia, Verbena, André, Débora, Osvaldo, Ludimila e demais colegas do fórum de pesquisa. E os que já saíram: Edson (Dindinho), Ricardo, Leo, Marcus, Saulo e Rafaela. Obrigado a todos pelas trocas, carinho e pelo apoio. Vocês são pessoas especiais!

Ao Colégio da Polícia Militar da Bahia (Unidades Dendezeiros e Lobato), representados aqui nas pessoas do Major Copérnico, Adelson, Maiara, Imaira e Esiel, vocês que abraçaram, apoiaram, incentivaram e colaboraram oferecendo as condições necessárias para a realização dessa investigação. Um agradecimento mais que especial aos alunos, os sujeitos dessa pesquisa, os quais foram "as referências" para buscar investigar o objeto de estudo desse trabalho... Todos vocês, de alguma forma, estão representados nestas páginas. Muito Obrigada, pois, sem vocês, essa investigação não chegaria ao final.

Às "meninas" do GESTEC, Icilma, Balbina, Kellen e Aninha pelo constante acolhimento, carinho e torcida. Vocês são mais que especiais!

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB, pelo conhecimento compartilhado no decorrer da minha formação como pesquisadora.

À minha turma de doutorado, pela sua alegria, competência e criatividade na condução das atividades curriculares, especialmente a Jussara e Adriana, que foram as primeiras pessoas com quem estabeleci afinidade. Obrigada por me ensinarem os muitos outros caminhos e saberes que a vida pode trazer.

Aos amigos Djalma e Jackson que sempre atenderam as minhas solicitações de impressões e encadernações, para meu acervo de "leituras", o que muito auxiliou para a elaboração dessa tese. Muito obrigada.

Ao pessoal da UFRGS representados pelos Professores Daniel e Gessilda, pelas constantes trocas de conhecimento.

Aos amigos, visíveis e invisíveis, que tantas vezes trabalharam no silêncio para minha alegria.

Por fim, agradecer de modo muito especial a todas as pessoas que fizeram parte deste período da minha vida e que de alguma forma contribuíram para a realização desta tese, incluindo colegas e amigos não citados, mas, que também manifestaram apoio e sincero incentivo.

Eu jamais chegaria até aqui sozinha. Minha terna e eterna gratidão a todos que colaboraram para que esse sonho fosse realizado!

O reverso da cidade, antigamente seria o campo.

Na visão Lefebvrina o campo não mais existe.

Existe somente o urbano. Então, qual seria o avesso da cidade?

Quais os pressupostos da não-cidade, do não-lugar?

O lado avesso de um tecido é o lado que mostra as costuras, as imperfeições, os alinhavos. Aquilo que no fim das contas mantém a roupa na sua integridade, mas que não convém mostrar por razões estéticas. Quando o avesso vira a própria roupa temos que pensar se não escondemos por tanto tempo aquilo que não queríamos mostrar por razões estéticas, porém repressoras, se não tentamos varrer para debaixo do tapete as condições sub-humanas a que são submetidas a maioria da população, para que a minoria dominante possa usufruir de paisagem e de história.

[...]

O eixo urbanidade tem como centro o homem enquanto ser urbano e destaca a relação dialética entre o sujeito e objeto e as inversões de papéis que a contemporaneidade coloca. O homem, enquanto ser social e sujeito, faz, vive, transforma e se reproduz na cidade. A cidade, enquanto objeto, é feita e refeita, consumida e transformada. Na contemporaneidade observamos cada vez mais uma mudança nesta relação e o homem vem assistindo,

[...]

a cidade dominá-lo e consumi-lo, fazendo com que a vida urbana seja meramente uma busca pela sobrevivência, do tipo salve-se quem puder, deixando pouco espaço para a expressão da individualidade criativa e feliz. Somos nós que moldamos a cidade ou é a cidade que nos molda?

(SILVA, 2006, p.10)

RESUMO

As cidades nos fascinam e nos seduzem, é uma das obras mais complexas do ser humano. As cidades encerram uma estrutura, no entanto, aquilo pelo qual nos seduzimos não é somente a estrutura, mas também a dinâmica dos sujeitos que a habitam. Diante desse fascínio sobre as cidades, são realizados estudos que buscam compreender o espaço urbano relacionado com os modos de vida nele constituído, uma vez que a produção desse espaço é reflexo das relações de seus habitantes, ao mesmo tempo em que possibilitam aos mesmos praticar a vida em comum, compartilhar seus desejos, necessidades e problemas cotidianos. Conhecer as dinâmicas da cidade, os cidadãos e sua relação com a cidade, bem como conhecer a relação da cidade com seus cidadãos, e como essa sociedade se relaciona com as tecnologias, se traduz na perspectiva desse trabalho que é analisar como as geotecnologias podem potencializar os conhecimentos acerca das dinâmicas que compõem a urbanidade pelos alunos do Ensino Médio da Rede Pública do município de Salvador (BA), considerando os reflexos da contemporaneidade na compreensão dos espaços concebido, vivido e percebido. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram os alunos de Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar - CPM (Escola Pública), Unidade Dendezeiros e Lobato (*lócus* da pesquisa), com a participação de 40 estudantes (1º, 2º e 3º anos). A pesquisa foi desenvolvida apoiada na metodologia qualitativa, tendo como estratégia a pesquisa participante. É de salutar relevância destacar a pesquisa aqui descrita como oriunda do projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador/BA*. O saber sobre a cidade e a análise desse espaço que vivemos por meio de outras óticas, perspectivas, potencializando aquilo que nós já conhecemos e abrindo outras janelas, desvelando outras formas de conhecer o mesmo trazem significativas contribuições no estudo sobre as dinâmicas que compõem a urbanidade. Dentro destas possibilidades, destaco as geotecnologias como potencialidades para a compreensão do espaço urbano, como “lentes” que contribuem para que o sujeito melhor compreenda a sua cidade e estabeleça novos olhares sobre a mesma, podendo assim redimensionar suas percepções sobre esse espaço concebido, vivido e percebido. Ademais, exploramos durante as oficinas, visitas, cursos e encontros com os estudantes, os conceitos relacionados às TIC, a partir do redimensionamento das potencialidades das geotecnologias no processo formativo dos mesmos, demonstrando o uso destas tecnologias para compreensão do espaço, bem como possibilidades de registro da memória dos espaços da cidade do Salvador/BA. Os alunos ao entrarem em contato com os moradores e suas histórias, ressignificam processos cotidianos que passam a ser vistos de outras maneiras, possibilitando que os mesmos vivam a cidade não apenas como expectadores, mas como seus “videntes” críticos.

Palavras-chave: Urbanidade, Cidade, Espaço, Geotecnologias, Processos Formativos.

ABSTRACT

The cities fascinate and seduce us, they are one of the most complex pieces from the human being. The cities enclose a structure, however, the thing by which we are seduced is not only a structure, but also the dynamic of the subjects that inhabit it. Facing this fascination about cities, there are conducted studies that seek comprise the urban space related with the ways of life constituted in it, once the production of this space is the reflex of the relations of your habitants, at the same time that enable them to practice the life in common, share their wishes, needs and everyday problems. Understanding the cities' dynamics, the citizen and your relationship with the city, as well to understand the relationship of the city with it's citizen, and how this society relates itself with the technologies, translates itself in the perspectives of this work that is analyse how the geotechnologies can potentiate the knowledges about the dynamics that compose the urbanity by the High School students of the Public School from the county of Salvador (BA), considering the reflexes of the contemporarity in the understanding of the planned, lived and perceived space. The subjects involved in the research are the High School students from the School of Militar Police – CPM (Public School), Dendezeiros and Lobato Unities (lócus of the research), with the participation of 40 students(1^o, 2^o and 3^o Grades). The research was developed supported in the qualitative methodology, having as strategy the participating research. It's of beneficent relevance highlight the research described here as originated from the project *The School's Radio in the School of the Radio: rescue and diffusion of acknowledgement about the spaces of Salvador City*. The knowledgement about the city and the analysis of this space in which we live in through other points of view, perspectives, potentiating what we already know and opening other Windows, unveiling other ways of knowing it bring significant contributions in the study about the dynamics that composes the urbanity. Inside these possibilities, we emphasize the geotechnologies as a potentiality for a comprehension of the urban space, like "lenses" that contributes that the subjects understand their cities and establish new points of view about them, and this way being able to redimension their perceptions about this planned, lived and perceived space. Moreover, we seek to explore during the workshops, visits, courses and meetings with the students, the concepts related the TIC, from the resizing of the possibilities of the geotechnologies in their formation process, demonstrating the use of these technologies for the comprehension of the space, as well as the possibilities of memory registration of Salvador city's spaces. The students, contacting the dwellers and their stories, resignify the everyday processes that comes to be noticed in other ways, being able to live the city not just as viewers, but as it's living critics.

Palavras-chave: Urbanity, City, Space, Geotechnologies, Formation Processes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Cidade Ur.....	36
Figura 2: Eixo espaço-temporal completo.....	43
Figura 3: Eixo espaço-temporal.....	47
Figura 4: Satélites ao redor do Globo Terrestre.....	63
Figura 5: Tecnologias como processo histórico.....	64
Figura 6: A tecnologia como processo humano e criativo.....	65
Figura 7: Localização do Colégio da Policia Militar - Unidades Dendezeiros e Lobato.....	80
Figura 8: Localização do Colégio da Policia Militar – Unidade Dendezeiros.....	81
Figura 9: Foto do Colégio da Policia Militar – Unidade Dendezeiros.....	81
Figura 10: Localização do CPM – Unidade Dendezeiros na Península Itapagipana.....	82
Figura 11: Localização do Colégio da Policia Militar – Unidade Lobato.....	84
Figura 12: Foto da entrada do Colégio da Policia Militar - Unidade Lobato.....	84
Figura 13: Foto do Colégio da Policia Militar - Unidade Lobato.....	85
Figura 14: Localização do CPM – Unidade Lobato na Península Itapagipana.....	86
Figura 15: Palestra da apresentação do Projeto.....	91
Figura 16: Grupo dos alunos do Projeto CPM Lobato.....	92
Figura 17: Marca desenvolvida para o Projeto da Rádio.....	93
Figura 18: Oficina de Geotecnologias e suas possibilidades.....	94
Figura 19: Oficina de Geotecnologias e suas possibilidades.....	94
Figura 20: Imagem de Satélite do bairro Cabula – 2003.....	95
Figura 21: Imagem de Satélite do bairro Cabula – 2008.....	95
Figura 22: Visita Técnica CONDER.....	96
Figura 23: Visita Técnica CONDER.....	96
Figura 24: Visita Técnica a ECOTRILHA.....	99
Figura 25: Visita Técnica a ECOTRILHA.....	99
Figura 26: Visita ao IGHB.....	100
Figura 27: Visita ao IGHB.....	100
Figura 28: Oficinas de vídeo de bolso.....	105
Figura 29: Oficinas de vídeo de bolso.....	105
Figura 30: Foto da 1ª Edição do Evento <i>A Rádio da Escola na Escola da Rádio</i> ..	112
Figura 31: Foto da 1ª Edição do Evento <i>A Rádio da Escola na Escola da Rádio</i> ..	112

Figura 32: Foto da 2ª Edição do Evento <i>A Rádio da Escola na Escola da Rádio</i> ..	113
Figura 33: Foto da 2ª Edição do Evento <i>A Rádio da Escola na Escola da Rádio</i> ..	113
Figura 34: Foto do I Encontro dos Pesquisadores <i>A Rádio da Escola na Escola da Rádio</i>	115
Figura 35: Foto dos alunos I Encontro dos Pesquisadores <i>A Rádio da Escola na Escola da Rádio</i>	115
Figura 36: Esquema imagético que sintetiza a Tese.....	120
Figura 37: Estudantes do CPM apresentando trabalho no INTERCULTE 2011....	154
Figura 38: Estudantes do CPM apresentando trabalho no INTERCULTE 2011....	154
Figura 39: Estudantes do CPM apresentando trabalho no SBPC 2012.....	155
Figura 40: Estudantes do CPM apresentando trabalho no SBPC 2012.....	156
Figura 41: Estudantes do CPM apresentando trabalho na FEMMIC 2012.....	157
Figura 42: Estudantes do CPM apresentando trabalho no INTERCULTE 2012....	158
Figura 43: Estudantes do CPM apresentando trabalho no INTERCULTE 2012....	158
Figura 44: Estudantes do CPM Apresentando trabalho na II Feira de Ciências da Bahia e VII Feira Baiana de Matemática 2012.....	159
Figura 45: Estudantes do CPM Apresentando trabalho no III Encontro de Jovens Cientistas da Bahia 2012.....	160
Figura 46: Estudantes do CPM participando da FEBRACE 2013.....	161
Figura 47: Estudantes do CPM participando da FEBRACE 2013.....	161
Figura 48: Estudantes do CPM participando da Expo Nacional MILSET Brasil.....	162
Figura 49: Estudantes do CPM premiados para o Foro Internacional de Ciência e Engenharia no Chile.....	162

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Trilogia da Didática da Cidade (para pensar a cidade).....	119
Quadro 2: Premiação dos estudantes/pesquisadores do CPM na FEMMIC 2012.....	157

LISTA DE BAIROS DA CIDADE DE SALVADOR (BA)

(Utilizados para substituir os nomes dos alunos do Colégio da Polícia Militar /CPM - Unidades Dendezeiros e Lobato)

Boa Vista do Lobato

Bomfim

Cabula

Costa Azul

Mata Escura

Paripe

Pirajá

Plataforma

Ribeira

São Caetano

Vila Laura

SUMÁRIO

1.	TIJOLO POR TIJOLO: UMA OBRA EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO	17
1.1	PROBLEMA	21
1.2	OBJETIVOS	22
1.3	CAMINHOS METODOLOGICOS	23
2.	ESPAÇO, CIDADE E URBANIDADE	27
2.1	ESPAÇO	28
2.2	CIDADES	35
2.3	A CIDADE E O HABITAR	44
2.4	URBANIDADE E CIDADE	51
3.	GEOTECNOLOGIAS E PROCESSOS FORMATIVOS	58
3.1	GEOTECNOLOGIAS E/NA CONTEMPORANEIDADE	60
3.2	GEOTECNOLOGIAS NOS PROCESSOS FORMATIVOS	67
4.	ARQUITETOS E MORADORES: CRIANDO ESPAÇOS E ESTILOS.....	71
4.1	ABORDAGEM QUALITATIVA	73
4.2	PESQUISA PARTICIPANTE	77
4.3	LÓCUS DA PESQUISA	79
4.3.1	Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade: Dendezeiros	79
4.3.2	Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade: Lobato	83
4.3.3	Sujeitos da Pesquisa	86
4.4	O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	87
5.	REFLEXÕES DA/NA URBANIDADE... SOBRE OS CAMINHOS E DINÂMICAS DA PESQUISA.....	90
5.1	DESENVOLVIMENTO DO PROJETO “A RÁDIO DA ESCOLA NA ESCOLA DA RÁDIO”	91
5.1.1	Conhecer a cidade: olhares do concebido ao vivido.....	93
5.1.2	Os sujeitos e suas histórias na/da cidade: mergulhos na urbanidade.....	101
5.1.3	Entrelaçando falas e vivências.....	110
6.	(IN)CONCLUSÃO: TODA VIAGEM SUSCITA TRANSFORMAÇÕES.....	123
	REFERÊNCIAS	131
	APÊNDICES	138
	APÊNDICE A – INSTALAÇÕES FÍSICAS DO CPM / UNIDADE DENDEZEIROS.....	138
	APÊNDICE B – QUANTIDADE DE ALUNOS POR SÉRIE E TURNO / 2013 - CPM UNIDADE DENDEZEIROS.....	139

APÊNDICE C – QUANTIDADE DE ALUNOS POR TURNO / 2013 - CPM UNIDADE DENDEZEIROS.....	140
APÊNDICE D – QUANTIDADE DE PROFESSORES POR TURNO / 2013 - CPM UNIDADE DENDEZEIROS.....	140
APÊNDICE E – ESCOLARIDADE DOS PROFESSORES / 2013 – CPM UNIDADE DENDEZEIROS.....	140
APÊNDICE F – INSTALAÇÕES FÍSICAS DO CPM UNIDADE LOBATO.....	141
APÊNDICE G – QUANTIDADE DE ALUNOS POR TURNO / 2013 - CPM UNIDADE LOBATO.....	142
APÊNDICE H – QUANTIDADE DE PROFESSORES POR TURNO / 2013 - CPM UNIDADE LOBATO.....	142
APÊNDICE I – ESCOLARIDADE DOS PROFESSORES / 2013 - CPM UNIDADE LOBATO.....	142
APÊNDICE J – TERMO DE COMPROMISSO (PAIS).....	143
APÊNDICE K – TERMO DE COMPROMISSO (ALUNOS).....	144
APÊNDICE L – TERMO DE PARCERIA.....	145
APÊNDICE M – PLANO DE PESQUISA INDIVIDUAL DO ESTUDANTE.....	146
APÊNDICE N – DIÁRIO DE OBSERVAÇÃO DO ESTUDANTE.....	148
APÊNDICE O – FICHA DE MATRICULA.....	150
APÊNDICE P - TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA.....	151
APÊNDICE Q - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM.....	153
APÊNDICE R – APRESENTAÇÕES E PUBLICAÇÕES EM EVENTOS ACADÊMICOS.....	154
VI Encontro Interdisciplinar de Cultura, Tecnologias e Educação.....	154
64ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC..).....	155
Feira dos Municípios e Mostra de Iniciação Científica (FEMMIC) 2012.....	156
VII Encontro Interdisciplinar de Cultura, Tecnologias e Educação (INTERCULT).....	158
II Feira de Ciências da Bahia e VII Feira Baiana de Matemática.....	159
III Encontro de Jovens Cientistas da Bahia.....	159
Feira Brasileira de Ciência e Engenharia (FEBRACE).....	160
Expo Nacional MILSET Brasil.....	161
VIII Encontro Interdisciplinar de Cultura, Tecnologias e Educação (INTERCULT).....	162

1. TIJOLO POR TIJOLO: UMA OBRA EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

São muitos os que buscam os caminhos do mundo.
Mas os caminhos do mundo não estão traçados.
Ainda que haja muitos desenhados nas cartografias,
emaranhados nos atlas, todo viajante
busca abrir caminho novo, desvendar o desconhecido,
alcançar a surpresa ou o deslumbramento.
A rigor, cada viajante abre seu caminho, não só quando desbrava o desconhecido,
mas inclusive quando redesenha o conhecido.
(IANNI, 2003, p.29).¹

Começar a escrever significa para mim, começar uma “edificação” no qual estou colocando meu primeiro “tijolo” nessa “obra” em permanente construção... e, durante esse processo “construtivo”, a cada “tijolo” vou narrando minha “viagem”. Ianni (2003) sabiamente descreveu esse processo, em seu texto “A metáfora da viagem”, como se o viajante e a sua narrativa revelassem a todo tempo o que se sabe e o que não se sabe, o conhecido e o desconhecido, o próximo e o remoto, o real e o virtual. A viagem pode ser breve ou demorada, instantânea ou de longa duração, delimitada ou interminável, passada, presente ou futura.

A minha “viagem” vem da área das Ciências Exatas, mais precisamente da Engenharia Civil, com duas especializações (Metodologia do Ensino Superior e em Formação de Professores em Educação à Distância), e Mestrado em Administração de Empresas e Mestrado em Pedagogia Profissional. A ênfase da minha formação acadêmica esteve e está associada ao Ensino de Engenharia. Trabalho com tecnologias, e como uma “viagem” compreende várias significações e conotações simultâneas, complementares ou mesmo contraditórias, tinha uma visão restrita sobre as tecnologias, um conceito puramente técnico e material.

A minha caminhada iniciou em 1987, quando passei a compor o quadro de docentes da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, onde lecionei para diversos cursos como Licenciatura em Construção Civil, Licenciatura em Eletricidade, Licenciatura em Química Aplicada, Desenho Industrial, Urbanismo e Nutrição,

¹ IANNI, Octávio. A metáfora da viagem. In: **Enigmas da modernidade-mundo**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ministrando as disciplinas: Desenho Básico, Desenho Técnico, *Croqui Industrial*, Projetos Arquitetônicos, Planejamento e Projetos, Ergonomia, Sistemas Mecânicos, entre outras. Atualmente sou lotada como Professora Titular, no Departamento de Ciências Exatas e da Terra – DCET / Campus I / Salvador e leciono para o curso de Engenharia de Produção Civil as disciplinas Introdução à Engenharia de Produção Civil, Metodologia Científica e Tecnológica da Produção e estou na coordenação da Disciplina Estágio Supervisionado.

Como toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as quanto recriando-as, na Universidade exerci diversos cargos, como Chefe de Departamento, Coordenadora de Colegiado de Cursos e Diretora de Departamento. Ao mesmo tempo em que, durante a minha “viagem”, fui direcionando e significando, nesse processo, fui ressignificando, demarcando diferenças, singularidades ou alteridades, demarcando semelhanças, continuidades e ressonâncias. Tanto singularizando como universalizando, projetando no espaço e no tempo um “eu nômade”, reconhecendo as diversidades e tecendo as continuidades.

Em 2009 me aproximei do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC, como aluna especial, e cursei a disciplina TEE 030 – Tópicos Especiais em Educação: Políticas Públicas e Tecnologias da Informação e Comunicação, com os professores Tânia Maria Hetkowski e Antônio Amorim, o que oportunizou a minha participação nas discussões do Fórum de Pesquisa da então Linha II (hoje Linha IV – Educação, Currículo e Processos Tecnológicos), despertando assim, o desejo de ingressar no Doutorado nesta área de concentração.

Comecei a participar das reuniões do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade - GEOTEC/UNEB², coordenado pela professora Tânia Maria Hetkowski. Esse grupo tem composição multidisciplinar e multirreferencial, com a participação de pesquisadores de diversas áreas de conhecimento (geografia, pedagogia, engenharia civil, administração, design, informática, educação física, filosofia, artes, entre outras). Nele estudamos e

² Grupo de Pesquisa vinculado a Linha de Pesquisa IV (Educação, Currículo e Processos Tecnológicos) do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC e a Área de Concentração II (Processos Tecnológicos e Redes Sociais) do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC. www.uneb.br/geotec; <https://WWW.facebook.com/pages/Grupo-de-Geotecnologias-Educa%C3%A7%C3%A3o-e-Contemporaneidade/1403484209868605?ref=hl>

aprofundamos os pressupostos epistemológicos, ontológicos e metodológicos sobre as potencialidades das tecnologias na educação, entendidas como processo humano e criativo, que envolve elementos que são materiais e imateriais. (LIMA JR., 2007, 2005; LIMA JR. e HETKOWSKI, 2006; BRITO e HETKOWSKI, 2010), além do redimensionamento das geotecnologias.

As geotecnologias “[...] representam a capacidade criativa dos homens, através de técnicas e de situações cognitivas, representar situações espaciais e de localização para melhor compreender a condição humana.” (HETKOWSKI, 2010, p. 3518). Com as geotecnologias podemos desenvolver e aplicar técnicas de geolocalização para o redimensionamento dos espaços das cidades; explorar metodologias para a educação cartográfica à compreensão dos espaços vividos, concebidos e percebidos; agregar diferentes recursos à compreensão dos espaços das cidades, como o *Global Positioning System* (GPS) ou Sistema de Posicionamento Global, ferramentas *Web* de visualização, jogos e simuladores digitais, realidade aumentada, cartografia digital; e desenvolver atividades de pesquisa de campo nas escolas da Rede Pública, com alunos da educação básica. (HETKOWSKI; ALVES, 2012, p.8).

O GEOTEC utiliza como pilar epistemológico para a discussão sobre espaço autores como Santos (2009, 2008a, 2008b, 2008c, 2007, 1997, 1988), Lefebvre (1974, 1991, 2008) e Certeau (2009) e sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação Lévy (2010, 2007, 1993), Alves (2000), Lima Jr. e Hetkowski (2006, 2004), Hetkowski (2013, 2012, 2011, 2009), Hetkowski e Alves (2012).

Nas primeiras reuniões do Grupo de Pesquisa me sentia insegura devido ao pouco conhecimento sobre as geotecnologias, porém, enfrentei mais este desafio, e hoje, bem mais segura, me aproprio do texto do autor Ianni (2003, p.13) quando afirma que “[...] são muitos os que buscam o desconhecido, a experiência insuspeitada, a surpresa da novidade, a tensão escondida nas outras formas de ser, sentir, agir, realizar, lutar, pensar ou imaginar”, pois, contando com o apoio das pessoas que compõem esse grupo para entendimento do conceito e aplicação das tecnologias, fui pesquisando e aprofundando as leituras, compreendendo melhor o tema. Abro aqui um parêntese para destacar a postura da professora Tânia Maria Hetkowski na condução dos trabalhos do nosso grupo, pois a mesma consegue agregar e dialogar com pessoas das diversas áreas de conhecimento, respeitando suas dificuldades e diferenças, promovendo trocas e experiências, compartilhando

ideias, mantendo o grupo unido numa relação de ética, humildade e confiança, o que se traduz no crescimento individual e coletivo dos seus componentes.

Ao continuar o meu percurso, em 2010 ingressei como doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB, no qual desenvolvo esta pesquisa e continuo integrante do grupo GEOTEC. Este grupo, ao longo de sua trajetória vem desenvolvendo vários projetos, dentre eles:

- *Kimera: cidades imaginárias*³, realizado por meio de parceria entre a UNEB e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo como objetivo construir um jogo-simulador de cidades para a Rede Pública de Ensino de Salvador/BA, bem como criar possibilidades para relacionar e representar os espaços vivido, percebido e imaginado, potencializando a criação de cidades híbridas, de elementos reais, imaginários, fantasiosos, pretendidos e desejados a partir dos recursos disponibilizados no ambiente;
- *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador/BA*⁴, *lócus* e objeto motivador ao desenvolvimento dessa tese, o qual tem como objetivo demonstrar as potencialidades da aplicação das geotecnologias digitais no resgate da história dos bairros da Cidade de Salvador/BA (mapeamento dos bairros, entrevistas, autobiografias, memórias orais, crescimento, situações ambientais, educacionais, imobiliárias, sanitárias, entre outras), contadas a partir do olhar dos interatores sociais. Dessa forma, promove processos que são formativos desses sujeitos, além de consolidar a relação entre Escolas Públicas (*lócus* da pesquisa), a Universidade e a comunidade de Salvador (BA), uma vez que o resgate e o registro da memória dos bairros são elementos importantes para a compreensão da dinâmica dos espaços vividos, concebidos e percebidos pelos interatores no que concerne as aprendizagens sobre geolocalização, história, meio ambiente, ética social, urbanidade entre outros conceitos que poderão influenciar na construção de novos saberes e fazeres em sala de aula. (HETKOWSKI, 2013).

Ainda parafraseando Ianni (2003), a “viagem” pode ser uma longa faina destinada a desenvolver o eu. As inquietações, descobertas e frustrações podem agilizar as potencialidades daquele que caminha, busca ou foge. Ao longo da

³ Aprovado no Edital nº 28/2010 MEC/CAPES e MTC/CNPq/FINEP.

⁴ Aprovado no Edital nº 29/2010 FAPESB/BA.

travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre o mesmo e diferente, idêntico e transfigurado. Pode até revelar-se irreconhecível para si próprio, o que pode ser uma manifestação extrema de desenvolvimento do eu. Um eu que se move, reitera-se e modifica-se, até mesmo desenvolvendo sua autoconsciência; ou aprimorando a sua astúcia. Da minha interface profissional com as geotecnologias, o viés tecnicista é muito forte, neste sentido, vislumbro na posição acadêmica, utilizar o potencial das geotecnologias para auxiliar na construção de novas perspectivas sobre a urbanidade, buscando a partir desta dinâmica, demonstrar possibilidades de redimensionar os processos formativos de sujeitos soteropolitanos.

A cidade é uma das obras mais complexas do ser humano. Facilmente nos deixamos seduzir por várias cidades do mundo, mas também por aquelas que estão mais próximas. “Elas encerram uma estrutura, no entanto, aquilo pelo qual nos seduzimos não é a estrutura, mas o que nela deixa lugar para a habitação.” (PROENÇA, 2011, p.6).

A cidade como temática tem suscitado pesquisas, olhares, respeito e atenção por parte das diversas áreas do conhecimento. Como descreve Pesavento (2007):

As cidades fascinam. Realidade muito antiga, elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. Nessa aurora do tempo, milênios atrás, elas lá estavam, demarcando um traçado, em formato quadrado ou circular; definindo um espaço construído e organizado, logo tornado icônico do urbano — torres, muralhas, edifícios públicos, praças, mercados, templos; a exibir sociabilidades complexas e inusitadas na aglomeração populacional que abrigavam; a ostentar a presença de um poder regulador da vida e de outro ordenador do além, na transcendência do divino. (p.11).

Diante desse fascínio sobre as cidades, são realizados estudos que buscam compreender o espaço urbano relacionado com os modos de vida, uma vez que a produção desse espaço, possibilita que seus habitantes possam praticar a vida em comum, compartilhando seus desejos, necessidades e problemas cotidianos. Conhecer as dinâmicas da cidade, os cidadãos e sua relação com a cidade, bem como conhecer a relação da cidade com seus cidadãos, e como essa sociedade se relaciona com as tecnologias, me fez questionar: Como as geotecnologias podem auxiliar os alunos do Ensino Médio da Rede Pública de Salvador (BA) no

entendimento acerca das dinâmicas que compõe a urbanidade, considerando os reflexos da contemporaneidade na compreensão dos espaços concebido, vivido e percebido na cidade?

Assim, em diálogo com Hetkowski (2011), o conhecimento acerca dos espaços vivido e percebido na formação dos sujeitos agrega novas possibilidades de reflexão sobre questões sociais integradas, pois além de focar a existência, pode ser discutida a localização dos fenômenos, entre outras análises geográficas. Novas possibilidades na utilização das geotecnologias são reveladas, que não aquelas voltadas para à produção, ao controle e a circulação, mas relacionadas à compreensão social do espaço, e sua inclusão no sentido de um processo social de construção e apropriação.

Para tanto, o objetivo principal desta proposta é analisar como as geotecnologias podem potencializar os conhecimentos acerca das dinâmicas que compõem a urbanidade pelos alunos do Ensino Médio da Rede Pública da Cidade do Salvador (BA), considerando os reflexos da contemporaneidade na compreensão dos espaços concebido, vivido e percebido.

Para alcançar tal objetivo será necessário:

- Redimensionar as potencialidades das geotecnologias no processo formativo dos alunos do Ensino Médio da Rede Pública;
- Investigar como os partícipes da pesquisa (alunos do Ensino Médio) percebem a cidade do Salvador, tendo como ponto de partida o olhar (entendimento) dos mesmos no que diz respeito a dinâmica desse espaço;
- Compreender como o conceito de Urbanidade é entendido pelos alunos a partir dos processos formativos dos mesmos;
- Pesquisar como os sujeitos redimensionam a concepção de Urbanidade, a partir dos espaços concebido, vivido e percebido.

No que concerne ao contexto da minha pesquisa, os objetivos estão relacionados ao desenvolvimento de uma Tese em Educação com significativas contribuições no estudo sobre as dinâmicas que compõem a urbanidade, espaços concebido, vivido e percebido, e das geotecnologias, colaborando assim, para os processos formativos dos alunos envolvidos, contextualizado-as como sujeitos da e na contemporaneidade.

Nesse sentido, além de leituras de livros, artigos, monografias, dissertações e teses sobre a temática estudada, destaco, as discussões no grupo de pesquisa

GEOTEC (ao qual esta tese faz parte de um projeto maior, o Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador/BA*) como fundamentais para o desenvolvimento e entendimento das categorias essenciais à construção desta propositiva. Como lembra Marques (2008, p. 116), “[...] é no andar da carroça que se ajustam as abóboras, também é no andar da pesquisa que ela se reorganiza, e se reconstrói de contínuo harmonizando seus distintos momentos”.

O supracitado autor afirma que, na pesquisa, como em toda a obra de arte, a segurança se produz na incerteza dos caminhos. E, por considerar as especificidades do objeto da pesquisa, optei por uma abordagem qualitativa, sendo que o universo desta não é passível de ser captado por hipóteses perceptíveis, verificáveis e quantificáveis. A imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizada no contexto social do qual emerge, é condição essencial para o desenvolvimento desta abordagem, sendo que, por meio dela, consegue-se penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais, ações e relações adquirem sentido. Assim, as temáticas, a exemplo da pautada neste projeto, demandam um estudo, fundamentalmente, interpretativo.

Diante desta opção, com o propósito de compreender o objeto, destacamos a pesquisa participante, a qual possibilita ao pesquisador envolver-se no mesmo, desencadeando um movimento próprio à validação dos resultados obtidos. Segundo Macedo (2004), a pesquisa participante, ao mesmo tempo em que favorece a realização da ação educacional, favorece também a compreensão do sentido e do significado presentes na ação pedagógica e o desenvolvimento do sentido de pertencimento dos sujeitos envolvidos nesse processo em relação ao lugar, onde os mesmos desenvolvem suas vidas cotidianas.

Nesta pesquisa os sujeitos envolvidos são os alunos de Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar - CPM (Escola Pública), Unidade Dendezeiros e Lobato da Cidade de Salvador (*lócus* da pesquisa), com a participação de 40 estudantes (1º, 2º e 3º anos), sendo desencadeados, paralelamente, os seguintes procedimentos:

- Aprofundamento teórico: nesta dimensão foram estudados conceitos relacionados à Cidade, Urbanidade, Espaço, Espaços Concebidos, Percebidos e Vividos, Geotecnologias e Processos Formativos na Contemporaneidade;

- Pesquisa participante (a escola como *lócus* e campo) com o desenvolvimento de atividades junto aos estudantes do Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar – CPM (Dendezeiros e Lobato), organizadas e planejadas através de encontros: esse planejamento consistiu na escolha, elaboração e/ou (re) adaptação de atividades voltadas para a temática sobre cidades, urbanidades, processos formativos e geotecnologias. Ao longo dessa dinâmica de construção do campo de estudo, esse planejamento foi revisitado à medida que novas leituras e/ou situações de aprendizagem eram elaboradas e exigiam o redimensionamento de práticas. Realizamos, nesses encontros, atividades de leitura, oficinas temáticas, visitas técnicas e estudo de campo em bairros da Cidade do Salvador (BA), discussões teóricas acerca das cidades, das formas de representação e entendimento dos espaços vividos, concebidos e percebidos;
- Análise dos dados: em última instância, a troca de informações e o compartilhamento dos resultados da pesquisa com a comunidade acadêmica envolvida.

O caminho percorrido foi muito longo, grandes desafios foram enfrentados, muitos obstáculos e conflitos, foram vencidos, porém essas questões foram gradativamente orientadas e (re)elaboradas, para que esse objeto de estudo, viesse a implicar na construção do meu conhecimento. Como já mencionado anteriormente, venho da formação em engenharia civil, área considerada “ciências duras” e no início do doutorado tive muitas dificuldades com as leituras, no entendimento sobre os assuntos relacionados às ciências humanas e à educação. Como engenheira minha prática é a da “construção concreta, palpável, material” e nesse “novo”⁵ campo de estudo o entendimento é mais “abstrato”, totalmente diferente do caminho percorrido durante vários anos de profissão, de docência. Porém, as discussões com a minha orientadora, juntamente com os colegas, nos fóruns, ajudaram nessa caminhada.

No início do doutorado pensando “materialmente” fiz vários cursos na Universidade Federal da Bahia – UFBA, sobre a utilização dos softwares de geotecnologias, participei de seminários, fiz com o professor José Cosme dos Santos, geógrafo e docente da UNEB, um curso intensivo sobre cartografia, pois,

⁵ A palavra “novo” foi colocada por ser o Doutorado em Educação um desafio a vencer em minha caminhada profissional, novos conhecimentos a serem apreendidos e aprendidos.

não compreendia o que era “potencialização das geotecnologias no processo formativo”, nessa confusão pessoal entendia que deveria saber utilizar todos os softwares relacionados a geotecnologias e cartografia. Depois de muitas leituras, cursos, seminários, pesquisas, das orientações da professora Tânia Hetkowski, das “coorientações” dos meus colegas Francisco Brito, Fabiana Nascimento e Inaiá Brandão comecei a entender que nem tudo é “material”.

Saliento ainda as contribuições e orientações que foram sugeridas durante minha qualificação, pelas professoras Maria Cristina Machado e Liliane Mariano, e pelo professor Arnaud Lima Junior, serviram como bússola no rumo do meu projeto de tese.

“Precisamos não de um dia bonito de céu azul, mas de uma boa dose de paciência para produzir alguma coisa interessante, para organizar raciocínios, transformar barro em tijolos e tijolos em casa.”(FREITAS, 2002, p.91). Assim, pautada neste ensinamento, essa tese foi organizada em seis momentos:

- No capítulo I denominado “Tijolo por tijolo: uma obra em permanente construção” apresentamos a introdução da pesquisa, que nada mais é que uma retomada dos caminhos andados... Onde faço uma descrição do objeto de estudo justificando sua importância e contribuições para a sociedade, sua problemática, o objetivo geral e os objetivos específicos, o caminho metodológico, bem como o entrelaçamento da temática com minha trajetória pessoal.
- No capítulo II denominado “Espaço, cidade e urbanidade,” apresento algumas reflexões sobre o conceito de espaço, o processo histórico das cidades e da urbanidade a partir da interlocução com importantes autores como Lefebvre (2009, 2008), Santos (2009, 2008a, 2008b, 2007, 1988), Câmara (2001), Carlos (2009, 2001a, 2001b), Cavalcanti (2008, 2007), Gonçalves (2007), Moreno (2002), Ribeiro (2011), entre outros, que trazem grandes contribuições para o entendimento da dinâmica espacial.
- No capítulo III denominado “Geotecnologias e processos formativos,” aprofundo e redimensiono os conceitos de Geotecnologias e Processos Formativos.
- No capítulo IV denominado “Arquitetos e moradores: criando espaços e estilos,” busco demonstrar o percurso metodológico, a abordagem e estratégia utilizada, assim como o *lócus* e os sujeitos da pesquisa.

- O capítulo V denominado “Reflexões da/na Urbanidade... sobre os caminhos e dinâmicas da pesquisa”, é tecido a partir das experiências construídas com os Pesquisadores Juniores (sujeitos da pesquisa), para tanto, foram empreendidas práticas, análises, reflexões e reflexos oriundos dos trajetos dessa pesquisa e subsidiados pelas categorias Cidade, Urbanidade, Espaço, Geotecnologias e Processos Formativos.
- Conclusão denominado “In(conclusão): toda viagem suscita transformações” compartilho os resultados da pesquisa, embora esses resultados não estejam fechados e acabados, eles devem apontar para novos horizontes de pesquisa.

2. ESPAÇO, CIDADE E URBANIDADE

A cidade é a forma,
é a materialização de determinadas relações sociais
que se materializam no espaço.
Porém, não se pode fazer uma separação absoluta
entre espaço urbano e cidade, assim como,
numa análise dialética, não se pode fazer separação absoluta
entre forma e conteúdo - há entre as duas categorias
uma relação de interdependência dialética.
(CAVALCANTI, 2008, p.14).

Neste capítulo abordamos o espaço, a cidade e a urbanidade como temas interligados e imbricados, cuja compreensão se estabelece de forma indissociada. No espaço se manifesta a vida, a condição, o meio e o produto da realização da sociedade humana em toda sua plenitude e o homem, se apropriando do espaço, transforma-o e passa a conceber-lhe um caráter social, revelado pela relação espaço-tempo. Sendo assim, o trabalho humano sobre a natureza materializa a cidade como produto histórico e social, composto de sistemas de objetos e sistema de ações, os quais conjugados permitem transitar do passado ao futuro, mediante a consideração do presente. (SANTOS, 2008a). Nesta dimensão, a cidade revela a maneira pela qual ocorre a (re)produção do espaço, demonstrando um movimento, essencialmente, contraditório entre ações que a compõe, um modelo de criação e de ações contínuas, espaço das contradições e das cisões, nessa direção a cidade é ao mesmo tempo o lugar do cotidiano e o refúgio contra o cotidiano, o modo como nos relacionamos nesse “lugar”. (LEFEBVRE, 2008).

Para uma maior compreensão de tais percepções, estabeleceremos um diálogo com importantes interlocutores como: Lefebvre (2009, 2008), Santos (2009, 2008a, 2008b, 2007, 1988), Câmara (2001), Carlos (2009, 2001a, 2001b), Cavalcanti (2008, 2007), Gonçalves (2007), Moreno (2002), Ribeiro (2011), entre outros, que trazem grandes contribuições para o entendimento da dinâmica espacial.

2.1 Espaço

Os diversos elementos que compõem a existência
comum dos homens inscrevem-se em um espaço;
Deixam ai suas marcas.
Lugar onde se manifesta a vida, o espaço é
condição, meio e produto da realização da
sociedade humana em toda a sua multiplicidade.
(CARLOS, 2001a, p.11).

O que é o espaço? Essa é uma pergunta que vem sendo feita, analisada, refletida, pesquisada, redimensionada e conceituada de várias formas, em diversos contextos, apresentando concepções distintas que podem ser abordadas na busca pelo entendimento do que vem a ser o mesmo. Podemos assim, entender o espaço sob várias perspectivas, como, por exemplo: a sociológica, econômica, urbanística, geográfica, antropológica, dentre outras. No entanto, não podemos perder de vista que todas essas percepções são complementares dentro de um todo, para uma maior apreensão e compreensão da dinâmica espacial. “O espaço é movimento, contém o movimento” (SANTOS, 1997, p.71), o espaço é dinâmico e compartilhado.

Neste trabalho, entretanto, entendemos o espaço como sendo o resultado da sociedade humana constituída em diferentes contextos geo-históricos, expressando assim as marcas produzidas pelo ser humano, reflexos da sua existência, que se materializam nos diversos elementos constituintes do espaço. “Reproduzido ao longo de um processo histórico ininterrupto de constituição da humanidade do homem, este é também o plano da reprodução” (CARLOS, 2001a, p.11), a experiência de vivenciar o espaço traduz-se na aventura humana de desvendar o mundo. Ao reproduzir sua existência...

[...] a sociedade reproduz, continuamente o espaço. Se de um lado o espaço é conceito abstrato, de outro tem uma dimensão real e concreta como lugar de realização da vida humana, que ocorre diferencialmente no tempo e no lugar e que ganha materialidade por meio do território. (CARLOS, 2001a, p. 11).

O espaço se compõe de experiências, além de permitir a vida, é o lugar onde gerações sucessivas deixarão suas marcas, projetarão suas utopias e seu imaginário. Para Carlos (2001a, p.11-12), “A sociedade constrói um mundo objetivo;

na prática socioespacial, esse mundo se revela em suas contradições, em um movimento que aponta um processo em curso, com base no processo de reprodução das relações sociais”, mundo esse, que se concretiza como relação espaço-temporal, pois é no espaço que percebemos as possibilidades concretas de realização da sociedade. Esse processo se realiza, reproduzindo continuamente a cidade, e, nessa pesquisa em particular, a cidade de Salvador (BA), que assume a forma de metrópole. Conforme Carlos (2001, p.12), “[...] o termo ‘metrópole’ revela um momento histórico do processo de reprodução da cidade, portanto não estamos diante de um novo processo, mas de transformações históricas no processo de constituição do espaço urbano.” Nesse contexto, a análise do processo de produção do espaço urbano demanda a justaposição de vários planos da realidade, isto é, de momentos diferenciados da reprodução da sociedade, a exemplo, da dominação política, da acumulação de capital e da própria realização da vida humana.

Santos (2009) afirma que no mundo globalizado “[...] o espaço ganha novos contornos, novas características, novas definições”. (p.79). O espaço assume uma dimensão global, revelando-se no plano do abstrato, que se liga ao plano do conhecimento, a produção social, a prática socioespacial, articulando-se assim, ao plano do concreto e, conseqüentemente, a “[...] materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares.” (CARLOS, 2001, p.12). Sendo essa dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida e vivida. Podemos afirmar que o ser humano se apropria do mundo por meio da apropriação do espaço, por meio do corpo e dos sentidos.

O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo são as pessoas e os lugares. (SANTOS, 2008b, p.29). Nunca em nenhum outro período da história as pessoas se “moveram” tanto sem sair do lugar e sem saber quando conseguirão chegar a algum destes lugares pensados e imaginados.

Nessa proposição, podemos dizer que o espaço, de um lado é localização e, de outro, um conteúdo social, gerado pelas relações sociais que se “[...] realizam em um tempo-espaço determinado, aquele de sua reprodução na sociedade” (CARLOS, 2001, p.12), no movimento de produção, apropriação e reprodução.

Para Lefebvre (2008), o aspecto teórico mais importante do espaço é a sua natureza multifacetada, já que considera que a análise do espaço não abrange

apenas a sua natureza física, uma vez que no espaço estão contidos processos subjetivos que são influenciados, como também influenciam a própria dinâmica espacial. Logo, o espaço não poderia ser reduzido apenas a uma localização ou à relações sociais de posse ou de propriedade. O espaço é a representação de uma multiplicidade de preocupações sociais, políticas, culturais e técnicas.

O espaço envolve as contradições dessa realidade à medida que é um produto social. O mesmo torna-se uma mercadoria que se abstrai enquanto mundo, ao mesmo tempo em que traduz as diferenças e as particularidades contextuais, conferindo a possibilidade de antever os movimentos de opressão ou de emancipação do homem por meio da dialética espacial. Considera-se que o espaço é socialmente produzido, envolvendo as relações de produção e reprodução, portanto é dinâmico e nessas condições, segundo Lefebvre (1974), a sua produção emerge de uma tríade, sejam elas: dimensão percebida (que são as práticas espaciais, e, por sua vez abarcam as relações sociais de produção), dimensão concebida (que são as representações do espaço também referentes às relações de produção, a ordem que estas impõem, a serviço de estratégia hegemônica) e dimensão vivida (que se trata da dimensão simultaneamente concreta e abstrata, que corporifica o real e o imaginário, formando os espaços de representação). Essa tríade corresponde a diferentes caminhos de produção do espaço, atribuindo-lhes qualidades e atributos diferentes, tornando-se dimensões imbricadas, que interagem entre si.

Ainda na concepção de Lefebvre (1974), as relações sociais possuem existência real como existência espacial concreta, na medida em que produzem, efetivamente, um espaço, neste interim, se inscrevendo e se realizando. As relações sociais ocorrem em um lugar determinado, sem a qual não se concretizariam, em um tempo fixado ou apurado que marcaria a duração da ação.

Assim, o espaço é ao mesmo tempo o local da ação, como também a possibilidade social de engajar-se na mesma, isto é, não é apenas o local onde ocorrem as ações, mas também a significação e a permissão de participar de tais eventos. As relações sociais possuem existência real como existência espacial concreta na medida em que produzem, efetivamente, um espaço, se inscrevendo e se realizando, o espaço e tempo aparecem por meio da ação humana em sua indissociabilidade, uma ação que se realiza como modo de apropriação.

O espaço não é mais simplesmente o meio indiferente, a soma dos lugares onde a mais-valia se forma, se realiza e se distribui. Ele se torna produto do trabalho social, isto é, objeto muito geral da produção, e, por conseguinte, da formação da mais-valia. [...] Hoje, o espaço inteiro entra na produção como produto através da compra, da venda, da troca de parcelas do espaço. (LEFEBVRE, 2008, p.140).

A relação entre o espaço é uma condição geral da existência e reprodução da sociedade, no modo de produção capitalista ele é utilizado como meio de produção para a geração de mais valia, além de propiciar a obtenção de uma renda aos proprietários fundiários, sendo nesse sentido consumido produtivamente. O espaço, considerado como produto, resulta das relações de produções que está a cargo de um grupo atuante, no qual o trabalho seria a medida real do valor de troca de todas as mercadorias, já que o trabalho seria a essência comum entre elas. Toda mercadoria teria um preço natural, correspondente ao seu valor, e um preço de mercado que dependeria da relação entre oferta e demanda das mercadorias. Essa natureza social da mercadoria aparece, no entanto oculta pela aparência “de relação social entre coisas”, visto que pela divisão do trabalho, o trabalhador perde a compreensão da totalidade do processo produtivo e não se vê mais como produtor de toda a riqueza, mas como um simples instrumento do capital.

Na sociedade capitalista o valor de uso é subordinado ao valor de troca, uma vez que as mercadorias são produzidas apenas como um meio para a extração da mais valia e não para a satisfação das necessidades sociais. A sociedade capitalista traz, portanto, uma contradição entre o valor de uso e valor de troca que aparece de forma muito específica no espaço urbano. Assim, “[...] os processos de valorização do espaço passam, pela mercantilização do próprio espaço, mais concretamente pela mercantilização dos lugares.” (SEABRA, 1988). A estratégia vai mais longe que a simples venda de parcelas, pedaço por pedaço, do espaço. Ela não só faz o espaço entrar na produção da mais-valia, ela visa uma organização completa da produção subordinada aos centros de informação e de decisão.

O espaço é produto desta sociedade que determina novos padrões, no qual a vida cotidiana transforma radicalmente a sociabilidade, empobrecendo-a na medida em que as relações entre as pessoas passam a ser substituídas por relações puramente profissionais ou institucionais, acelerando o tempo em função do desenvolvimento tecnológico, requerendo assim, a construção de novos espaços, modificando as relações dos sujeitos com o lugar e no lugar, redefinindo a sua

prática socioespacial, criando novos padrões, que se impõem de fora para dentro, pelo poder da constituição da sociedade de consumo, modelos de comportamento e valores que se pretendem universais, apoiado pela mídia, que ajuda a impor os padrões e parâmetros para a vida, pela rede de comunicação que aproxima os homens e lugares, em um espaço-tempo diferenciado e desigual.

Podemos considerar que o processo de “apropriação” do espaço, engloba duas dimensões: um componente comportamental que supõe ação-transformação e outra, de identificação simbólica, que supõe uma identificação do sujeito com o espaço, onde estão contidos os processos afetivos, cognitivos e interativos. Essas dimensões são basilares, uma vez que se trata de reconverter um espaço distante e estranho em um lugar significativo. Nessa direção, Santos (2008^a, p.21) traz outro aspecto teórico do espaço, partindo do princípio de que o espaço seja considerado “[...] como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de um sistema de ação”.

O espaço é desse modo, formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistemas de objeto e sistemas de ações, que não podem ser considerados de forma isolada. “O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes.” (SANTOS, 2008a, p. 63). Destarte, o sistema de objetos corresponde aos elementos naturais e elementos produzidos pelo ser humano, enquanto o sistema de ações refere-se às relações humanas na interação com os objetos.

Tais sistemas (de objetos e de ações) interagem e estabelecem uma relação de reciprocidade, pois à medida que as ações interferem na composição dos objetos estes redimensionam as ações. Os objetos ganham sentido e função a partir da ação humana, assim como a ação humana é refeita e recriada por meio da interação com os objetos especializados. Assim, a partir do momento em que o homem se apropria das “coisas” e lhe concebe sentido, dentro de um “conjunto de intenções sociais”, transformam-nas em objetos. Como resultado, o espaço encontra sua dinâmica e se transforma.

A dinâmica empreendida por esses sistemas influencia na composição da configuração territorial, que para o mesmo autor, “[...] não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto que o espaço reúne materialidade e a vida que anima.” (SANTOS, 2008a, p. 38), ou seja, a configuração territorial tem

uma existência material própria, porém, sua existência social somente lhe é concebida pelas relações sociais.

Num breve conceito acerca do espaço, Câmara (2001) corrobora com o pensamento de Santos (2008a):

O conceito de *espaço* era indivisível dos seres humanos que o habitam e que o modificam todos os dias, através de sua tecnologia. Em sua concepção, o espaço era ao mesmo tempo *forma* (como as estruturas de uma imagem de satélite de nossa cidade) e *função* (o processo de ações humanas que constroem a paisagem). Esta noção do espaço como um conceito híbrido, em permanente mudança, está na base de sua síntese: 'o espaço é um conjunto de objetos e um conjunto de ações'. (CÂMARA, 2001, p.3).

A complexidade das ações e dos objetos nessa dinâmica tende a tornar cada vez mais difícil a clara distinção entre as obras da natureza e as obras criadas pelos homens, bem como saber indicar onde termina o, essencialmente, técnico e onde começa o, unicamente, social. O espaço hoje, na concepção de Santos (2008b, p.86), “[...] é um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoados por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos, ao lugar e aos seus habitantes”. Os objetos não são as coisas, dados naturais; eles são produzidos pelo homem para serem, a fábrica da ação. Atualmente, esses sistemas de objetos tendem, em primeiro lugar, a ser um sistema de objetos concretos, objetos que se aproximam cada vez mais da natureza e buscam imitar a natureza.

Este conjunto de elementos cada vez mais artificiais, juntamente com os naturais, redimensionam, também as categorias na compreensão deste espaço, dentre elas a paisagem, cujo entendimento é essencial para analisar e compreender as diferentes estâncias que estruturam a configuração do espaço. A paisagem corresponde assim ao “[...] conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representa, sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.” (SANTOS, 2008a, p. 103). A paisagem acontece como um conjunto de objetos reais e concretos, sendo assim considerada “transtemporal”, já que reúne “objetos passados e presentes, uma construção transversal”.

A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais. Assim pode-se falar, com toda legitimidade, de um funcionamento da

paisagem, [...] é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado. (SANTOS, 2008a, p. 107).

Assim, o espaço seria todas essas formas e suas funcionalidades criadas pela paisagem mais a vida que as anima. “[...] O espaço resulta da intrusão da sociedade nas formas objeto”, afirmando assim que “[...] esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico.” (SANTOS, 2008a, p. 103). A significação e o valor sistêmico estão atrelados à dinâmica dos sujeitos sociais que, por meio de ações e de técnicas imprimem novas funções a novos ou velhos objetos.

O autor considera, que o espaço “[...] é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço da matéria, isto é, a cada fração da paisagem.” (SANTOS, 2008a, p. 104), porém a fração sozinha, desconexa da totalidade não tem sentido, valor ou significado.

Dessa forma, o espaço não pode ser considerado uma espécie de “pano de fundo” que se mantém neutro dentro da dinâmica social, mas “[...] é uma estrutura social dotada de um dinamismo próprio e revestida de uma certa autonomia, na medida em que sua evolução se faz segundo leis que lhe são próprias.” (SANTOS, 1988, p. 14). O espaço não é apenas reflexo da sociedade, nem um fato social apenas, mas um condicionante condicionado, tal como as demais estruturas sociais, ao mesmo tempo em que influencia, é influenciado.

2.2 Cidades

A cidade onde o sujeito vive, produz sua subjetividade,
interage com outras subjetividades.
Lugar onde expõe seu corpo,
põe sua marca, produz a cultura.
A cidade produzida e consumida.
A cidade de fruição e frenesi na qual
o ser humano pode viver ou sobreviver,
lugar, ao mesmo tempo, desejado e temido.
A cidade é um lugar do espaço.
(GONÇALVES, 2007, p.56).

A cidade é um lugar no espaço... E podemos dizer que o espaço é a própria sociedade... Ao falar de cidade precisamos falar da sociedade, pois cada vez mais, a cidade e a sociedade se confundem. O que se passa com uma reflete na outra. “Afim, a cidade é o palco da vida, [...] na medida em que metade da população já vive em centros urbanos.” (MORENO, 2002, p.11). E como as cidades resultam de aglomerações humanas, elas só ganham sentido com a presença humana. Não há outra razão para elas existirem a não ser para “[...] abrigar seres humanos e suas cada vez mais densas relações sociais.” (RIBEIRO, 2011, p.60). Se a obra humana é resultado da interação social, do conhecimento de técnicas e da cultura em suas diversas manifestações, a cidade vai espelhar tudo isso. Ela será o resultado dessa teia de relações humanas.

A cidade é o palco dos contrastes sociais e por isso, necessita ser igualmente fortaleza, em tempos de guerra, ela representava segurança. A cidade mais antiga que se tem registro garantido é a cidade de Ur, na Mesopotâmia, na planície aluvial banhada pelo Tigre e pelo Eufrates, circundada por um muro e um fosso, para sua defesa, separando bem o ambiente fechado do ambiente aberto.

A cidade amuralhada tinha forma oval irregular e media uns 1.200 metros de comprimento por 800 metros de largura. Ur faz parte de um conjunto de núcleos que foram constituindo-se a partir do IV milênio a.C. e são as mais antigas cidades construídas pelo homem. (MORENO, 2002,18).

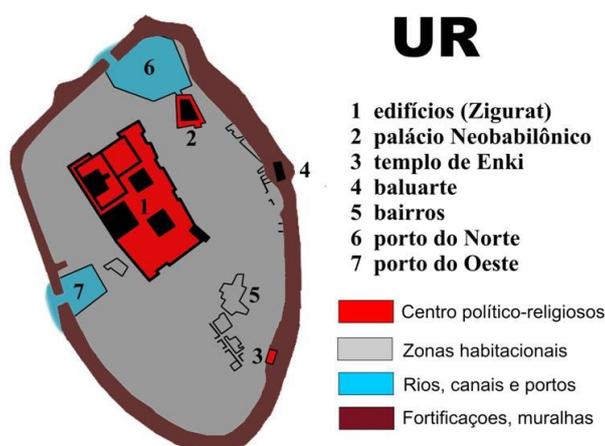


Figura 1 – Mapa da Cidade Ur

Fonte: http://schlierenzauer.blogspot.com.br/2010_01_25_archive.html

Nesse período, o campo já começava a se transformar com a criação de pastagens, pomares e os canais para irrigação, contudo ainda era uma propriedade administrada em comum, ao contrário da cidade, que já nascia com seu terreno dividido em propriedades individuais entre os cidadãos. Os templos se distinguia pela posição privilegiada no terreno, pelo tamanho, e também por serem não apenas santuários, mas também onde vivia e trabalhava os sacerdotes, padeiros, tecelãs, ferreiros, escribas, escravos e cervejeiros.

Na Mesopotâmia, a humanidade desenvolveu uma de suas sete primeiras civilizações – as outras surgiram no Egito, na Índia, na China, no México, na Guatemala-Honduras e nos altiplanos do Peru. Quase todas apareceram em vales de grandes rios, importantes para o cultivo, o transporte e a higiene. (MORENO, 2002,19).

Da necessidade de organização da vida pública na cidade, emerge um poder urbano, autoridade politico-administrativa encarregada de sua gestão, na história da cidade, a primeira forma, é a realeza, um poder altamente centralizado e despótico. A base do poder do rei é a guerra, pois é por meio dela que se conquista e se defende o território, através da mesma o rei mantém seu poder e controla seus súditos.

A cidade da realeza é a cidadela: recinto murado e fortificado onde se encontra o palácio, o templo e o silo. É da cidadela que se dirigem os grandes trabalhos de construção, se contabilizam a produção e os tributos, se comanda a guerra. Sua manutenção provém do trabalho de todos os súditos – por isso quem é morador da cidade está ao

mesmo tempo protegido e compelido por suas muralhas. (ROLNIK, 2012, p.22).

Na cidadela quem ocupa a posição central são os reis, sacerdotes, guerreiros e escrivas; os artesãos, escravos e empregados camponeses estão ao redor. A divisão do trabalho, isto é, a administração do excedente alimentar, o comando da guerra, diálogo com os Deuses, produção artesanal, produção agrícola, etc., é produzida e recolocada em uma hierarquia que se expressa claramente em termos espaciais. A suntuosidade dos templos e dos palácios, ao mesmo tempo em que é símbolo desta hierarquia, é também sua forma de ser. “Sua construção e manutenção implicam o esforço de uma organização baseada na exploração e privilégio, que permite à classe dominante maximizar a transformação do excedente alimentar em poder militar e este em dominação política.” (ROLNIK, 2012, p.22). Ainda na percepção da autora, a origem da cidade se confunde, portanto, com a origem do binômio diferenciação social/centralização do poder, que se coloca tanto internamente, para os vários grupos ou classes sociais da cidade em questão, quanto externamente, na conquista e ordenação dos territórios sob seu poder.

A relação morador da cidade/poder urbano pode variar infinitamente em cada caso, mas o certo é que desde sua origem cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. Assim, ser habitante da cidade significa participar de alguma forma da vida pública, mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos. (ROLNIK, 2012, p.23).

A *pólis* era uma organização social constituída por cidadãos livres que discutiam e elaboravam as leis relativas à cidade. Para a sociedade grega cidadãos eram representados por homens, proprietários, livres e brancos, os demais sujeitos, mulheres, crianças, escravos e mestiços, não podiam nem opinar e nem votar. Dentro dos limites de uma *pólis* ficavam a *ágora* e a *acrópole*, além dos espaços urbano e rural. A base da economia da *pólis* era a agricultura. Provavelmente a *pólis* (cidade-estado grega), é a que mais claramente expressa a dimensão política do urbano, pois do ponto de vista territorial ela se divide em duas partes, a *acrópole*, colina fortificada e centro religioso, e a cidade baixa, que se desenvolve em torno da *ágora*, grande local aberto de reunião, era uma grande praça pública, um espaço onde os cidadãos se reuniam para atividades comerciais, discussões políticas e manifestações cívicas e religiosas. Segundo Rolnik (2012) se perguntássemos a um

grego da época clássica, o que era a *pólis*, o mesmo responderia que não designava um lugar geográfico, mas uma prática política exercida pela comunidade de seus cidadãos. Da mesma forma a autora reforça que os romanos se referiam ao termo *civitas*, a cidade no sentido da participação dos cidadãos na vida pública.

Se no caso da *pólis* ou da *civitas* o conceito de cidade não se referia à dimensão espacial da cidade e sim à sua dimensão política, o conceito de cidadão não se refere ao morador da cidade, mas ao indivíduo que, por direito, pode participar da vida política. (ROLNIK, 2012, p.24).

Nesse sentido, e amparada pela autora, cidadania significa o conjunto de direitos e deveres pelo qual o cidadão, o indivíduo está sujeito no seu relacionamento com a sociedade em que vive. O termo cidadania vem do “latim”, *civitas* que quer dizer “cidade”. No caso das cidades-estados gregas a cidadania estava relacionada à propriedade de lotes agrícolas no território abarcado pela cidade. “Assim, escravos, estrangeiros e mulheres, apesar de habitantes de cidade, não participavam das decisões a respeito de seu destino.” (ROLNIK, 2012, p.24). A *ágora* ou a cidadela, de maneiras diversas marcam a centralidade do poder na cidade e sua visibilidade; marcam assim as regras do jogo do exercício da cidadania. A separação e a centralidade do poder urbano aparecem redefinidas na *pólis* grega.

A *ágora* representa um poder que, retirado das mãos do rei único, isolado na cidadela, se reparte entre os aristocratas. Em termos territoriais a democratização deste poder aparece na grande praça onde os cidadãos participam diretamente (a *ágora*), centro do poder urbano que se separa do templo das divindades e se aproxima do mundo dos homens. (ROLNIK, 2012, p.24).

Logo, ela reina sobre um determinado número de aldeias, a propriedade do solo torna-se propriedade eminente do monarca, símbolo da ordem e da ação. Todavia, os camponeses e as comunidades conservam a posse efetiva mediante o pagamento de tributos.

A troca e o comércio, indispensáveis à sobrevivência como à vida, suscitam a riqueza, o movimento. A cidade política resiste com toda a sua força, com toda sua coesão; ela sente-se, sabe-se ameaçada pelo mercado, pela mercadoria, pelos comerciantes, por sua forma de propriedade (a propriedade mobiliária, movente por definição: o dinheiro). (LEFEBVRE, 2008, p.20).

Nessas circunstâncias o comércio é admitido e mantido às margens da cidade e, o autor ilustra essa dinâmica através de exemplos de fatos ocorridos na história que demonstra essa marginalidade, sendo marcada por signos de heterotopia⁶, a qual indica inclusão do mercado e dos comerciantes nas discussões e decisões sobre a dinâmica e o funcionamento das cidades. Apesar de a cidade depender desse mercado e desses mercadores, a sua “funcionalidade” excluía essa classe, considerada, na época, “não digna” à participação democrática e cidadã, porém esses sujeitos pertencentes a subliminarização da *pólis* marcavam seus lugares na história das cidades e da vivência do homem livre ou não.

De início confiados a pessoas suspeitas, os “estrangeiros”, eles se fortalecem *funcionalmente*. Os lugares destinados à troca e ao comércio são, de início, fortemente marcados por signos de *heterotopia*. Como as pessoas que se ocupam deles e os ocupam, esses lugares são, antes de mais nada, excluídos da cidade política: caravanserás, praças de mercado, *faubourgs*⁷, etc. (LEFEBVRE, 2008, p.19).

O processo do mercado e da mercadoria, das pessoas e das coisas, levou séculos para se integrar à cidade.

Continuando a trajetória no eixo espaço-temporal, já mais distante do marco zero, Lefebvre (2008), situa a *cidade mercantil*. Ela tem como marco o momento em que na Europa Ocidental, no final da Idade Média, século XIV, que a mercadoria, o mercado e os mercadores penetram triunfalmente na cidade. “Pode-se conceber que outrora os mercadores itinerantes, um pouco guerreiros, um pouco saqueadores, escolheram deliberadamente as ruínas fortificadas das cidades antigas (romanas) para levar a cabo sua luta contra os senhores territoriais.” (LEFEBVRE, 2008, p.20).

No curso dessa luta (de classes) contra os senhores, possuidores e dominadores do território, luta prodigiosamente fecunda no Ocidente, criadora de uma história [...] a praça do mercado torna-se central. Ela sucede, suplanta, a praça da reunião (a ágora, o fórum). Em torno do mercado [...] agrupam-se a igreja e a prefeitura (ocupada por uma oligarquia de mercadores), com sua torre ou seu campanário, símbolo de liberdade. [...] a *arquitetura* segue e traduz a nova concepção de cidade. O espaço urbano torna-se o lugar do encontro das coisas e das pessoas, da troca. Ele se ornamenta dos signos

⁶ O termo *heterotopia* utilizado por Lefebvre (2008) indica a exclusão do mercado e dos mercadores das cidades políticas, embora estas cidades fizessem uso dos produtos comercializados pelos mercadores.

⁷ Lefebvre utiliza o termo *faubourgs*, para “[...] designar as extensões (em geral centros artesanais e de comércio) de certas cidades (medievais) para além de suas muralhas.” (LEFEBVRE, 2008, p.171).

dessa liberdade conquistada, que parece a Liberdade. (LEFEBVRE, 2008, p.20).

O fato de o comércio entrar na cidade provocou mudanças na sua função, forma e estrutura. Nesta hipótese, a cidade política, renovada, teria servido de quadro à ação que iria transformá-la. Até então *proteger* e *administrar*, eram as principais *funções urbanas* da cidade, e, com a entrada do comércio, a *troca comercial* torna-se a *função urbana* da mesma. Com essa nova configuração, também vai surgir, uma *nova forma* para a cidade relacionada à sua arquitetura e uma *nova estrutura do espaço urbano*.

O fetichismo da mercadoria aparece com o reino da mercadoria, com sua lógica e sua ideologia, com sua língua e seu mundo. No século XIV, acredita-se ser suficiente estabelecer um mercado e construir lojas, pórticos e galerias ao redor da praça central, para que os mercadores e compradores afluam. (LEFEBVRE, 2008, p.20-21).

Podemos afirmar que o mercado, a mercadoria e o mercador rondam a cidade desde a sua origem, representando assim, a riqueza da cidade e o movimento dos sujeitos que constroem suas histórias no tempo e no espaço.

Avançando no eixo espaço-temporal, aparece a *cidade industrial*. Porém, entre a cidade mercantil e a cidade industrial houve a inflexão do agrário para o urbano, que o autor representou no eixo espaço-temporal traçando uma mediana entre a cidade mercantil e a cidade industrial, descrevendo essa inflexão, como um momento de grande “acontecimento” no Ocidente Europeu, em que a cidade comercial, implantada sobre a cidade política e dotada de nova função, forma e estrutura, desequilibra o conjunto e passa a ter supremacia sobre o campo ao qual até então se curvava.

O peso da cidade no conjunto social torna-se tal que o próprio conjunto desequilibra-se. A relação entre a cidade e o campo ainda conferia primazia a este último: à riqueza imobiliária, aos produtos do solo, às pessoas estabelecidas territorialmente (possuidores de feudos ou de títulos imobiliários). A cidade conservava, em relação aos campos, um caráter heterotópico marcado tanto pelas muralhas quanto pela transição dos *faubourgs*. Num dado momento, essas relações múltiplas se invertem, há uma reviravolta. No eixo deve ser indicado o momento privilegiado dessa reviravolta, dessa inversão da heterotopia. Desde então, a cidade não aparece mais, nem mesmo para si mesma, como uma ilha urbana num oceano camponês; ela não aparece mais para si mesma como paradoxo, monstro, inferno ou paraíso oposto à natureza aldeã ou camponesa. (LEFEBVRE, 2008, p.21).

O campo passa a ser a “circunvizinhança” da cidade, seu horizonte, seu limite. As pessoas da aldeia deixam de trabalhar para os senhores territoriais e passam a produzir para a cidade, para o mercado urbano, o que também não pode ser dissociada do crescimento do capital comercial e, da existência do mercado. Temos assim, a cidade comercial, implantada na cidade política, mas prosseguindo em sua marcha ascendente. De início a indústria não tem o seu lugar de produção dentro da cidade. “A indústria nascente tende a se implantar fora das cidades.” (LEFEBVRE, 2009, p.15). Ela estaria inicialmente ligada a *não-cidade*.

Ela precede um pouco a emergência do capital industrial e, por conseguinte, a da *cidade industrial*. [...] Ela estaria, antes de mais nada, ligada à *não-cidade*, ausência ou ruptura da realidade urbana. Sabe-se que inicialmente a indústria se implanta – como se diz – próxima às fontes de energia (carvão, água), das matérias-primas (metais, têxteis), das reservas de mão-de-obra. (LEFEBVRE, 2008, p.23).

Logo, a indústria ao se aproximar das cidades, é para aproximar-se dos mercados, dos capitais e dos capitalistas, conseqüentemente, de uma abundante mão-de-obra, mantida a baixo preço. A indústria pode se implantar em qualquer lugar, se instalando nas cidades preexistentes ou constituindo cidades novas, podendo deixá-las, se para a empresa industrial há algum interesse nesse afastamento.

Há entre esse movimento cidade *não-cidade* toda uma movimentação dialética que segundo Lefebvre escapa às análises de base evolucionista. Tal como se deu com o comércio, a mercadoria e os mercadores, a cidade se defendeu também contra o domínio da indústria que se expandia e se aproximou da cidade, onde estava o capital, o comércio e a reserva de mão de obra. (LIMIRO, 2006, p.27).

Assim, como a cidade política resistiu durante longo tempo à ação conquistadora (alguns momentos pacífica, outros, meio violenta), dos comerciantes, da troca e do dinheiro, a cidade política e comercial se defendeu contra o domínio da indústria nascente, contra o capital industrial, pelo corporativismo, e pela imobilização das relações. Para Lefebvre (2008, p.23), “o continuísmo histórico e o evolucionismo mascaram esses efeitos e essas rupturas.” A indústria ao integrar-se à cidade, desencadeara uma revolução urbana, gerando a fase que o autor denomina no eixo espaço-temporal de *zona crítica*, comparada a uma caixa preta.

A *não-cidade* e a *antacidade* vão conquistar a cidade, penetrá-la, fazê-la explodir, e com isso estendê-la desmesuradamente, levando à urbanização da sociedade, ao tecido urbano recobrimdo as remanescentes da cidade anterior à indústria. [...] Nesse movimento, a realidade urbana, ao mesmo tempo amplificada e estilhaçada, perde os traços que a época anterior lhe atribuía: totalidade orgânica, sentido de pertencer, imagem enaltecida, espaço demarcado e dominado pelos esplendores monumentais. Ela se povoa com os signos do urbano na dissolução da urbanidade; torna-se estipulação, ordem repressiva, inscrição por sinais, códigos sumários de circulação (percursos) e de referência. Ela se lê ora como um rascunho, ora como uma mensagem autoritária. (LEFEBVRE, 2008, p.23).

Nesse contexto, dentro do processo histórico de urbanização a aproximação da indústria implicou, segundo o autor, numa *implosão-exploração*, ou seja, a grande concentração (*implosão*) de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento na realidade urbana, e a imensa *exploração*, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos expressos pelo surgimento das periferias, dos subúrbios, residências secundárias, satélites, etc. Esse fato foi acelerado pelo processo de industrialização e com promessas de uma vida com mais comodidade, gerando o êxodo rural e ampliando as zonas periféricas das grandes cidades.

Diante do exposto, temos a *cidade industrial*, que se traduz em geral, numa cidade informe, uma aglomeração parcamente urbana, um conglomerado, uma “conurbação”, que antecede e anuncia a *zona crítica*.

Nesse momento, a *implosão-exploração* produz todas as suas consequências. O crescimento da produção industrial superpõe-se ao crescimento das trocas comerciais e as multiplica. Esse crescimento vai do escambo ao mercado mundial, da troca simples entre dois indivíduos até a troca dos produtos, das obras, dos pensamentos, dos seres humanos. A compra e a venda, a mercadoria e o mercado, o dinheiro e o capital parecem varrer os obstáculos. (LEFEBVRE, 2008, p.23).

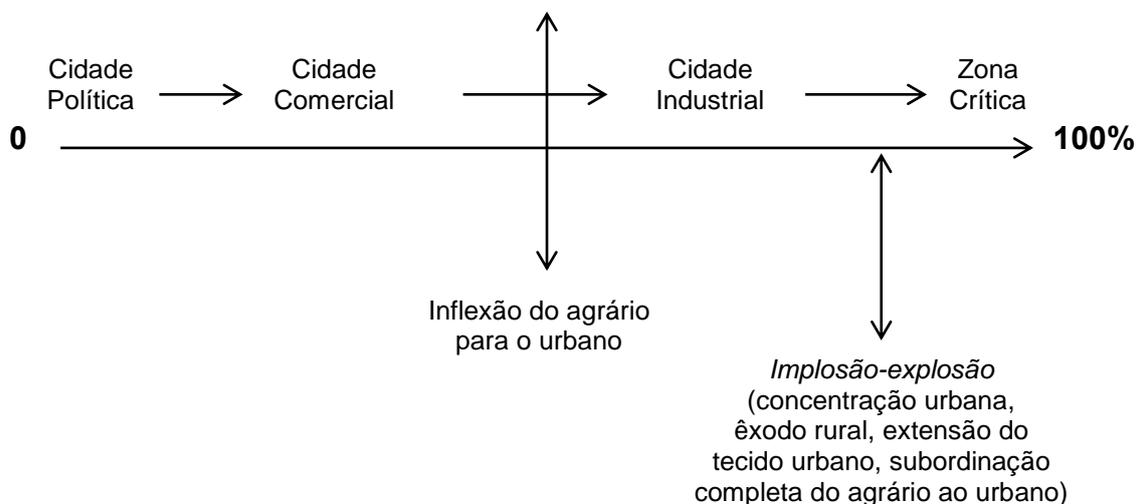


Figura 2 – Eixo espaço-temporal completo

Fonte: Lefebvre, 2008, p. 25.

Este eixo traduz graficamente o que o autor denomina de eixo espaço-temporal, demonstrando que esse processo tem como consequência, a *realidade urbana*, que modifica as relações de produção, sem, contudo, ser suficiente para transformá-las. Essa nova realidade, torna-se força produtiva, “[...] o espaço e a política do espaço ‘exprimem’ as relações sociais, mas reagem sobre elas” (LEFEBVRE, 2008, p.24), instaura-se a problemática urbana e nos vemos diante de uma *fase crítica* que se comporta como uma *caixa preta* (sabe o que nela entra, às vezes sabe o que dela sai, mas não sabe bem o que nela se passa), um *campo cego*. Ao que Lefebvre questiona sobre o que se passa durante a fase crítica, e, se é possível aprender o que se passa no interior desta fase. Diante dessas reflexões, ele formula como suposição uma *segunda inflexão*, em que a indústria, motor da revolução, “[...] converte-se em realidade dominada no curso de uma crise profunda, à custa de uma enorme confusão, na qual o passado e o possível, o melhor e o pior se misturam.” (LEFEBVRE, 2008, p.25).

Na concepção do autor, o urbano, isto é, a sociedade urbana, define-se não como uma realidade acabada, situada, em relação à realidade atual, de maneira recuada no tempo, mas ao contrário, como horizonte, como virtualidade iluminadora. O urbano é possível, definido por uma direção, no fim do percurso que vai em direção a ele. Para atingi-lo, isto é, para realizá-lo, é preciso em princípio contornar ou romper os obstáculos que atualmente o tornam impossível.

2.3 A cidade e o Habitar

A cidade corresponde ao mais profundo e ancestral desejo do homem: o desejo em habitar. O desejo em habitar o mundo e o desejo por uma habitação, em particular, marcam a necessidade de um lugar neste mundo. (PROENÇA, 2011, p.6).

Habitar quer dizer estar num lugar determinado, em uma casa, sentir-se parte desse lugar, pertencente a ele. Habitamos nossa casa, habitamos a cidade, habitamos o mundo, habitamos os espaços que percorremos. A habitação é uma característica essencial do homem que determina a sua relação com o mundo em sua totalidade. Nas palavras de Lefebvre (2009), habitamos a cidade entendida como uma extensão construída a partir do corpo. “O habitar afirma-se como uma necessidade biológica, mas acima de tudo como uma determinação ontológico-existencial.” (PROENÇA, 2011, p.6).

Essa determinação define e localiza a presença desse sujeito da história, que revela, o que o ente faz de si próprio ao outro para ser entendido na sua condição, originariamente, humana e na sua atividade criadora, imanamente, particular que a sua consciência pode atingir.

As profundas modificações que passaram as cidades nos últimos séculos foram alterando de forma radical seu estilo de vida, de tal modo que:

[...] colocam em causa a capacidade de promover a cidadania, conduzindo a uma crise do habitar, em que o homem não sabe mais o que significa habitar, votado nas palavras de Heidegger, por “uma incapacidade em estar no espaço em reconciliação com outros homens e com a natureza”, dando lugar, nas palavras de Lefebvre, a uma crise do habitar e do habitat. As cidades convertem-se em lugares de passagem e “não-lugares” e, de modo semelhante, a casa converte-se num sítio para estar e não para ser. (PROENÇA, 2011, p.6-7).

A vida urbana implica encontros e confrontos das diferenças, bem como, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos, até mesmo confronto no campo ideológico e político, dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na cidade.

Assim, *habitat* significa o espaço onde seres vivos vivem, e se desenvolvem, e é um termo oriundo do latim. E o habitar significa viver a cidade sendo, sobretudo, uma *materialidade* erigida pelo homem, uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, nesse sentido, “[...] um *outro* da natureza: é algo criado pelo homem, como uma sua obra ou artefato.” (PESAVENTO, 2007, p.13). É pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela “[...] malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa.” (PESAVENTO, 2007, p.13).

Lefebvre conduziu uma reflexão crítica de vanguarda sobre os fundamentos da modernidade. Proença (2011) afirma que as suas análises sobre a cidade e o urbano, permitem compreender os múltiplos rostos da realidade numa perspectiva integradora e global.

Conduzido por pluralismos étnicos e culturais, rejeita o formalismo e a estandardização, apela à descentralização e retorno ao local, ao direito à diferença, à intervenção ativa na práxis cotidiana, a repensar o conceito de democracia, redefinindo o papel do cidadão na cidade. (PROENÇA, 2011, p.10).

A problemática da cidade, do urbano e do espaço foi a base de todo o pensamento de Lefebvre (2009), assumindo-se assim, como a temática principal de suas reflexões. O autor parte do duplo processo industrialização-urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social para analisar a problemática urbana, tais aspectos são inseparáveis e constituem uma unidade, entretanto, integrantes de um processo conflitante.

A problemática urbana, o urbanismo como ideologia e instituição, a urbanização como tendência global, são abordados por Lefebvre (2008), como fatores mundiais. O urbanismo como ideologia, significa analisá-la e vivê-la, as sensações e a composição de um campo de ideias, cercados de senso político-filosófico, de acordo com os interesses claros e/ou ocultos de quem os vivenciam. Como instituição, o urbanismo denota/emerge um conjunto de normas que regulam/regem ou definem as ações sociais de/ou em um grupo de sujeitos. Seria o enaltecimento da ação instituída reconhecida por seus pares/coletivo.

O “urbanismo” como instituição e ideologia, estão permeados, entretanto, pelo capitalismo e suas lógicas globais de organização, que promovem um

desenvolvimento desigual e combinado, as quais são concretizadas nas dinâmicas do urbano. Lefebvre (2008) chama a atenção para as estratégias utilizadas nos países capitalistas, sendo muitas delas, de ordem neoliberal e estão sobre a égide de empresas privadas que de certa forma coordenam dinâmicas de urbanização. Tais lógicas e estratégias capitalistas globais, se espacializam e concretizam na cidade, rumo à uma tentativa de padronização de estilos, mesmo que essas não se concretizem ao entrarem em conflitos com os modos de vida locais.

As cidades perpassadas por esses processos de urbanização, podem ser consideradas globais, ao serem permeadas por essas estratégias e lógicas, sendo que:

[...] a cidade global é uma trama de história, épocas, transformações do capitalismo, revoluções urbanas e agrárias à urbanização do mundo e a simultânea generalização de estilos, agora urbanos. Esses estilos podem criar um mundo imaginário rodeado por espectadores que se movem em direção a despersonalização e a indiferença sob a égide da razão [...] Esse caleidoscópico enlouquecido movimenta tanto a alienação quanto a desalienação, a democracia e a tirania, a desigualdade e a igualdade, ou seja a cidade é um fábrica de preconceitos, nela os elementos são múltiplos e coletivos. Dessa forma, ela transforma-se em cidade global, onde está todo o mundo, simultaneamente ele é real e imaginária e encontra-se na encruzilhada da geografia e da história. (IANNI, 1996, p. 3).

Com a finalidade de explicar essas transformações, *explosão* de antigas *formas urbanas*, e a perda de autonomia da produção agrícola em escala mundial, Lefebvre utiliza o termo *revolução urbana*, que consiste no:

[...] conjunto de transformações que a sociedade contemporânea atravessa para passar do período em que predominam as questões de crescimento e de industrialização (modelo, planificação, programação) ao período no qual a problemática urbana prevalecerá decisivamente, em que a busca das soluções e das modalidades próprias à sociedade urbana passará ao primeiro plano. (LEFEBVRE, 2008, p.16-17).

A revolução urbana, portanto é um fenômeno planetário. O urbano foi se incorporando na cidade ao longo dos tempos. Para explicar a problemática urbana, impõe-se como ponto de partida o processo de industrialização, que vem a ser o motor das transformações na sociedade.

Se distinguirmos o *indutor* e o *induzido*, pode-se dizer que o processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e à planificação, as questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana, sem omitir a crescente importância dos lazeres e das questões relativas à “cultura”. (LEFEBVRE, 2009, p.11).

A industrialização caracteriza a sociedade moderna. Ainda que a urbanização e a problemática do urbano configurem entre os efeitos induzidos e não entre as causas ou razões indutoras, as preocupações que essas palavras indicam se acentuam de tal modo que se pode definir como sociedade urbana a realidade social que nasce à nossa volta. Para Lefebvre:

[...] o termo “sociedade urbana” à sociedade que nasce da industrialização. [...] a sociedade constituída por esse processo que domina e absorve a produção agrícola. Essa sociedade urbana só pode ser concebida ao final de um processo no curso do qual *explodem* as antigas formas urbanas, herdadas de transformações *descontínuas*. (LEFEBVRE, 2008, p.13).

Quando Lefebvre menciona a explosão das antigas *formas urbanas* entende-se que ele está se referindo à forma das cidades antes da revolução urbana. Ao usar as palavras *formas urbanas* compreende-se que as cidades antes da revolução urbana já possuíam um grau, uma porcentagem mínima que fosse de urbanização. Ao explodir as antigas formas tradicionais, também a produção agrícola entrará num processo em que, em questão de tempo, passará a ser regida pelos imperativos da produção industrial e será subordinada, ou seja, será transformada num setor da produção industrial.

Crescimento econômico, industrialização, tornados ao mesmo tempo causas e razões supremas, estendem suas consequências ao conjunto dos territórios, regiões, nações, continentes. Resultado: o agrupamento tradicional próprio à vida camponesa, saber, a aldeia, transforma-se; unidades mais vastas o absorvem ou o recobrem; ele se integra à indústria, e ao consumo dos produtos dessa indústria. (LEFEBVRE, 2008, p.15).

Para explicar o processo de urbanização Lefebvre traça um *eixo espaço-temporal* que vai do zero a 100% de urbanização, conforme a Figura 3.

0 —————> 100%

Figura 3 – Eixo espaço-temporal
Fonte: Lefebvre, 2008, p.18

Segundo o autor, esse um eixo é ao mesmo tempo *espacial* e *temporal*. Espacial porque acontece no espaço e a ele modifica, e é também temporal porque se desenvolve no tempo, primeiro de forma pontual e depois se estende, praticamente, por todo o planeta.

No marco zero do eixo ele coloca a ausência total de urbanização (a “pura natureza”, a terra entregue aos “elementos”) e no marco 100% a urbanização completa, ou seja, a consolidação de uma sociedade urbana plena, para o qual estamos em marcha. O marco zero corresponde à época em que teriam vivido os primeiros grupos humanos registrados na história.

No caminho percorrido pelo “fenômeno urbano” (numa palavra: o urbano), coloquemos algumas balizas. No início, o que há? Populações destacadas pela etnologia, pela antropologia. Em torno desse zero inicial, os primeiros grupos humanos (coletores, pescadores, caçadores, talvez pastores) marcaram e nomearam o espaço; eles o exploraram balizando-o. Indicaram os lugares nomeados, as topias fundamentais. Topologia e grade espacial que, mais tarde, os camponeses, sedentarizados, aperfeiçoaram e precisaram sem perturbar sua trama. (LEFEBVRE, 2008, p.18).

Esse contexto, demonstra que os modos de vida dos grupos sociais, sofrem influências do meio e interferem no mesmo e, que demarcam os lugares geográficos e históricos de forma sistemática, conduzindo normas de convivência e aperfeiçoando técnicas e instrumentos a adequação da vida e dos fazeres cotidianos, individual ou coletivamente.

Complementando esse entendimento à paleontologia humana, considera que esse espaço da “*urbes*” resguarda, por meio dos atores sociais, sua cultura, língua, modos de existência e sentidos sobre “a e na” relação com o outro, pois o animal “*symbolicum*” cria um universo de significados à sua significação singular com o coletivo.

Esse grupo vai marcar o espaço por meio das primeiras modificações. Em muitos lugares no mundo, e sem dúvida em todos os lugares onde a história aparece, a cidade acompanhou ou seguiu de perto a aldeia. Segundo Benevolo (1983), a cidade nasceu da aldeia, mas não nasce apenas de uma aldeia que “cresceu”, ela nasce:

[...] do contraste entre dois grupos sociais, dominantes e subalternos. “Ela se forma quando as indústrias e os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivavam a terra, mas por outras

que não têm essa obrigação, e que são mantidas pelas primeiras como excedentes do produto total.” Ocorre que, aos poucos, os trabalhos artesanais se especializam, o campo produz mais com instrumentos desenvolvidos na cidade e a relação entre as classes vai modificando-se. A cidade não é apenas o centro distribuidor da produção agrícola, é também o centro motor, em última instância, de uma nova civilização. (BENEVOLO, 1983, p.23).

Na concepção de Lefebvre (2008) a representação segundo a qual o campo cultivado, a aldeia e a civilização camponesa, teriam lentamente secretado a realidade urbana, corresponde a uma ideologia. “Ela generaliza o que se passou na Europa por ocasião da decomposição da romanidade (do Império Romano) e da reconstituição das cidades na Idade Média. Pode-se muito bem sustentar o contrário.” (p.18).

A agricultura somente superou a coleta e se constituiu com tal sob o impulso (autoritário) de centros urbanos, geralmente ocupados por conquistadores hábeis, que se tornaram protetores, exploradores e opressores, isto é, administradores, fundadores de um Estado ou de um esboço de Estado. A *cidade política* acompanha, ou segue de perto, o estabelecimento de uma vida social organizada, da agricultura e da aldeia. (LEFEBVRE, 2008, p.18-19).

Percebemos nas palavras do autor, que os centros urbanos regem dinâmicas e instâncias (política, econômica e social), paralelamente aos espaços agropecuários, especialmente quando se trata da realidade brasileira. Os *residentes – urbanos* é que mobilizam e definem o valor e a “valorização” de suas mercadorias e o Estado faz a mediação da cotidianidade do capitalismo instituído e regulado junto aos coletivos sociais, sobretudo as classes oprimidas, pois os centros urbanos concentram bolsões de pobreza por um lado, e, por outro, a produção agrícola compete na bolsa de valores e não chega até a “cozinha” de uma grande parcela da população.

Para o autor, a discussão sobre as relações entre a cidade e o campo está longe de ser resolvida, e essa tese não tem sentido quando se trata dos imensos espaços onde um seminomadismo, uma miserável agricultura itinerante sobreviveu interminavelmente. Essa temática vem sendo amparada em especial, “[...] nas análises e documentos relativos ao ‘modo de produção asiático’, às antigas civilizações criadoras, ao mesmo tempo, de vida urbana e de vida agrária.” (LEFEBVRE, 2008, p.19).

Um pouco acima do marco zero, porém perto da origem no eixo espaço-temporal, Lefebvre se refere a *cidade política*, identificada principalmente na Mesopotâmia e no Egito. Essas cidades eram povoadas pelos sacerdotes e guerreiros, príncipes, nobres, chefes militares, e também pelos administradores e escribas. Afinal é na cidade, e por meio da escrita, que se registra a acumulação de riquezas e de conhecimentos, pois a cidade política não pode se manter sem documentos, ordens, inventários e cobrança de taxas.

Lefebvre (2008, p.18), enfatiza que “ela é inteiramente ordem e ordenação, poder”, ou para ser cidade, precisa ser instituída de ideologias e regras de convivência.

Na cidade-escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém (documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também esse papel. (ROLNIK, 2012, p.18).

Essas cidades também tinham a função de administrar, proteger e explorar o território, dirigindo grandes trabalhos agrícolas como, por exemplo, os sistemas de irrigação, drenagem, construção de diques, arroteamentos, entre outros benefícios. Esses trabalhos beneficiavam os agricultores que pagavam tributos pelo seu uso.

Além das pessoas e funções, a existência e manutenção da cidade política também implicavam na necessidade de algumas trocas mínimas que fossem para garantir os materiais indispensáveis à guerra e ao poder, como metais e couros, entre outros.

2.4 Urbanidade e Cidade

Que cidade é esta, em que tantos vivem,
 mas que só você vive, que só você vê?
 É sua a cidade dos que olham para cima?
 É sua a cidade dos que olham para o chão,
 para as calçadas, para os degraus?
 Ou a cidade dos que não olham, dos que não veem?
 A sua é a cidade em que a barriga pesa
 até libertar uma nova vida,
 ou aquela em que não se pode falar em barriga?
 Conte como é a cidade dos que se doem de amor
 e a das para quem o ato de amar dói.
 Vamos ler a cidade dos que ouvem outros sons
 e a dos que não ouvem som algum.
 A dos que tocam sons que não se ouve
 e a dos que não emitem sons.
 Como é a sua cidade, se sua cidade é sua cor?
 sua cidade, encoberta pelo olhar viciado do cotidiano,
 escondida pela indiferença ou apenas tímida, recôndita:
 Cidade invisível.
www.orkut.com - Comunidade As Cidades Invisíveis.

Falar de urbanidade na contemporaneidade é falar essencialmente de cidadania. Como nos revela Cavalcante (2008, p.63-64), “[...] a cidade é o lócus privilegiado da vida social, na medida em que, mais do que abrigar a maior parte da população, ela produz um modo de vida que se generaliza.” Então, falar de cidade é falar de vida urbana e dos desafios que representa a vida cotidiana individual, conseqüentemente, coletiva.

As palavras: urbano, urbanidade, urbanização, urbanismo, vem de uma única raiz latina que é a palavra “urbe”, que significa cidade, já a palavra *urbanidade* é usualmente definida nos dicionários⁸ como sinônimo de qualidade do urbano, civilidade, cortesia, afabilidade, dessa forma, fundamentadas nessas definições, podemos compreender urbanidade como a forma como os cidadãos vivem, como eles se tratam, como eles se reportam uns aos outros nos aglomerados urbanos, já

⁸ Estas definições foram encontradas no minidicionário de Sérgio Ximenes, dicionário de Caldas Aulete, dicionário de Aurélio e no dicionário de Francisco Silveira Bueno.

que na cidade as pessoas vivem muito próximas, muito mais concentradas que no campo. Para Johnson (1997)⁹, urbanização é o processo por meio do qual populações acabam por se concentrar em grandes comunidades – cidades – que são essencialmente não-agrícolas, e que são organizadas, sobretudo, em torno da produção de serviços e bens acabados. Ambientes urbanos produzem um tipo especial de vida social, que na cidade tende a ser mais anônima e baseada em relações formais e complexa divisão do trabalho, em uma população heterogênea. Por essa razão, é potencialmente mais estimulante, porém, mais alienadora. É como dizer que para viver na cidade é preciso conhecer e partilhar de certos códigos que não são necessários no campo.

Como afirma Santos (2008a), o espaço como sistema de objetos e sistema de ações interligado, tem como proposição, que a forma como os cidadãos vão organizar seu espaço de vivência tem uma relação direta com a construção da urbanidade no meio em que este cidadão vive. Ou seja, não importa como ele encontrou organizado o espaço quando nele foi morar, gradativamente, os sistemas de objetos serão reconfigurados às suas necessidades e ao configurá-lo, a *urbanidade* enquanto afabilidade, cortesia e civilidade poderão ser construídas ou reforçadas, em alguma medida.

Reportando-nos a Lefebvre na análise da problemática urbana, ele parte de um processo com dois aspectos: industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social, estes fatos remetem diretamente a urbanidade, uma vez que a “[...] industrialização gerou um processo alargado de urbanização alterando o ecossistema de vida humana” (PROENÇA, 2011, p.38), pois, com a produção industrial, a população tende a concentrar-se em torno das fábricas, trazendo como resultando, o *tecido urbano* estendido e adensado.

Ao longo da história do século XX, várias foram as concepções teóricas acerca da cidade, dando origem àquilo que Lefebvre designa por ideologia urbana, destacando-se Lewis Mumford e Le Corbusier, que idealizaram e projetaram um determinado modelo de cidade, processo distinto do urbanismo como ideologia, que se dedica ao estudo dos problemas de circulação, de transmissão de informações, possuidor de um conjunto de conhecimentos e técnicas de aplicação. (PROENÇA, 2011, p.38).

⁹ JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Tradução, Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

A concentração populacional, a densidade dos edifícios e a mistura dos grupos e funções sociais, transformaram a cidade em um espaço de comunicação, de experiências, de divisão do trabalho, mas também em um lugar de conflitos e inovações, contrapondo-se à aldeia, onde se estabelecem as relações de vizinhança e onde existe uma herança cultural comum. A cidade acabou por se criar como um lugar para estranhos.

O arquiteto Le Corbusier na década 1920 modernizou em termos arquitetônicos as cidades, cuja planificação urbana ficou conhecida na *Carta de Atenas*, documento publicado em 1943. Nessa carta foram publicados quatro princípios, que ficaram conhecidos como o funcionalismo do urbanismo modernista, e sob os quais a organização racional da cidade deveriam se constituir: habitar, trabalhar, circular e lazer.

Le Corbusier definiu o sentimento moderno como “um espírito de geometria, um espírito da construção e da síntese. Exatidão e ordem são as suas condições básicas.” A relação entre o habitante e o habitar deve ser de harmonia com a natureza, com o ar, com o sol e as árvores, com o tempo e o ritmo dos cosmos. O regresso à natureza dá origem a um modelo de cidade-jardim onde todos os elementos devem estar harmonizados. (PROENÇA, 2011, p.39).

As Cidades Jardim podem ser consideradas um dos principais exemplos de utopia urbana e tentativa de qualificar o espaço, conferindo-lhe uma interação entre cidade, campo, sociedade e paisagem.

Mesmo havendo uma crescente oferta de empregos na cidade, a realidade urbana não era favorável: poluição, insalubridade, crescimento desordenado, falta de espaços naturais. Estes fizeram com que os antigos moradores do campo, agora nos centros urbanos, aspirassem por locais com qualidade. O ideal das Cidades Jardim baseou-se em uma fusão do que haveria de melhor entre os dois meios, formando uma cidade com aspectos de campo. (COCOZZA, 2007, p.64).

Estas cidades tinham um traçado bem definido e uma preocupação com a escala das cidades. Segundo este autor, o modelo seria o “radial circular, com seis bulevares radiais e para impedir a especulação imobiliária, um parque central. Logo após encontrava-se uma área verde, com comércio e, em seguida, uma grande avenida junto às áreas residenciais.” (COCOZZA, 2007, p.64). Uma rede de trilhos fazia a ligação entre as cidades, formando assim, um conjunto de núcleos de cidades interligadas, e entre elas, áreas de cultivo e de plantio.

Acreditava-se que as qualidades do urbano e do campo, de espaços livres, da paisagem pitoresca, e da incorporação de um desenho urbano mais adequado, poderiam intensificar as relações sociais e promover interfaces entre o construído e o livre, e entre as diferentes classes sociais. (COCOZZA, 2007, p.65).

Este modelo tinha como pretensão, a recuperação da vida social em um pequeno fragmento da totalidade da cidade, onde almejava que seu morador pudesse desenvolver as práticas cidadinas, através de relações e de interações com os moradores desta vizinhança.

Já na percepção de Lefebvre (2009), para compreender a especificidade da cidade é necessário analisar as relações com a sociedade no seu conjunto, com a sua composição, funcionamento, com os seus elementos constitutivos e com a sua história. “Ela muda quando a sociedade no seu conjunto muda.” (p.17). Com a metáfora do “tecido urbano”, o autor constata como já explicado no item anterior, o fenômeno de implosão-explosão da cidade. Num tecido urbano cada vez mais difuso, as concentrações são cada vez mais gigantescas, ao mesmo tempo em que os núcleos urbanos antigos se deterioram e, conseqüentemente, os habitantes são arrastados para a periferia longínqua, enquanto o núcleo fica reservado aos serviços e escritórios. Surge a proliferação da malha urbana desigual marcada, por uma diferenciação morfológica, mas, sobretudo pela profunda alteração do modo de vida.

Se pusermos os fenômenos em perspectiva a partir dos campos e das antigas estruturas agrárias, poderemos analisar um movimento geral de concentração: da população nos burgos e nas cidades pequenas ou grandes – da propriedade e da exploração – da organização dos transportes e das trocas comerciais, etc. O que resulta ao mesmo tempo no despovoamento e na “descamponização” das aldeias que permanecem rurais perdendo aquilo que constituía a antiga vida camponesa: artesanato, pequeno comércio local. (LEFEBVRE, 2009, p.18).

O despovoamento das zonas rurais e a *perda do modo de vida antigo*, somente recordado no folclore, o superpovoamento das periferias e o crescimento das redes comerciais, industriais e bancárias, conduzem a um *novo modo de vida*. “Com efeito, o interesse do “tecido urbano” não se limita à sua morfologia. Ele é o suporte de um “modo de viver” mais ou menos intenso ou degradado: a *sociedade urbana*.” (LEFEBVRE, 2009, p.19).

O modo de vida na cidade deu lugar a um conjunto de práticas, mentalidades e relações sociais que podemos designar por cultura urbana. Trazidas pelo tecido urbano, a sociedade e a vida urbana penetram nos campos. Semelhante modo de viver comporta sistemas de objetos e sistemas de valores.

Os mais conhecidos dentre os elementos dos sistemas urbanos de objetos são a água, a eletricidade, o gás (butano nos campos) que não deixam de se fazer acompanhar pelo carro, pela televisão, pelos utensílios de plástico, pelo mobiliário “moderno”, o que comportava novas exigências no que diz respeito aos “serviços”. Entre os elementos do sistema de valores, indicamos os lazeres ao modo urbano (danças, canções), os costumes, a rápida adoção das modas que vêm da cidade. E também as preocupações com a segurança, as exigências de uma previsão referente ao futuro, em suma, uma racionalidade divulgada pela cidade. (LEFEBVRE, 2009, p.19).

A ideia de cultura urbana formou-se com uma mistura de estruturas sociais, políticas e econômicas.

Aí confluem as grandezas e misérias, a sociedade burguesa, o ideal de cidadania e liberdade. Por outro lado, as cidades criam sistemas de sociabilidade independentes da regulação direta da vida rural, onde as pessoas que não se conhecem podem conviver, de tal forma que se pode produzir uma comunidade de estranhos. (PROENÇA, 2011, p.39).

Para Lefebvre (2009), houve transformações na maneira como a cidade foi produzida na sociedade tradicional e como passou a ser construída na sociedade capitalista, passando de produção das coisas no espaço à produção do espaço planetário. Com isso, avança-se da consideração clássica dos lugares de implantação industrial para o espaço inteiro, ou seja, ocorre uma mutação, pois o espaço (e não as coisas no espaço) é que passa a ser produzido, agora, em escala planetária, sendo por isso a mais-valia o motor dessa relação social mundial. O supracitado autor, considera que o espaço urbano tornou-se o lugar do encontro das coisas, das pessoas e da troca sendo, por isso, fundamental para a reprodução da condição humana. Logo, excluir do urbano os indivíduos, os grupos, as classes, implica também excluí-los da civilização, e até mesmo da sociedade. O autor discorre sobre a importância, nesse cenário, da luta pelo direito à cidade. O direito à cidade, de outros tempos e outros espaços, que não o do consumo e do mercado, que concebe o espaço vivido, o espaço da não segregação e do respeito e convívio com a diferença sócio-espacial.

Mudariam a realidade se entrassem para a prática social: direito ao trabalho, à instrução, à educação, à saúde, aos lazeres, à vida. Entre esses direitos em formação figura o direito à cidade (não à cidade arcaica, mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais, etc). A proclamação e a realização da vida urbana como reino do uso (da troca e do encontro separados do valor de troca) exigem domínio do econômico (do valor de troca, do mercado e da mercadoria) e, por conseguinte se inscrevem nas perspectivas da revolução sob a hegemonia da classe operária. (LEFEBVRE, 2009, p.139).

Portanto, o espaço urbano para Lefebvre consiste no lugar onde as relações capitalistas se reproduzem e se localizam com todas as suas manifestações de conflitos, lutas e contradições. Essas contradições advêm, para esse autor, “[...] do conteúdo prático e social e, especificamente, do conteúdo capitalista que, por extensão, expressão a dimensão política da luta, da disputa, do conflito entre, por exemplo, as classes sociais.” (MONDARDO, 2010, p.198). O espaço urbano na sociedade capitalista pretende ser racional quando, na prática, é comercializado, despedaçado, vendido em parcelas. Consequentemente um espaço capitalista, um espaço seletivo, espaço para aqueles que detêm o poder de consumo, que dá o *direito* à propriedade privada do solo e ao seu uso.

Realizamos essa contextualização sobre a sociedade urbana para demonstrar a construção da urbanidade ao longo do tempo até os dias atuais. A realidade urbana atualmente, sobretudo, nas grandes metrópoles, gera questionamentos e faz com que muitos conceitos sejam (re)pensados ou relativizados, a exemplo de noções sobre a segurança, controle e estabilidade, solidariedade e cidadania, centralidade, vazios urbanos, esfera pública e privada, bem como a própria estética urbana devem ser reexaminadas. O que nos leva a refletir sobre os desafios da cidade, cujas questões fazem parte do urbanismo contemporâneo e a elas se agregam sempre os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

O eixo urbanidade tem como centro o homem enquanto ser urbano e destaca a relação dialética entre o sujeito e objeto e as inversões de papéis que a contemporaneidade coloca. O homem, enquanto ser social e sujeito, faz, vive, transforma e se reproduz na cidade. A cidade, enquanto objeto, é feita e refeita, consumida e transformada. Na contemporaneidade observamos cada vez mais uma mudança nesta relação e o homem vem assistindo, [...] a cidade dominá-lo e consumi-lo, fazendo com que a vida urbana seja meramente uma busca pela sobrevivência – do tipo salve-se quem puder – deixando pouco espaço para a expressão da individualidade criativa e feliz.

Somos nós que moldamos a cidade ou é a cidade que nos molda?
(SILVA, 2006, p.10)

Presenciamos as mudanças na condição do viver urbano e do próprio conceito de cidade a partir da modernidade, quando a relação entre as esferas públicas e privadas guardam um significado definido entre a condição de vida íntima e vida pública, na qual o espaço urbano privilegiava a condição de vida pública. A partir do rompimento dos seus muros a cidade ganha uma condição de cidade aberta, e era nos espaços públicos que as trocas sociais aconteciam, mesmo numa sociedade com estratificação social bem definida, assistimos a passagem da condição de homem público para a condição de homem indivíduo na cidade contemporânea. A urbanidade apresenta profundas divisões sócio-espaciais, constituindo fronteiras a serem superadas e trincheiras a serem demolidas. (SILVA, 2006, p.11). O conceito de urbanidade continua sendo a noção de fronteiras urbanas¹⁰, formando separações visíveis e invisíveis que fragmentam o espaço urbano e esvaziam o espaço público, a condição de isolamento e de individualismo está cada vez mais presente na cidade contemporânea.

A cidade praticada é o coração da urbanidade contemporânea, ao mesmo tempo lugar habitado, ancorado em sua história e no seu território, confrontado aos fluxos de mundialização, de circulação de bens e de ideias.

Como foi dito no início do texto, a urbanidade é definida tradicionalmente com a qualidade de urbano, como civilidade, cortesia e afabilidade, três expressões que hoje em dia menos traduzem a vida nas cidades. “Pode o urbanismo devolver estas qualidades à cidade e reviver o conceito de urbanidade, ou estamos fadados à incivilidade, à má-educação e à maldade?” (SILVA, 2006, p.19).

Sendo assim, ainda corroborando com Lefebvre (2008), vivenciamos modos de vida nessa sociedade urbana, sem ter o direito à cidade, pois ter esse direito, significa, o direito que as pessoas possam estabelecer trocas e relações, significa o direito dos cidadãos-citadinos e dos grupos que eles constituem, sobre as bases sociais, os circuitos de comunicação, de informação, de trocas, de vivenciar experiências múltiplas no espaço urbano diferencialmente produzido e diferencialmente apropriado.

¹⁰ Segundo Silva (2006, p. 25), o conceito de fronteiras tem sido questionado, especialmente com a introdução das tecnologias de informação na qual a própria Internet se constitui numa fronteira virtual de conquista e, paradoxalmente, contribui para a diluição das fronteiras tradicionais.

3. GEOTECNOLOGIAS E PROCESSOS FORMATIVOS

Aprender é algo precioso.
Mas é necessário também estar disposto a reaprender,
a rever o que sabemos e, às vezes,
até mesmo desaprender e desligar-se de um determinado jeito
de agir e de pensar que pode estar desgastado,
inconsistente, fechado demais.
Para isso, há que ousar enfrentar novas ignorâncias e,
então, buscar novos modos de relacionar-se,
trabalhar junto, descobrir caminhos ainda não trilhados.
(AZEREDO RIOS, 2013, p.9)¹¹

Neste capítulo discorreremos sobre o entendimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), Geotecnologias e Processos Formativos na contemporaneidade. Traremos como interlocutores os autores Hetkowski *et al* (2012), Hetkowski (2010, 2011), Brito e Hetkowski (2010), Nascimento e Hetkowski (2009), Lima Junior; Novaes e Hetkowski (2012), Santana (2012), Santos (2009, 2008), Freire e Valente (2001), Fitz (2005), Rosa (2005), Lobão e Chaves (2008), Nascimento (2010), Arendt (2013), entre outros, que trazem contribuições para o entendimento dessa temática.

Na busca pela transformação e, conseqüentemente, do enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem, que se reflete no aumento do desempenho escolar, o uso das TIC nesses ambientes vem sendo apoiados na busca pelas mudanças dos processos pedagógicos. Pesquisas vêm sendo desenvolvidas no âmbito nacional, como, por exemplo, no Livro eletrônico do Comitê Gestor da Internet no Brasil, intitulado TIC Educação (2012, p. 27), no qual os autores afirmam que a “[...] discussão sobre os impactos sociais das TIC no sistema escolar e nos seus atores não é recente e tem alimentado inúmeros debates em relação às políticas públicas e as pesquisas acadêmicas.” Nesse sentido, o acesso a essas tecnologias (computadores, tabletes, celulares, lousas digitais, entre outros) e a sua utilização pelos sujeitos/estudantes são condições essenciais para o

¹¹ AZEREDO RIOS, Terezinha. O valor do não saber. **Revista Gestão Escolar**. São Paulo: Fundação Victor Civita, abril/maio, 2013.

desenvolvimento dessa sociedade, que vem sendo denominada, por alguns autores, como sociedade da informação e do conhecimento, sociedade da aprendizagem e sociedade em rede (BURNHAM, 2000; VAN DER ZEE, 1994; BALL, 1993; CASTELLS, 2000). Com a democratização do acesso e do uso das TIC pelas escolas, vem sendo produzido impactos sociais relevantes na formação desses sujeitos.

No caso dos jovens em idade escolar, tais impactos são ainda mais notáveis: as novas tecnologias digitais e, sobretudo, as mídias sociais tem transformado profunda e rapidamente seus processos de socialização e a forma como eles se relacionam com o mundo a sua volta. As novas gerações chegam as escolas com competências e habilidades para realizar com desenvoltura atividades no computador e conviver com naturalidade no ambiente virtual. (TIC Educação, 2012, p. 27).

Esses sujeitos já nasceram imersos nessa nova configuração da sociedade proporcionada pelas TIC. As possibilidades oriundas do uso das tecnologias digitais, mídias sociais, entre outros, imprimem uma necessidade de adequação dos ambientes escolares, e, por conseguinte, nos processos de ensino e aprendizagem. O panorama educacional vigente precisa rever suas bases e práticas, bem como o uso que farão dessas tecnologias para potencializar os processos formativos. Segundo Hetkowski *et al* (2012, p.49), “[...] tecnologias implicam em inúmeros fatores implícitos que se referem à história milenar criada e modificada pelos homens, a fim de dominarem, em seu proveito, o ambiente material e imaterial.” Nessa perspectiva, a pesquisa exposta nesse trabalho, procurou redimensionar, junto aos alunos, os processos formativos que as TIC, e em particular as geotecnologias podem promover. Portanto, as geotecnologias instauram outras formas de conceber e de lidar com os conhecimentos e com os saberes da humanidade, bem como possibilitam outras maneiras de compreensão do espaço, do território e do lugar, onde esses sujeitos estão inseridos, onde eles vivem, convivem e habitam.

3.1 Geotecnologias e/na Contemporaneidade

[...] não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo. Tais aspectos variam continuamente, decorrendo daí que cada onda é diferente de outra onda; mas da mesma maneira é verdade que cada onda é igual a outra onda, mesmo quando não imediatamente contígua ou sucessiva; enfim, são formas e sequências que se repetem, ainda que distribuídas de modo irregular no espaço e no tempo. (CALVINO, 2010, p.8).¹²

O termo contemporaneidade é entendido e enfatizado neste trabalho como a compreensão e a construção de novos horizontes teóricos e práticos, marcados pelo compromisso, pela ética e pelo respeito entre os diferentes, descortinando a (re)construção e a (re)significação dos processos educativos, sociais, políticos, econômicos, ambientais, culturais e tecnológicos. É importante destacar que:

Refletir ou contextualizar a contemporaneidade não significa localizá-la em um tempo cronológico, mas relacioná-la a lógica constitutiva de cada ser humano, ou seja, o tempo histórico-social, aparentemente linear, deixa fissuras e brechas, as quais possibilitam que outras concepções, além daquelas firmadas na racionalidade científica, se constituam e se efetivem como novos discursos. (HETKOWSKI, 2010, p.5).

Desta forma, a contemporaneidade está relacionada ao tempo singular do sujeito, de sua participação e significação subjetiva, pois este fenômeno está associado com uma lógica peculiar de cada pessoa/sujeito e não com o tempo linear; ou seja, com o tempo histórico-social, aparentemente reto, que deixa ranhuras e fissuras, possibilitando que outras concepções/princípios, para além daqueles estabelecidos no senso científico, construam-se e se efetivem como possibilidades relativas à subjetividade dos sujeitos, “[...] constituindo-se assim, como um sentido-valor relativo, uma verdade relativa” (LIMA JUNIOR; NOVAES; HETKOWSKI, 2012, p. 47). Por conseguinte, os seres humanos expressam

¹² CALVINO, Italo. **Palomar**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.8.

singularmente sua participação nos acontecimentos históricos, sociais e culturais. A contemporaneidade se faz e se alimenta nas relações entre os sujeitos da diferença, entre as singularidades, sendo essa a condição de mundanidade e de realidade. Portanto, conforme Arendt (2013, p.36), “[...] sempre que os homens se juntam, move-se o mundo entre eles, e nesse interespaço ocorrem e fazem-se todos os assuntos humanos”, o que nos leva a refletir sobre a importância das potencialidades das tecnologias e de suas implicações no dia-a-dia das relações entre os sujeitos.

O aprimoramento das TIC proporciona novas dinâmicas nas relações sociais, bem como na difusão e compartilhamento de informações e conhecimentos entre as pessoas de diferentes partes do mundo, em uma velocidade jamais vista. (HETKOWSKI *et al*, 2013, p.114).

Na contemporaneidade, a ciência, tecnologia, informação e conhecimento constituem a base da reorganização do espaço e da sociedade. Com o avanço tecnológico nas últimas décadas, em especial, relacionado às tecnologias da informação e da comunicação (TIC), surgem diversas possibilidades para a utilização de recursos tecnológicos nos processos formativos, destacando-se o redimensionamento do espaço e de suas representações. “É importante afirmar o caráter potencializador das TIC na educação e as possibilidades de mudanças que elas podem trazer ao processo ensino-aprendizagem.” (HETKOWSKI, 2009, p.238). Nesse interim, a educação na contemporaneidade exige novas formas de pensar, analisar, concluir, inferir, conceber e interpretar, provocando constantes transformações nos saberes e fazeres dos sujeitos produtores do espaço. No que se refere as geotecnologias, no contexto da contemporaneidade, as mesmas podem ser empregadas no sentido de criar e recriar, mesmo sob condições adversas, novas possibilidades de produzir e interpretar o espaço social, histórico, econômico, físico e técnico.

Assim, o redimensionamento no uso destas (geo)tecnologias pelos sujeitos no seu cotidiano, podem promover processos de subversão nas suas funções em busca de sua emancipação e fortalecimento dos sentimentos de pertença com o lugar e o território. Nesse período globalizado a técnica torna-se plataforma para a liberdade e insurgência, tornando-se suporte para potencializar as contraracionalidades (SANTOS, 2009) e fortalecer os movimentos que se

estabelecem no lugar, pois o sistema de objetos pode colaborar e potencializar dinâmicas tanto hegemônicas no sentido de criar e conceber novos significados ao espaço vivido.

Segundo Freire e Valente (2001), o uso das tecnologias com finalidade pedagógica visa, especialmente, à integração entre alunos e professores, buscando compreender e interpretar fenômenos socioculturais. Nos processos formativos, o advento das geotecnologias pode indicar caminhos e instituir práticas de ensino à ampla compreensão dos elementos que constituem o espaço. São diversas as possibilidades para o uso dessas tecnologias digitais, destacamos as geotecnologias e suas características à composição de técnicas para a captação, armazenamento e utilização da informação à análise do espaço geográfico, realizada por meio de modernas técnicas de georeferências. Para elucidar esse conceito é importante considerar que:

As geotecnologias, estas entendidas como sendo as novas tecnologias ligadas às geociências e às outras correlatas. As geotecnologias trazem, no seu bojo, avanços significativos no desenvolvimento de pesquisas, em ações de planejamento, em processos de gestão e em tantos outros aspectos à questão espacial. (FITZ, 2005, p.3).

Entendemos que com a complexidade dos processos de produção e reprodução do espaço, as geotecnologias vêm contribuindo de forma relevante, na busca por soluções para essas suas questões espaciais, o que requer o uso de novos instrumentos conceituais e técnicos. Nessa perspectiva, essas (geo)tecnologias se apresentam como possibilidades à análise e compreensão das transformações espaciais no que se refere a visualização de elementos que constituem a nova paisagem, especialmente das cidades, em meio a velocidade da dinâmica da sociedade que a todo momento promove fluxos, resultando em sistemas de ações (SANTOS, 2008a) que reconfiguram os objetos, tecendo assim novas configurações sócioespaciais e territoriais.



Figura 4 – Satélites ao redor do Globo Terrestre

Fonte: http://www.istoe.com.br/reportagens/309801_EMPRESA+LANCA+ SATELITES+ PARA+ POPULARIZAR+INTERNET+RAPIDA+E+BARATA

As geotecnologias, também conhecidas como “Geoprocessamento”, ou como um conjunto de técnicas para mapeamento das referências geográficas, mas compreendemos que esse conceito traz uma perspectiva instrumental, considerando os aspectos técnicos e materiais das geotecnologias. É de basilar importância, ressaltar que o termo técnica, é muitas vezes difundido como sinônimo de tecnologia e entendido como um conjunto de procedimentos voltados para o processo produtivo – o saber-fazer – assim como também é compreendido, apenas, como artefato material. Salientamos, entretanto, que compreender o conceito de tecnologia implica contextualizar inúmeros fatores implícitos, milenarmente, na história das invenções, “[...] criada e modificada pelos homens, com a finalidade, de dominarem, em seu proveito, o ambiente material e natural” (HETKOWSKI, 2009, p.238). As atividades humanas, envolvem de maneira indissociável, interações entre as “[...] pessoas vivas e pensantes, entidades materiais naturais e artificiais, ideias e representações. É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim, como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo” (LÉVY, 2007, p.22), não sendo possível separar o mundo material e sua parte artificial, das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam.

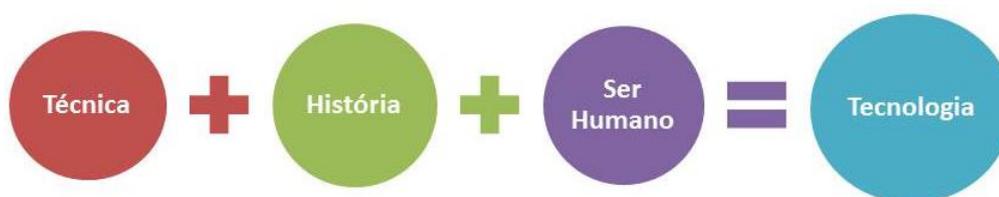


Figura 5 – Tecnologias como processo histórico

Fonte: Hetkowski, 2009, p.238.

Esses fatores estiveram e estão relacionados com a criação de artefatos e as descobertas de novas técnicas, pelos homens, para facilitar no seu cotidiano, de modo que “[...] uma tecnologia muitas vezes demanda o desenvolvimento de outra em seu caminho.” (BURKE; ORNSTEIN, 1998, p. 35). Desse modo, entende-se que as tecnologias são estruturadas e criadas por uma demanda da sociedade para estruturação da vida coletiva dos sujeitos, como pudemos perceber e conhecer a história e a organização das futuras cidades. Um movimento dialético, a força transformadora do homem transformado, ou seja, que se apropria das transformações. Isso significa, “[...] que o homem, ao produzir as condições de sua existência, ao transformar a natureza, se apropria dela e se objetiva nela. Essa apropriação e essa objetivação geram no homem novas necessidades e conduzem a novas formas de ação.” (DUARTE, 2007, p.23), ou seja, como uma tecnologia já estabelecida conduz a apropriação, por parte dos sujeitos, para viverem em sociedade e melhorarem suas condições de vida coletiva.

Dessa forma, as sociedades, no decorrer de alguns séculos, seria marcada pela modernidade, refletida através de diferentes tecnologias e, conseqüentemente, com a criação de inúmeros instrumentos tecnológicos, o que nos leva a afirmar que a tecnologia é o conhecimento de uma arte. A arte de buscar soluções a um número significativo de problemas próprios de uma determinada época histórica, o sujeito do fazer desenvolveu um conjunto de ações para dar sustentação à condição da vida humana e o sujeito racional empreendeu seus esforços, nas técnicas que criam instrumentos, para dominar a natureza a seu favor. As tecnologias modificam e se modificam em si mesmas pela ação transformadora do homem por meio delas próprias e, na contemporaneidade, pelo uso das mídias, vem promovendo modificações significantes nas relações humanas.

Assim, a tecnologia reestruturou profundamente a consciência, a memória humana e a busca de soluções para grandes e pequenos problemas, pois a mesma

traz imbricada conteúdos subjetivos que envolve o sujeito do fazer e as técnicas que envolvem a racionalidade do homem prático. Isso significa que,

[...] a tecnologia realmente já não parece ser “produto de um esforço humano consciente no sentido de ampliar a força material, mas sim um desdobramento biológico da humanidade no qual as estruturas inatas do organismo humano são transplantadas, em uma medida sempre crescente, para o ambiente do homem.” (ARENDDT, 2013, p.190).

A partir dessa visão de Arendt (2013), é possível identificar as diferentes possibilidades de representação que a presença da tecnologia provoca nos processos formativos do ser humano. Isso nos leva a deduzir que, poucos sujeitos, advindos de ambientes formais de educação, pensam no conceito de tecnologia como um processo humano. Tecnologias são compreendidas como processos criativos, produtivos e transformativos dos homens.

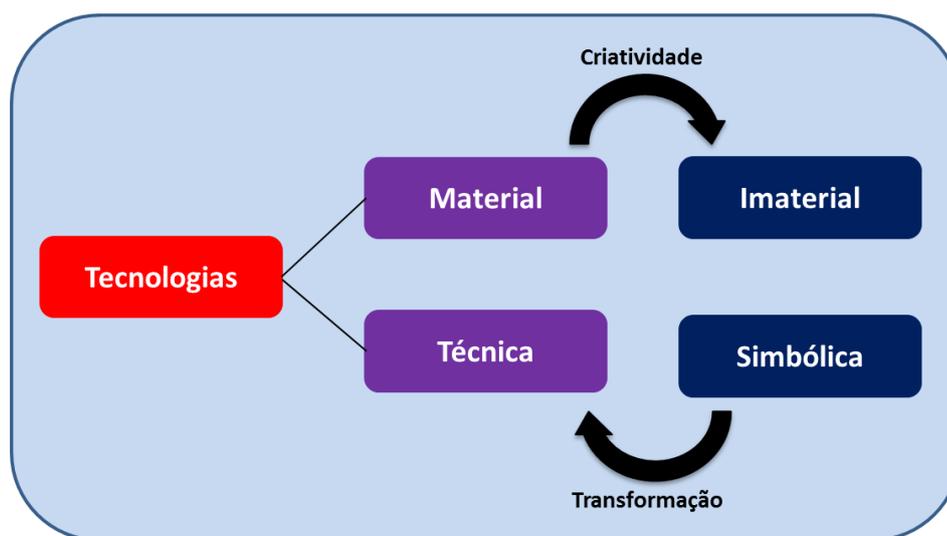


Figura 6 – A tecnologia como processo humano e criativo
Fonte: Hetkowski, 2010.

A tecnologia é muito mais que suportes maquínicos e instrumentos tecnológicos, representa na sua essência o conhecimento de uma arte. A arte de buscar soluções, no qual o homem redimensiona os recursos materiais e imateriais. Destacamos que:

[...] tecnologias são processos humanos criativos, que envolvem elementos materiais (instrumentos e técnicas) e imateriais (simbólicos e cognitivos) e que se encarnam na linguagem do saber e do fazer dos homens. Assim, a geotecnologia representa a

capacidade criativa dos homens, através de técnicas e de situações cognitivas, representar situações espaciais e de localização para melhor compreender a condição humana. Assim, potencializar as tecnologias, significa ampliar as possibilidades criativas do homem, bem como ampliar os “olhares” à exploração de situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico, ao lugar da política, a representação de instâncias conhecidas e/ou desconhecidas, a ampliação das experiências e a condição de identificação com o espaço vivido (rua, bairro, cidade, estado, país). (HETKOWSKI, 2010, p.6).

Diante disso, as geotecnologias são compreendidas como “[...] processos humanos e técnicos que os sujeitos utilizam para conhecer, representar e estudar os espaços da terra” (NASCIMENTO, 2010, p.18), ou seja, as geotecnologias possibilitam o emprego de técnicas como os satélites, as fotografias aéreas e outras tecnologias digitais capazes de indicar novos caminhos para desenvolver práticas de ensino, sobre a compreensão dos elementos que constituem o espaço vivido dos sujeitos aprendizes. No entanto as geotecnologias são, aqui entendidas, como as formas criadoras que os sujeitos usam para se locomover, andar, construir caminhos e estabelecer relações de pertencimento com o espaço urbano que vivem. Nesse sentido os mapas mentais, os percursos singulares, os pontos de referências, a história de sua família e a sua própria insurgência como ser humano, mobilizam processos criativos e estratégias para fazer da cidade (lugar) uma arte criadora com sentidos e significados únicos. Isso é agir e pensar tecnologicamente.

Assim, apesar do caráter técnico, “[...] as geotecnologias apresentam aspectos social, antropológico, emocional, político e econômico” (LOBÃO; CHAVES, 2008, p. 35), denotando assim, que a utilização das suas potencialidades nos processos formativos representa uma nova perspectiva e uma nova possibilidade de inclusão, pois além de poder inserir o sujeito no mundo digital “[...] permite a construção de uma compreensão acerca do espaço geográfico, fortalecendo os enlances de pertencimento, de conhecimento e de cidadania.” (BRITO E HETKOWSKI, 2010, p. 61).

3.2 Geotecnologias nos Processos Formativos

Há duas maneiras de percorremos as estradas do mundo,
 [...] pode-se caminhar agachado, com os olhos pregados no chão,
 ou marchar ereto, com a frente erguida,
 inspirando o ar rarefeito dos picos, com os olhos fitos no céu.
 Quem se apega ao chão,
 se fixa nas pedras e nos buracos da jornada,
 tropeça e se machuca a cada passo,
 com as mãos enterradas no barro.
 Quem se eleva para o alto,
 vê as montanhas que deve alcançar,
 enche os olhos com o verde das árvores
 e recebe o orvalho do céu.
 (INCONTRI, 2012, p.37).¹³

Os avanços técnicos, científicos e informacionais do período atual permitem uma nova configuração da sociedade, nas suas mais diversas esferas. O aprimoramento das TIC proporciona novas dinâmicas nas relações sociais, esses processos geram possibilidades de compartilhamento, de conexão significativa, nas redes sociais, bem como na difusão e compartilhamento de informações e conhecimentos entre as pessoas de diferentes partes do mundo.

Diante desse crescente avanço tecnológico, as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) potencializam esta dinâmica, pois:

O período histórico atual vai permitir o que nenhum outro período ofereceu ao homem, isto é, a possibilidade de conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente. Isso nunca existiu antes, e deve-se, exatamente, aos progressos da ciência e da técnica (melhor ainda, aos progressos da técnica devido aos progressos da ciência). (SANTOS, 2009, p. 31-32).

Nesse contexto, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, devido à intencionalidade de sua produção e de sua localização, surgem com propósitos relacionados a informação; e na verdade, a “energia principal de seu funcionamento é também a informação”.

¹³ INCONTRI, Dora. **Conforto Espiritual**. Salvador: Mente Aberta, 2012.

O conhecimento acerca do espaço, concebido, percebido e vivido na formação dos sujeitos agrega novas possibilidades de reflexão sobre as questões sociais, pois além de focar a existência, pode ser discutida a localização dos fenômenos, entre outras análises geográficas. Nesse interim, novas possibilidades na utilização das geotecnologias são reveladas, que não aquelas voltadas à produção, ao controle e a circulação, mas “[...] relacionadas à compreensão social do espaço, voltadas à inclusão do espaço no sentido de um processo social de construção e apropriação do espaço.” (HETKOWSKI, 2011, p. 10).

Na contemporaneidade surgem diversas possibilidades para a utilização de recursos tecnológicos na vida e no cotidiano dos sujeitos, destacando-se o redimensionamento do espaço e de suas representações. A principal forma de relação entre o homem e o meio, é dada pela técnica, a qual constitui “[...] um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço.” (SANTOS, 2008a, p.29). Desta forma, as geotecnologias permitem o “[...] entrelaçamento entre as técnicas e a criatividade humana.” (HETKOWSKI, 2011, p. 10). Ao apontar as técnicas podemos destacar a utilização de imagens de satélite, fotografias aéreas, *Google Earth* e *Maps*, ferramentas, games e simuladores digitais entre outros.

Por conseguinte, as potencialidades das técnicas das geotecnologias, nos processos formativos, podem ser agregadas às práticas de ensino, com a finalidade de estabelecer um diálogo contextualizado com o mundo informatizado no qual esses sujeitos estão imersos. “Os processos formativos modernos geraram as tessituras sociais contemporâneas por meio de notáveis ressignificações ou/e poderosas subversões no modo como construímos sentido e organizamos a vida social.” (SANTANA, 2012, p.63). Nesse sentido, a compreensão de educação escolar assumida nessa pesquisa é a de que ela se constitui como um “processo intencional, consciente, fundamentado na valorização da vida e que busca a orientação das pessoas para o conhecimento de si mesmas, como base para o autodomínio e para o reconhecimento dos outros como diversos.” (NASCIMENTO E HETKOWSKI, 2009, p. 136).

Nessa perspectiva é que as geotecnologias podem proporcionar formas eficientes de estudo e aprendizagem para o estudante e professor. Uma vez que os recursos geotecnológicos, mediante suas diferentes técnicas (como as imagens satélites, as fotografias aéreas e a cartografia digital), permitem o desenvolvimento

de práticas de ensino que estabelecem uma compreensão mais aprimorada dos elementos do espaço geográfico e ressignificam as relações com o espaço vivido e percebido pelos alunos. Segundo Brito e Hetkowski (2010), a utilização destas potencialidades nos processos formativos de ensino e aprendizagem representa uma possibilidade de inclusão, pois pode inserir o sujeito no mundo digital e fortalecer os enlaces de pertencimento, de conhecimento e cidadania com a construção de uma compreensão acerca do espaço geográfico.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento das geotecnologias foram potencializadas à medida que os meios de comunicação se desenvolveram, permitindo um redimensionamento quanto à utilização destes recursos, usadas como técnicas anteriormente, hoje são redimensionadas por diferentes profissionais (engenheiros, cartógrafos, geógrafos e etc.), ganharam novas funções.

Nesse contexto, novas possibilidades na utilização das geotecnologias são reveladas, que não aquelas voltadas à produção, ao controle e a circulação, mas relacionadas à compreensão social do espaço, voltadas também a inclusão do espaço no sentido de um processo social de construção e apropriação do espaço. (HETKOWSKI, 2011, p. 10).

Além disso, as geotecnologias deixam de ser meras ferramentas e passam a ter uma condição de processo com potencial de inovar, alterar, reorganizar e ressignificar o espaço geográfico, possibilitando a abertura de caminhos que levam a interdisciplinaridade ou mesmo a destituição das barreiras disciplinares, uma vez que permitem uma diversidade de estudos e análises sobre o espaço, sendo a interseção de diferentes áreas de conhecimento, a exemplo das Engenharias, Geografia, Geologia e Biologia. As geotecnologias possibilitam contribuições significativas no desenvolvimento de pesquisas, no planejamento e nos processos de gestão e em tantos outros aspectos à questão espacial e a cidade.

Desta forma, o uso da Geotecnologia no ambiente escolar e, nesse caso em particular, com estudantes do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino, gera inúmeras possibilidades de exploração e de abordagem devido à potencial maturidade à construção cognitiva que estes podem desenvolver.

As possibilidades que as geotecnologias desencadeiam, especialmente para as crianças, revelam e ampliam as possibilidades de conhecer o mundo, explorar situações vividas, percebidas e concebidas no seu bairro, no seu lugar, pois (re)conhecer a cidade “de cima para baixo” e (re)conhecer-se nela só é possível devido as técnicas da geotecnologia, propiciada pelos avanços técnicos, científicos e informacionais e revelados como possibilidades para ampliar as representações, os significados e as simbologias.(HETKOWSKI *et al*, 2012, p. 50).

A utilização de técnicas, aliadas a conceitos, sentidos e significados não só possibilita um conhecimento da dimensão material aos estudantes com novas formas de se observar o espaço, permitindo uma aproximação destes jovens com as atividades profissionais que estão ligadas às geotecnologias. Fato este que torna de extrema relevância, uma vez que é neste período da vida que normalmente iniciam-se as escolhas e decisões quanto à profissão a ser exercida.

4 ARQUITETO E MORADORES: CRIANDO ESPAÇOS E ESTILOS

Caminhante, não há caminho,
o caminho é feito ao andar.
ao andar se faz o caminho
e ao olhar para trás,
se vê a senda que nunca
se vai voltar a trilhar.
caminhante não há caminho,
somente rastros no mar.
(ANTONIO MACHADO, 2010, p.1).¹⁴

Neste capítulo, ao delinear o caminho metodológico que foi traçado à “construção” dos pilares que compõem essa investigação, Marques (2008, p.118) nos mostra que a pesquisa cumpre uma função construtivo-organizativa dos seus enunciados, que estão correlacionados entre si na composição de um sistema de referenciamentos recíprocos, pelos quais se podem inserir em sistemas amplos e que esse “[...] complexo de sistema de suas articulações e referências adquirem sentido e elementos singulares ou diversamente agrupados.”

O pesquisador é como um arquiteto que pensa a casa ao estilo de seus futuros moradores, e a pensa na correlação de seus aposentos e neles dos móveis, ao mesmo passo que cercada de jardins e ruas enquadradas no plano da cidade. Sabe o arquiteto que os moradores se hão de afeiçoar/modelar aos móveis e aposentos, à vizinhança e ao plano da cidade numa série de sistemas inclusivos. (MARQUES, 2008, p.118).

E nesse vai-e-vem, do particular ao mais amplo, do incluído aos seus incluídos, o pesquisador harmoniza as partes em si mesmas e no todo, trazendo assim, consistência e coerência adequadas à densidade da tessitura do texto. Por isso, estou propondo um convite a quem aprende com a razão e emoção. Assim, na medida em que o caminho vai sendo trilhado, basta fechar os olhos e imaginar qual será a “escrita” que surgirá. *Imaginando e (re)inventando caminhos possíveis e impossíveis* e, isto, para cada um que deseja ler este trabalho, é permitido fazê-lo sem censura ou restrições.

¹⁴ Poema “Cantares” de Antonio Machado. Disponível em: <http://blogs.utopia.org.br/poesialatina/cantares-antonio-machado/>. Acesso: 18 jan. 2013.

Nesses caminhos *possíveis* e *impossíveis* vou delineando meu percurso e seguindo os *passos* de Certeau (2008, p.200), quando nos afirma que “[...] todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço”, assim, das minhas inquietações e reflexões sobre a cidade e sobre a constituição do espaço urbano pelos modos de apropriação humana, nasceu essa pesquisa. A temática sobre cidade vem suscitando pesquisas, olhares, respeito e atenção pelas diversas áreas do conhecimento, como arquitetura, engenharia, sociologia, geografia, pedagogia, entre outras, onde entendemos que o espaço é um lugar praticado e transformado. Observar os diferentes lugares, a casa, o bairro e a cidade, implica em resgatar as relações identitárias do nosso “eu”, de como “o mundo toma forma em sua exterioridade e como a pessoa interioriza esse mundo como parte de si mesma.” (GONÇALVES, 2007, p.17).

Autores como Brandão (2006), Carlos (2009, 2001), Cavalcante (2008, 2007), Lefebvre (2008), Santos (2009, 2008, 1988) entre outros, vem realizando estudos na busca da compreensão do espaço urbano relacionado com os modos de vida, uma vez que esse espaço deve ser produzido para que seus habitantes possam praticar a vida em comum, compartilhando seus desejos, necessidades e problemas cotidianos. A cidade assim em seu original sentido enquanto *pólis*, local do encontro não só entre pessoas, mas entre “vários tempos, espaços, saberes, tecnologias, produtos, tradições e culturas.” (BRANDÃO, 2006, p.10). Nesse ínterim, a contribuição da pesquisa à compreensão dessas dinâmicas surge por meio do seguinte questionamento: Como as geotecnologias podem auxiliar os alunos do Ensino Médio da Rede Pública de Salvador (BA) no entendimento acerca das dinâmicas que compõe a urbanidade, considerando os reflexos da contemporaneidade na compreensão dos espaços concebido, vivido e percebido?

Para operacionalizar os estudos e aprofundar o conhecimento, ajudando a entender à minha inquietude inicial e, trazendo *caminhos* que possibilitassem redimensionar o problema proposto, busquei pesquisas preliminares, feitas por meio de levantamento bibliográfico, discussões no grupo de estudos do GEOTEC, conversas com professores e profissionais da área, participações com apresentações de trabalhos em encontros, congressos, seminários, além de pesquisas no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em *sites*, e outros materiais disponíveis na internet. Bem nos afirma Certeau (2008, p.200) que são esses passos que

organizam a caminhada, que “fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam”.

Esses estudos auxiliaram na construção do processo da pesquisa, e a partir do levantamento dessas informações preliminares os objetivos: analisar como as geotecnologias podem potencializar os conhecimentos acerca da composição da urbanidade pelos alunos do Ensino Médio da Rede Pública do município de Salvador (Ba); bem como, redimensionar essas potencialidades; compreender como os partícipes da pesquisa percebem a cidade do Salvador, e em especial o conceito de Urbanidade e, entender como os sujeitos transgridem a concepção de Urbanidade, a partir dos espaços concebido, vivido e percebido.

Esses objetivos delineiam percursos e nos concebem que “[...] na pesquisa, como em toda a obra de arte, a segurança se produz na incerteza dos caminhos [...] muito tempo se perde e muitas angústias se acumulam à procura de um método seguro e adequado.” (MARQUES, 2008, p.11). Assim, cada pesquisador deve buscar suas trilhas próprias a partir do repertório de mapas possíveis. Então por considerar as singularidades do meu objeto de pesquisa, optei por uma abordagem qualitativa e pela pesquisa participante como método, a qual possibilita ao pesquisador envolver-se na mesma, desencadeando um movimento próprio à validação dos produtos obtidos, ressaltando que o objetivo da mesma não está no resultado final, mas sim em todo processo que abarca a dinâmica pesquisada, junto ao grupo de pesquisa, as escolas, aos professores, gestores, e alunos da Rede Pública de Ensino.

4.1 Abordagem Qualitativa

*Caminhar pelas próprias pernas é outra coisa.
Como ainda outra coisa é construir caminhos caminhando.
Trilhar os caminhos andados não é inventá-los.
(MARQUES, 2008, p.29).¹⁵*

Considerando as especificidades do objeto da pesquisa, sendo que o universo da mesma não é passível de ser captado por hipóteses perceptíveis,

¹⁵ MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

verificáveis e quantificáveis, então, justificamos a escolha pela abordagem qualitativa. A imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizada no contexto social do qual emergem, é condição essencial para o desenvolvimento desta abordagem, sendo que por meio dela, se consegue penetrar nas intenções e motivos, a partir dos quais, ações e relações adquirem sentido, sendo assim, as temáticas, a exemplo desta, pautada neste projeto, demandam um estudo fundamentalmente interpretativo.

Partindo desse princípio Beck; Bonb (1989) *apud* Flick (2009), consideram que:

A ciência não produz mais 'verdades absolutas', capazes de serem adotadas sem nenhuma crítica. Fornece ofertas limitadas para a interpretação, cujo alcance é maior do que o das teorias cotidianas, podendo ser aplicadas na prática de forma comparativamente flexível. (p. 22).

A pesquisa qualitativa tem como princípio básico a descrição do sujeito analisado, resultando na compreensão do papel desse sujeito. É por meio dessa análise, que características subjetivas, não quantitativas, podem ser consideradas, como valores, contextos, sentimentos e questões sociais e culturais. (DEVECHI; TREVISAN, 2010).

Partindo dessa premissa, Flick (2009), considera alguns aspectos essenciais para que a metodologia de pesquisa qualitativa seja utilizada, como:

- A escolha adequada dos métodos e teorias convenientes, utilizando teorias empíricas, que considerem o contexto em sua totalidade. Essas questões são tratadas na tese a partir dos conceitos de espaço, cidade, urbanidade, procurando compreender como os sujeitos transgridem, superam e criam dinâmicas para viver na cidade, construindo uma percepção do que é a mesma, tanto coletivamente como individualmente. Ademais abordamos o entendimento das geotecnologias como possibilidade à potencialização de processos criativos/formativos que proporcionem aos alunos conhecer melhor esse espaço, que é o seu "mundo", o seu "lugar", fortalecendo os enlaces de pertencimento;
- O reconhecimento e análise de diferentes perspectivas, levando em consideração, que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes. Assim buscou-se considerar às diversas perspectivas e contextos sociais

relacionados às experiências e vivências dos sujeitos na cidade, considerando as suas práticas constituídas no lugar (espaço vivido), incluindo o espaço escolar como *lócus* de construção das relações sociais dos indivíduos. O Colégio da Polícia Militar da Bahia - CPM, por meio do seu corpo acadêmico, vem ao longo de sua existência procurando estimular a pesquisa entre seus estudantes através da Iniciação Científica e de participação em eventos científicos e culturais;

- As reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte integrante do processo de construção do conhecimento, no qual a subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo da pesquisa. Ressaltamos a importância da nossa participação como pesquisadora no grupo GEOTEC, nele estudamos e aprofundamos os pressupostos epistemológicos, ontológicos e metodológicos sobre as potencialidades das tecnologias na educação, redimensionando as geotecnologias, sendo entendida como processo humano e criativo, que envolve elementos que são materiais e imateriais. O que tem possibilitado o entendimento das minhas categorias de estudo e na construção de novos saberes e fazeres;
- A variedade de abordagens e métodos que caracterizam as discussões e a prática da pesquisa demonstra que a mesma não está fundamentada em conceitos unilaterais. Participando de um grupo de pesquisa no qual os sujeitos envolvidos pertencem a diferentes áreas de conhecimento, conseguimos agregar e dialogar, com diferentes profissionais, respeitando suas dificuldades e diferenças, promovendo trocas e experiências, compartilhando ideias, num espírito colaborativo, o que mantém o grupo unido numa relação de ética e confiança, o que se traduz no crescimento individual e coletivo dos seus componentes.

Esses aspectos da pesquisa qualitativa são consequências das diferentes linhas de desenvolvimento que envolve os sujeitos e suas histórias, cujas evoluções aconteceram, em parte, de forma paralela e, em parte, de forma sequencial, uma vez, que a humanidade, no decorrer dos séculos, faz e registra seus processos formativos e criativos.

Corroborando com Flick (2009), os autores Bogdan e Bliklen (1994, p.16), afirmam que “[...] a expressão investigação qualitativa como um termo genérico,

agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características”, conforme descritas a seguir, ou seja, a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador, como seu principal instrumento. A pesquisa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e o caso pesquisado. Nela os dados coletados são predominantemente descritivos e o pesquisador deve ser cuidadoso com todo o material obtido na pesquisa considerando as ocorrências mais simples. Essa preocupação é redobrada quando se trata de jovens e adolescentes, como é o caso desta proposta investigativa.

A preocupação com o processo é muito maior que com o produto. Ao estudar um problema o pesquisador deve se importar como ele se revela, bem como a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Neste caso o pesquisador não se preocupa em buscar evidências que comprovem hipóteses pré-definidas ao estudo e; o significado que as pessoas imprimem às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador, o qual deve buscar apreender o ponto de vista dos participantes, especialmente quando se trata em, compreender como os jovens do Ensino Médio vivem e transgridem as instâncias da urbanidade.

Assim, vamos então, percorrendo/trilhando caminhos que nos parecem mais coerentes para construir uma compreensão próxima à natureza, dos homens e das relações humanas, pois segundo Santos (2008c, p.18), “[...] cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social”. Corroborando com Gatti (2007), que,

Um bom martelo, uma boa pá são absolutamente necessários para um trabalho de qualidade, mas, também, necessita-se de um artesão habilidoso e experiente em seu uso para a obtenção de resultados qualitativamente bons. Apenas uma boa pá nas mãos de quem não desenvolveu condições e não tem uma perspectiva para seu uso não garante um bom resultado. (GATTI, 2007, p.53).

Assim, a metodologia é construída, a partir da vivência do problema, com pertinência e consistência em termos de perspectivas e metas, e, não é apenas uma questão de rotina ou de passos, etapas e receitas prontas, mas representam somente um conjunto de estratégias que demarcam caminho, mas nascem das vivências do próprio pesquisador com o que é pesquisado, nasce do embate de ideia entre teorias e práticas, de leitura e do conjunto de crenças, atitudes e valores,

que permeiam o espaço concebido, percebido e vivido pelo sujeito na sua cidade, e na dinâmica da vida urbana.

Partindo dessa premissa, após clarificação sobre a abordagem qualitativa, dentro dos enfoques que poderiam ser utilizados, a pesquisa participante foi se mostrando e se demonstrando mais adequada para permear os objetivos propostos nessa pesquisa, pois participar é definir a, relação entre as coisas sensíveis e as ideias, ou ainda "*participatio*".

4.2 Pesquisa Participante

Se os caminhos se fazem andando, também o método
não é senão o discurso dos passos andados....
Construção de novos saberes,
a partir de saberes anteriores;
na verdade, uma reconstrução deles, no sentido de
desmontagem e recuperação de modo novo.
(MARQUES, 2008, p. 116).

A escolha pela pesquisa participante ocorreu pela mesma entrelaçar as dinâmicas entre atores e autores, gerando um aprendizado coletivo, mesmo quando existem diferenças essenciais de saberes, todos aprendem uns com os outros e uns por meio dos outros. Não significa o andar solitário de quem sabe para si, mas o andar coletivo de quem descobre que todo saber que não se abre a "[...] uma vivência de partilha é um saber não confiável, porque suas motivações podem ser pouco verdadeiras em um sentido humano, mesmo que suas descobertas sejam corretas e inovadoras, desde um ponto de vista científico." (BRANDÃO; STRECK, 2006, p.12). Portanto, com o objetivo de compreender o objeto, destacamos a pesquisa participante, a qual possibilita ao pesquisador envolver-se no mesmo, desencadeando um movimento próprio à análise cuidadosa dos resultados obtidos.

A pesquisa participante surgiu como proposta metodológica na década de 1960 na América Latina e na Europa. Os conceitos básicos da pesquisa participante partem de paradigmas diferentes, ou seja:

[...] o materialismo dialético-histórico, com modelos de organização-mobilização, conflito e transformação de estruturas-relacionais sociais. Menciona-se também a influência do funcionalismo estrutural, com modelos de harmonia, integração e modernização, assim como a de alguns outros paradigmas: fenomenologia, etnometodologia e interacionismo simbólico. (GABARRÓN; LANDA, 2006, p.104-105).

O que se deseja com os diversos “estilos” de pesquisa participante é tornar também a investigação científica, uma forma solidária de participação de produção intelectual e social de configuração coletiva e sempre em processo, gerando transformações a partir desses conhecimentos.

Segundo Macedo (2004), a pesquisa participante, ao mesmo tempo em que favorece a realização da ação educacional, favorece também a compreensão do sentido e do significado presentes na ação pedagógica e o desenvolvimento do sentido de pertencimento dos sujeitos envolvidos nesse processo em relação ao lugar, onde os mesmos desenvolvem suas vidas cotidianas. Para Brandão (1999), a participação dos sujeitos é condição de legitimidade da pesquisa a possibilidade de participação é um exercício de expansão da cidadania e da geração de oportunidades.

A pesquisa participante é uma abordagem pedagógica “[...] que entrelaça atores-autores e que é um aprendizado no qual, mesmo quando haja diferenças essenciais de saberes, todos aprendem uns com os outros e uns por meio dos outros.” (BRANDÃO & STRECK, 2006, p. 13). Nesse interim, são gerados saberes sociais, numa pedagogia solidária, no qual mais importante que o próprio conhecimento é o diálogo de e entre ideias e experiências que se estendem a um diálogo entre grupos e povos, numa ação social e transformadora da vocação popular e singular, no qual ouvir e valorizar os saberes dos sujeitos da pesquisa se torna tão importante quanto a pesquisa de autores especialistas nas teorias envolvidas no estudo.

Conforme Rocha (2004), a pesquisa participante, é uma abordagem que desafia o pesquisador a ver e compreender os sujeitos e seu mundo a partir de um trabalho social e político que constituirá a razão da prática da pesquisa. A participação tem como objetivo propiciar, aos grupos envolvidos, o entendimento dos problemas, para que eles possam percebê-los e levantar alternativas para seus interesses, com propostas de mudanças, envolvendo-os como “sujeitos do conhecimento”.

[...] um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir também desses conhecimentos. (BRANDÃO; STRECK, 2006, p. 12).

O pesquisador deve buscar, juntamente com a comunidade estudada, conhecer, conviver, participar, entender, discutir, conscientizar, por meio de ações as dificuldades da mesma, promovendo assim, processos formativos e, neste sentido esta proposta de trabalho vem articular a Universidade e a Escola, os pesquisadores, professores e alunos do Ensino Médio, no que tange as experiências e aspirações sobre a cidade de Salvador (Ba), especialmente no que se refere ao sentimento de urbanidade desses sujeitos, os quais vivenciam realidades diversas, em lugares singulares, com problemas, limitações e denota narrativas peculiares, pois a cidade sendo palco, as surpresas boas ou não sempre conduzem os fazeres dos autores que compõe esse cenário e as ações dessa urbanidade.

4.3 *Lócus* da pesquisa

A pesquisa foi realizada com alunos do Ensino Médio da Educação Básica da Rede Pública da Cidade de Salvador (BA), tendo como *lócus* investigativo o Colégio da Polícia Militar da Bahia (CPM) – Unidades: Dendezeiros e Lobato, através de uma parceria entre a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mediado pelo Grupo GEOTEC e o referido Colégio, desde meados de 2009.

4.3.1 Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade: Dendezeiros

O Colégio da Polícia Militar¹⁶ (CPM) teve seu funcionamento autorizado pelo Decreto Estadual n.º 16.765 de 09 de abril de 1957, e passou a integrar as dependências do maior e mais antigo quartel da Polícia Militar da Bahia (PMBA), a Vila Militar do Bomfim. Composta atualmente pela Academia de Polícia Militar, onde são formados os Oficiais da Polícia Militar da Bahia (PMBA), o Departamento de Ensino (DE), o Hospital Geral da Polícia Militar (HGPM), a 17ª Companhia

¹⁶ O Colégio da Polícia Militar da Bahia, faz parte do Sistema de Ensino da PMBA desde 1957 e atualmente atende a Rede Estadual de Educação.

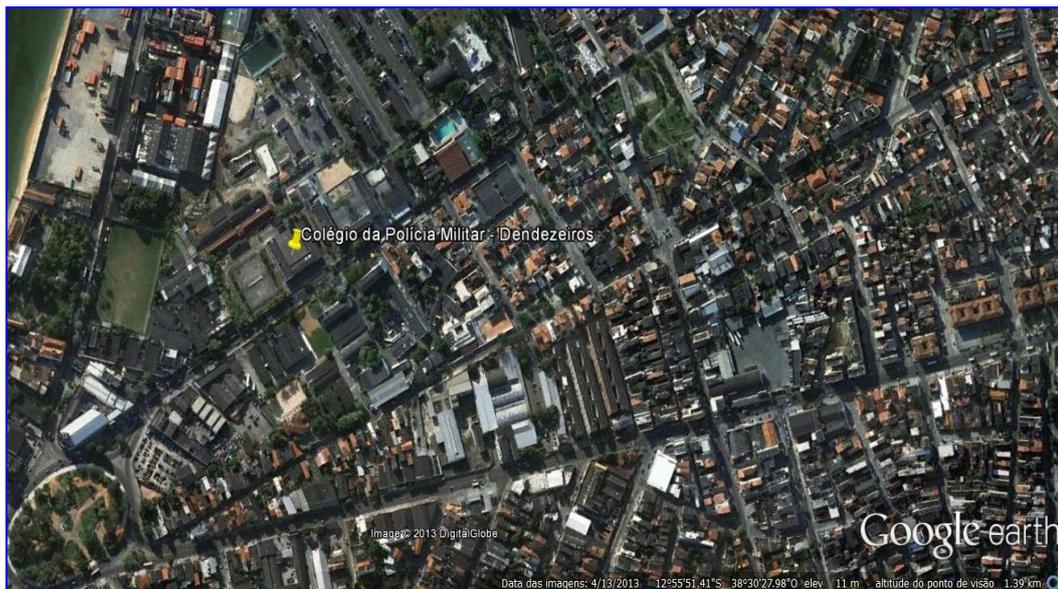


Figura 8 - Localização do Colégio da Polícia Militar – Unidade Dendezeiros

Fonte: Google Earth

O CPM está localizado numa região onde funcionam vários hospitais do Sistema Público de Saúde, a exemplo do Hospital de Irmã Dulce, Hospital Sagrada Família, Hospital São Jorge, Hospital Couto Maia, além de algumas clínicas de saúde particulares. Nas suas proximidades também estão situadas várias escolas da Rede Pública de Ensino, como o tradicional Colégio Luiz Tarquínio, Colégio Olímpio Franca, as Unidades do CPM Ribeira e Luiz Tarquínio, o SENAI, além de ser uma região com forte comércio.



Figura 9 - Foto do Colégio da Polícia Militar – Unidade Dendezeiros

Fonte: Google Earth - Street View

O CPM como estabelecimento de Ensino Público, que atende a uma população estudantil oriunda das mais diversas realidades escolares, particulares e públicas é mantido e administrado pela Polícia Militar do Estado da Bahia e Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC), num sistema de parceria que, harmonicamente, estão direcionadas para um objetivo comum que é a formação integral do alunado e o ingresso na Academia da Polícia Militar ou em outros cursos superiores. Para tanto, visa desenvolver as potencialidades do educando como elemento de autopreparação para o trabalho e para o exercício consciente de sua cidadania. Nos apêndices A, B, C,D e E, estão relacionadas, às instalações físicas da referida Unidade Dendezeiros.

Esses sujeitos alunos e professores que constituem o cotidiano do colégio são significativos. Professores na sua totalidade somam 235 e alunos nos períodos matutino, vespertino e noturno são em número de 2.490. Atores que compõem o cenário dos saberes e fazeres da Unidade Dendezeiros do CPM.

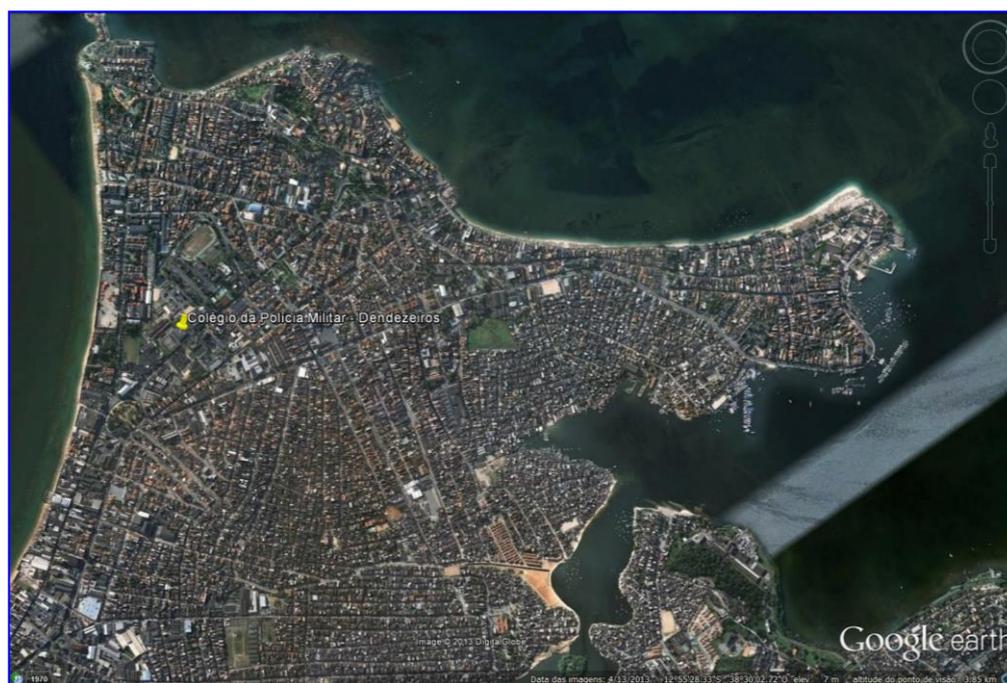


Figura 10 - Localização do CPM – Unidade Dendezeiros na Península Itapagipana

Fonte: *Google Earth*

Nesta Unidade, mediado pelas ideias renovadoras do Major Copérnico foi implementado em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA), o Projeto Ciência, Arte e Magia, que funcionou no período de 2005 a 2010, promovendo a Iniciação Científica aos alunos da 1ª a 3ª série do Ensino Médio. As pesquisas eram

desenvolvidas a partir das aspirações dos estudantes sobre as profissões que eles desejavam para sua carreira profissional. Os estudantes eram selecionados e distribuídos em duas turmas com vinte pesquisadores cada uma, alguns alunos tinham bolsas de estudo, outros participavam como voluntários no projeto, a bolsa de estudo tinha a duração de dois anos, após esse período os pesquisadores, os estudantes que desejavam permanecer no projeto, ficavam como voluntários. Essa iniciativa atrelada a uma ampliação da proposta pedagógica do colégio “institui” a Educação Científica como potencializadora ao ensino-aprendizagem e como aspirações à graduação e a busca de profissionalização.

4.3.2 Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade: Lobato

O Colégio da Polícia Militar, Unidade Lobato iniciou suas atividades de ensino em meados do mês de julho de 1997, como anexo do CPM Unidade Dendezeiros, tendo como primeiro comandante e diretor o Tenente Coronel PM Antônio Raimundo da Silva Gomes.

A Unidade de Ensino teve o seu funcionamento autorizado através do Decreto nº 7.485, publicado no Diário Oficial do Estado da Bahia em 02 de dezembro de 1998, visando atender a uma população estudantil oriunda das mais diversas realidades escolares, particular e pública, possuindo estrutura administrativa, didática e disciplinar próprias. Está localizado no bairro do Lobato, e situado na Avenida Península Joanes s/n, funcionando nas dependências da extinta Escola Clemente Mariano, cuja estrutura física ainda pertence ao Serviço Social da Indústria – SESI, o qual cedeu seu imóvel em regime de comodato a PMBA.

As atividades educativas do referido colégio foram iniciadas efetivamente em 20 de março de 1997, com 21 turmas do Ensino Fundamental e aproximadamente 562 alunos, oriundos da extinta escola SESI.

Alunos filhos de civis atualmente estudam nos Colégios da Polícia Militar, na Educação Básica desde a alfabetização ao 3º ano do ensino médio, inclusive com pré-vestibular e a preparação para o ingresso na Academia de Polícia Militar, órgão responsável pela formação dos oficiais da Corporação.

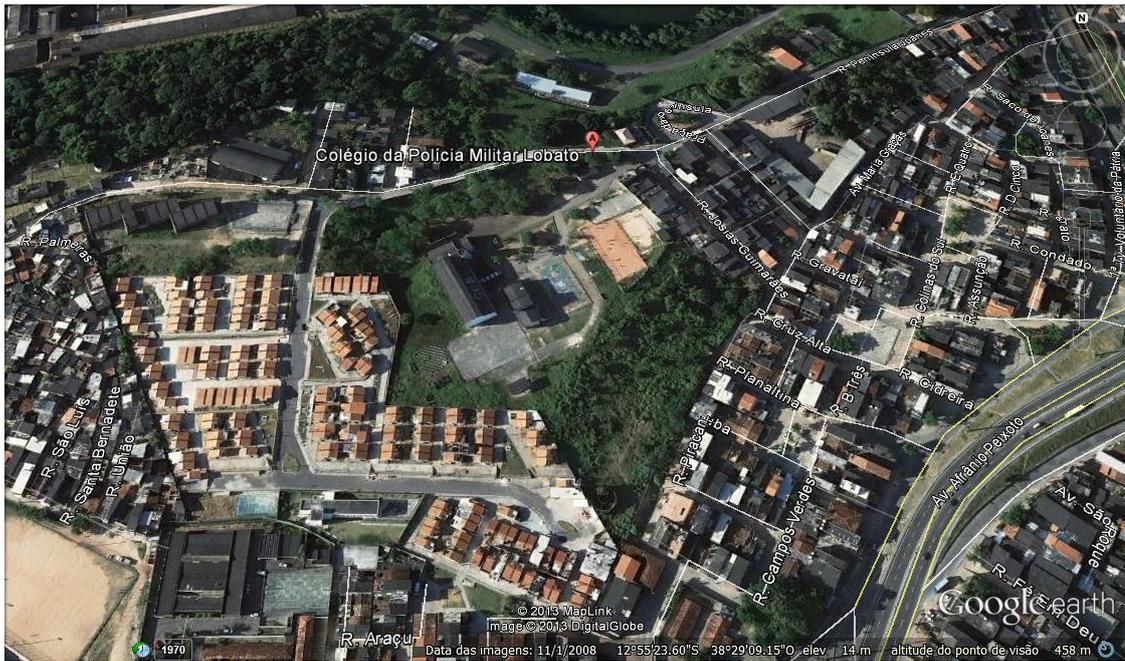


Figura 11 - Localização do CPM – Unidade Lobato
Fonte: Google Earth



Figura 12 - Foto da entrada do Colégio da Polícia Militar – Unidade Lobato
Fonte: Google Earth – Street View

O CPM como Estabelecimento de Ensino Público, que atende a uma população estudantil oriunda das mais diversas realidades escolares, particulares e públicas é mantido e administrado pela Polícia Militar do Estado da Bahia e Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC), num sistema de parceria que, harmonicamente, estão direcionadas para um objetivo comum que é a formação

integral do alunado e o ingresso na Academia da Polícia Militar ou em outros cursos superiores. Para tanto, visa desenvolver as potencialidades do educando como elemento de autopreparação para o trabalho e para o exercício consciente de sua cidadania.



Figura 13 - Foto do Colégio da Polícia Militar – Unidade Lobato
Fonte: <http://www.ssp.ba.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/lobato-2.jpg>

Nos apêndices F, G, H e I, estão relacionadas, às instalações físicas da referida Unidade Lobato, o quantitativo dos alunos matriculados (1099) e dos professores (107), e a titulação desses docentes, que na sua maioria são graduados (80), sendo que apenas 02 professores têm mestrado e que conhecem de forma mais sistematizada, os princípios da iniciação científica. Sendo um destes, o responsável pela dinâmica e coordenação do grupo de alunos pesquisadores.

Em 2011 o CPM Lobato ficou com o 1º lugar no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM na cidade de Salvador com 598 pontos de média e obtendo, conseqüentemente, o 3º lugar dentre as Escolas Públicas do Estado da Bahia, além do percentual de 33,6% dos alunos, aprovados nos mais diversos concursos/ vestibulares, comprovando desta forma a sua excelência no ensino. Ainda neste ano, externamente, o aluno Wallace Pinele obteve medalha de ouro na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e o aluno Vitor Vergne ficou com o certificado de Menção Honrosa da Olimpíada.

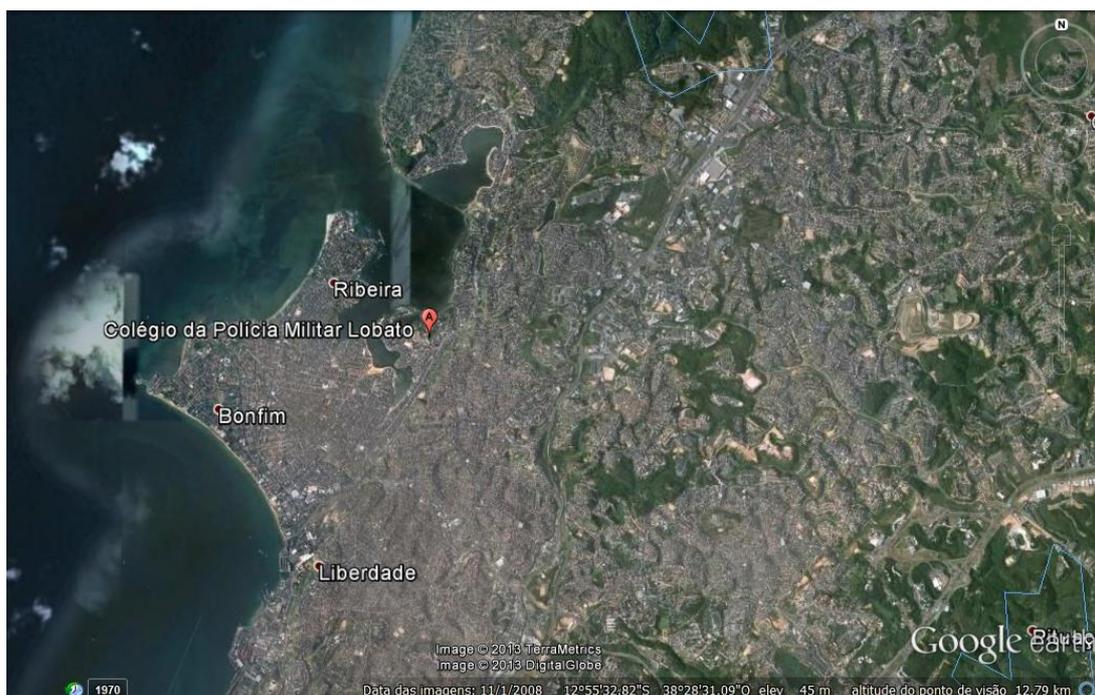


Figura 14 - Localização do CPM – Unidade Lobato na Península Itapagipana
Fonte: Google Earth

O convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) que proporciona a lotação nas Unidades de dirigentes escolares, professores, pedagogos e auxiliares administrativos, além de pessoal terceirizado para prestação de serviços gerais (faxina, merenda, dentre outros). Como parte do convênio, existe ainda a assessoria técnico-pedagógica e financeira, o repasse de verbas públicas do Estado e da União e o fornecimento de material permanente (mobiliário administrativo e escolar e equipamentos eletrônicos e de cozinha). Percebe-se que neste lugar, escola, muitos sujeitos fazem o cotidiano e são os atores e autores, para o funcionamento desta Instituição, bem como são responsáveis pela história e memória dos fazeres e saberes.

4.3.3 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa teve como atores, os alunos do Ensino Médio da Educação Básica da Rede Pública da cidade de Salvador (Ba), tendo como recorte investigativo o Colégio da Polícia Militar da Bahia (CPM) – Unidades: Dendezeiros e Lobato, em um total de 3589 alunos, sendo que 1467 alunos estão regularmente matriculados no Ensino Médio. A amostra desta proposta foram 40 alunos do 1º, 2º e

3º anos do Ensino Médio das referidas Unidades, dentre eles 23 meninos e 17 meninas. A escolha desses sujeitos foi feita, através de palestra de sensibilização, questionário e entrevista. Os quais participam, ou participaram da dinâmica da pesquisa nas suas unidades escolares, considerados aqui como pesquisadores juniores. Esses alunos estão em fase de direcionamentos e definições sobre suas carreiras profissionais, decisões e possibilidades de inserção no mundo do trabalho.

4.4 O processo de desenvolvimento da pesquisa

*Um trabalho de escrita é como um mosaico, isto é,
a escrita é um composto de pedrinhas ou de
cacos coloridos que dão cor e forma às descobertas,
aos pensamentos ou às sensações.*

*A diferença é que durante o processo de escrita
as pedrinhas ou os cacos são aprendizagens,
reflexões, críticas, análises, imagens e ideias que,
unidas e reunidas, vão dando forma ao sensível e ao inteligível.
(MACHADO DA SILVA, 2003, p.15).¹⁷*

A construção/desenvolvimento dessa pesquisa foi composta vários momentos distintos/complementares/imbricados, caminhos que se entrelaçam, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros... “[...] as redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada por fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços.” (CERTEAU, 2008, p.171).

Essa trajetória, e seus fragmentos, perpassam a pesquisa bibliográfica e documental, a partir de artigos, livros, teses, dissertações, monografias, participação em eventos (congressos, simpósios e seminários nacionais e internacionais). Os quais clarificaram a caminhada epistemológica sobre as cidades, espaços, geotecnologias, processos formativos, além do aprofundamento dos estudos sobre

¹⁷ MACHADO DA SILVA, S. M. **Confecções cartográficas de um mosaico mutante:** a potência de encontros da educação profissional em saúde. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

metodologia da pesquisa científica, especialmente relacionados a pesquisa qualitativa e a abordagem participante. Acredito que essas leituras e participações possibilitaram uma visão ampliada do cenário atual referente ao meu objeto de estudo.

Paralelamente às dinâmicas epistêmicas, efetivamos o desenvolvimento da pesquisa junto aos estudantes. Como já foi mencionado, a nossa tese é parte integrante do Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador/BA*¹⁸ que é coordenado pela professora Dra. Tânia Maria Hetkowski, e realizado no Colégio da Polícia Militar da Bahia/CPM, Unidades de Dendezeiros e Lobato, na cidade de Salvador (BA), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Esse projeto teve como propósito inicial revitalizar a Rádio Escolar do Colégio da Polícia Militar da Bahia das referidas Unidades e criar, a partir desta perspectiva, uma Rádio *On-line*, mobilizada e alimentada pelos alunos, com a intenção de veicular, com uma programação, o resgate histórico dos bairros da Cidade de Salvador. Além de ter como metas: consolidar a relação entre escolas públicas, universidade e comunidade na difusão do conhecimento e na divulgação de ciência e tecnologia no Estado da Bahia; bem como envolver a comunidade baiana na reconstituição da história e da composição da cidade de Salvador; através do uso das TIC, em especial da rádio, e o reconhecimento da mesma como meio para popularizar a ciência e ampliar as pesquisas aplicadas aos alunos de Ensino Médio, os quais representam as novas gerações de pesquisadores e a aplicação dos princípios da cartografia, das geotecnologias e das tecnologias digitais nos saberes e fazeres.

Os objetivos do projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador/BA* intencionam possibilitar a popularização da ciência; conhecer e memorar os bairros da cidade de Salvador (BA); organizar uma equipe de pesquisadores da UNEB e da Educação Básica para lidar com as TIC e com a revitalização da Rádio no CPM; compor a programação da rádio convencional e criar uma web rádio.

Durante o desenvolvimento da tese e para alcançar os objetivos propostos, foram realizadas inúmeras atividades: desenvolvimento e criação da identidade

¹⁸ Este projeto foi aprovado pelo Edital de Apoio ao Desenvolvimento de Projetos de Educação Científica - 29/2010 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

visual do projeto; seleção de pesquisadores voluntários; capacitação dos pesquisadores do projeto (Oficina Geotecnologias e suas possibilidades; Oficina de Radiodifusão; Oficina de Audiovisual; Oficina de Pesquisa Científica: Teoria, Método e Prática; Oficina de Museus Virtuais: cultura e patrimônio do ciberespaço; Oficina de Direito de Imagem; Oficina de Roteiro e Documentário; Oficina O Áudio e o Visual: tecnologias a serviço de uma construção de sentidos; Oficinas de Roteiro e Programação de Rádio – I, II e III; Oficina de vídeos de bolso (*móviles*); Oficina de Produção Científica: novos caminhos para construção do conhecimento); cursos (Curso de Corel Draw; Curso de Adobe Photoshop; Curso de Dreamweaver e HTML Básico; Curso de CSS Básico); visitas técnicas (Visita aos Bairros da cidade de Salvador para coleta de dados; Setor de Cartografia da Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER); Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB); Ambiente da Ecotrilha pertencente às empresas Odebrecht e Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA); Jornal A Tarde e Rádio A Tarde FM; Rádio Itapuan FM; Observatório de Antares da Universidade Estadual de Feira de Santana (BA); além da realização do evento "A Rádio da Escola na Escola da Rádio: os bairros de Salvador contados em som e imagem" nos anos de 2011 e 2012 e do I encontro de pesquisadores do projeto "A Rádio da Escola na Escola da Rádio" em 2013.

Além dessas atividades, os estudantes participaram de vários congressos, encontros, feiras, entre outros encontros acadêmicos, apresentando trabalhos e publicações referentes às suas pesquisas. Essas atividades promoveram processos formativos nos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Importante ressaltar que fiz parte, diretamente de todas as etapas da pesquisa, caracterizando aqui o método de pesquisa participante, já descrito anteriormente neste capítulo. A seguir serão descritas e analisadas as atividades que estão relacionadas diretamente com a temática urbanidade.

5 REFLEXÕES DA/NA URBANIDADE... SOBRE OS CAMINHOS E DINÂMICAS DA PESQUISA

A cidade, contudo, não é um aglomerado de pontos, pedaços ou manchas excludentes: as pessoas circulam entre eles, fazem suas escolhas entre as várias alternativas - este ou aquele este e aquele e de conhecimentos depois aquele outro - de acordo com determinada lógica; mesmo quando se dirigem a seu pedaço favorito, no interior de determinada mancha seguem caminhos que não são aleatórios. (MAGNANI, 2011, p.1).¹⁹

Nesse capítulo apresentaremos as reflexões decorrentes dos percursos da investigação, a partir da demonstração do processo, concebido por meio das falas, dinâmicas e ações dos sujeitos da pesquisa em consonância com as atividades desenvolvidas durante o Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador (BA)*, lócus e objeto motivador ao desenvolvimento dessa tese. As atividades realizadas, desde a exposição do Projeto da Pesquisa, a seleção dos sujeitos, os processos formativos através das oficinas, visitas técnicas, cursos, apresentações e publicações de trabalhos em diversos eventos acadêmicos serão explanadas resumidamente, com o intuito de demonstrar as ações do projeto. Contudo, as reflexões e relações a partir da temática urbanidade serão empreendidas através das falas dos sujeitos da pesquisa, por meio do I Encontro dos Pesquisadores do Projeto *A rádio da Escola na Escola da Rádio*, das Oficinas de Vídeos de Bolso e os trabalhos dos alunos nos bairros de Salvador, onde foram coletados os depoimentos dos sujeitos da pesquisa, para a finalização dessa etapa da investigação.

¹⁹ MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. [online]. in: **NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP**. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Acesso em 10 jul. 2013.

5.1. Desenvolvimento do Projeto “A Rádio da Escola na Escola da Rádio”

Como descrito no capítulo anterior, no início do ano de 2010, entramos em contato a Gestão das duas Unidades (Dendezeiros e Lobato) do Colégio da Polícia Militar da Bahia – CPM para propor a implantação do Projeto de Pesquisa *A Rádio da Escola na Escola da Rádio* na instituição. Depois do acordo entre as parceiras, realizamos uma palestra direcionada ao corpo docente e aos estudantes do 1º, 2º e 3º anos de Ensino Médio do referido colégio, com a finalidade de despertar nos alunos o interesse pela pesquisa, estimular à exploração das potencialidades das geotecnologias para o entendimento do espaço geográfico, compreendendo o mesmo como uma estrutura social dotada de dinamismo próprio e revestida de histórias, memórias e vidas que, através das TIC, possibilitam um entrelaçamento entre escola e comunidade na reconstituição da memória e identidade da cidade do Salvador (BA), procurando envolver/despertar, nesses alunos, o fazer científico e compreender a dinâmica e os processos do conhecimento científico e tecnológico. Ademais, foram apresentadas as principais atividades do GEOTEC no intuito de despertar nos participantes a vontade de participar como pesquisadores juniores na criação, implantação e autonomia do Projeto da Rádio.



Figura 15 - Palestra da apresentação do Projeto
Fonte: Grupo GEOTEC

Em seguida, foi realizada a seleção de 20 (vinte) alunos da Unidade Dendezeiros e 20 (vinte) da Unidade Lobato. Salientamos que a inserção dos alunos da unidade Lobato, ocorreu devido ao interesse dos gestores das mesmas em estabelecer uma parceria com o Grupo, com o objetivo de criar uma dinâmica à

pesquisa na Escola Pública Básica. O processo seletivo aconteceu em duas etapas: (a) os alunos preencheram um pré-questionário onde demonstraram seus conhecimentos prévios acerca da temática, e conseqüentemente, forneceram outros dados relevantes para a seleção dos mesmos; (b) entrega de justificativa acerca do interesse em participar do projeto.

Vários estudantes foram selecionados para a entrevista, sendo convocados 20 (vinte) estudantes de cada Unidade para preencherem as vagas disponibilizadas para o Grupo de Iniciação Científica Júnior/GEOTEC. O compromisso foi oficializado por meio da assinatura de um Termo de Compromisso entre o CPM, a UNEB, os alunos e seus respectivos responsáveis, conforme Apêndices J, K e L.

Após a efetivação do cronograma de atividades, a pesquisa iniciou com a realização de leituras e sistematização de textos sobre espaço, lugar, cidade, urbanidade, registro e memória e geotecnologias, entre outros, com a finalidade de promover discussões e reflexões acerca do uso das TIC na formação educacional e científica desses pesquisadores.



Figura 16 - Grupo dos alunos do Projeto CPM Lobato
Fonte: Grupo GEOTEC

Outra etapa importante foi a criação da identidade visual do Projeto, planejada a partir de um *briefing* (conjunto de informações), contendo descrições detalhadas para sua concepção, definida a partir do seu objetivo e público. Partindo destas premissas, pensou-se em um conceito origem do projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, “[...] que perfaz uma ação conjunta do Grupo GEOTEC, UNEB e o CPM. A partir disso surgiram outros conceitos como integração, difusão e modernidade.” (HETKOWSKI *et al*, 2013, p.124-125). A integração foi traduzida pelo globo terrestre na cor azul, remetendo a ligação do projeto citado com o GEOTEC. A difusão é representada a partir dos fones de ouvidos, que gera e veicula

informações por meio da música e notícias, além de sugerir a ideia de rádio, reforçada pela descrição por extenso, através uma tipografia que remete a uma escrita. O globo terrestre e os fones de ouvidos foram projetados em uma ferramenta de composição 3D, sugerindo a modernidade e perspectivados para caracterizar as linhas imaginárias dos meridianos, as mesmas utilizadas para representar as proporções para a composição de desenhos da face humana.



Figura 17 - Marca desenvolvida para o Projeto da Rádio
Fonte: Criação de Edson Machado

Por conseguinte, começamos as etapas de capacitação/formação dos pesquisadores juniores, pesquisa de campo nos bairros e sistematização e difusão das experiências obtidas durante a realização do projeto. Essas etapas serão expressadas a partir da seguinte organização: (a) Conhecer a cidade: olhares do concebido ao vivido; (b) Os sujeitos e suas histórias na/da cidade: mergulhos na urbanidade e; (c) Entrelaçando falas e vivências.

5.1.1 Conhecer a cidade: olhares do concebido ao vivido²⁰

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda
 que reflui das recordações e se dilata.
 Uma descrição de Zaíra como é atualmente
 deveria conter todo o passado de Zaíra.
 Mas a cidade não conta o seu passado,
 ela o contém como as linhas da mão,
 escrito nos ângulo das ruas,
 nas grades das janelas,
 nos corrimãos das escadas,
 nas antenas dos pára-raios,
 nos mastros das bandeiras,
 cada segmento riscado por arranhões,
 serradelas, entalhes, esfoladuras.
 (CALVINO, 2009, p.14-15).

²⁰ As atividades discutidas nesta seção foram desenvolvidas na Oficina "Geotecnologias e suas possibilidades" e durante o processo de pesquisa sobre os bairros da cidade de Salvador desenvolvido no "Projeto da Rádio".

Ao descrever as *Cidades Invisíveis* por meio do personagem Marco Polo em sua obra, Calvino (2009) convida o leitor a perceber as cidades em suas nuances e detalhes, instigando todos os nossos sentidos. E perceber a cidade, cheiros, objetos, suas composições, é fazer parte daquele espaço, ao mesmo tempo em que essas experiências formam nossos sentimentos, os símbolos que nos ligam a estes espaços. E as formas? Materializada nos prédios, calçadas, janelas, entalhes e esfoladuras que, como afirma o referido autor, contém o passado com as quais tecemos nossos vínculos e construímos também nossa Urbanidade. O que estas “formas” que compõe o espaço nos revelam? De quais maneiras podemos observá-las?

O conhecer a cidade, assim, trata-se de utilizar outros olhares, analisar este espaço em que vivemos por outras óticas, com outras perspectivas, potencializando aquilo que nós já conhecemos e abrindo outras janelas, desvelando outras formas de conhecer o mesmo. Dentro destas possibilidades, destacamos as geotecnologias como uma potencialidade para compreender o espaço urbano, como “lentes” que contribuem para que o sujeito melhor compreenda a sua cidade e estabeleça novos olhares sobre o mesmo, que podem redimensionar suas percepções sobre esse espaço concebido, vivido e percebido. Assim, procuramos explorar durante as oficinas com os estudantes, os conceitos referentes as Tecnologias da Informação e da Comunicação, a partir do redimensionamento das potencialidades das geotecnologias no processo formativo, bem como o registro da memória e a compreensão dos espaços da Cidade de Salvador (BA).



Figura 18 - Oficina Geotecnologias e suas possibilidades
Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 19 - Oficina Geotecnologias e suas possibilidades
Fonte: Grupo GEOTEC

Desta forma foram realizadas atividades envolvendo o software *Google Earth* e a ferramenta *Web* de visualização *Google Maps*, a exploração de estudos

referentes à geolocalização, que com a “popularização” dos navegadores de *Global Positioning System* (GPS), estão disponíveis em diversos aparelhos *móviles*, como celulares que integram o cotidiano desses sujeitos alunos do Ensino Médio. Com isso, percebemos como os estudantes/pesquisadores transgridem os espaços da cidade, utilizando essas geotecnologias, aqui entendida como processos criativos, que permitem esses sujeitos conhecer o espaço, para entender melhor as suas dinâmicas, em suas estâncias sociais, econômicas, políticas (SANTOS, 2008c), as quais permeiam seu “mundo”, seu lugar.

Na construção de estratégias com os estudantes, exploramos as potencialidades destas tecnologias para compreensão e análise do espaço citadino a partir dos bairros em que estes residiam²¹. Assim, com base nos conhecimentos e nas relações que estes estudantes já possuíam com esse espaço, os mesmos puderam identificar as diferentes dinâmicas que permeiam a cidade e caracterizam o intenso processo de urbanização, os quais interferem e interagem diretamente em nossa urbanidade. Dentre estes processos, os alunos puderam perceber as rápidas transformações que ocorrem no espaço, explicitada na construção de novos prédios (ver figuras 20 e 21)²², em diferentes as áreas da cidade, fruto de um intenso processo de crescimento imobiliário, ligados a processos de especulação e permeados por lógicas capitalistas globais que se especializam no Lugar.



Figura 20 - Imagem de Satélite do bairro Cabula – 2003

Fonte: Google Earth

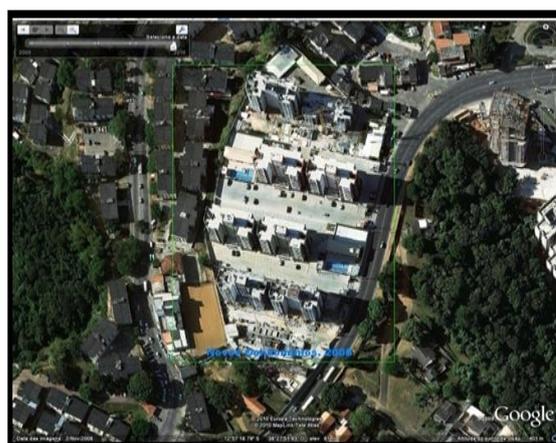


Figura 21 - Imagem de Satélite do bairro Cabula - 2008

Fonte: Google Earth

²¹ O estudo sobre os bairros e a utilização das potencialidades das TIC será detalhado nos demais subcapítulos.

²² Imagens retiradas das apresentações de trabalhos dos pesquisadores Carolina Miranda, Everton Assis, Hernan Sales e Weslei Silva, no ano de 2010.

A compreensão, entretanto, da dinâmica da cidade e dos seus processos, perpassa pelo entendimento de como esse espaço é concebido e pela maneira como o mesmo interfere em nossos modos de vida, o que representa uma tarefa de muita complexidade por envolver diversas dimensões. Nessa busca de entendimento da cidade a partir de diferentes perspectivas, algumas curiosidades surgiram durante as atividades com os estudantes: Como as geotecnologias são e foram utilizadas para planejar nossa cidade? Quais instituições são responsáveis por planejar nossa cidade? Como era a cidade de Salvador e a vida das pessoas que aqui viviam há algumas décadas atrás? A partir destes e outros questionamentos, planejamos visitas a instituições públicas e privadas, a fim de compor o entendimento desta urbanidade, tendo como eixos basilares: o espaço urbano e os olhares de quem o planeja; A cidade, suas histórias, memórias e transformações espaciais;

Nesta perspectiva, desenvolvemos a primeira atividade com os estudantes, visitando a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER), objetivando conhecer os olhares e ações dos sujeitos que planejam a cidade, o espaço urbano. Sendo assim, conhecemos o Setor de Cartografia da CONDER, no qual ampliamos os conhecimentos e as aplicabilidades das Geotecnologias (a exemplo dos Sistemas de Informações Geográficas, Sensoriamento Remoto, dentre outras) ao planejamento da cidade. Vale ressaltar que a referida instituição visa realizar políticas estaduais relacionadas ao desenvolvimento urbano e habitação, além de administrar a base de dados geográficos urbanos básicos, resguardando e recuperando o patrimônio histórico, cultural e ambiental.



Figura 22 - Visita Técnica CONDER
Fonte: Grupo GEOTEC

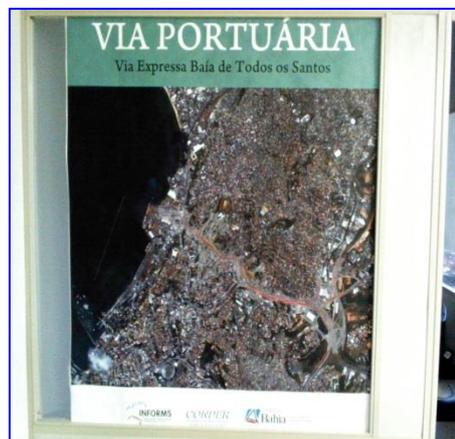


Figura 23 - Via Portuária CONDER
Fonte: CONDER

O setor de cartografia da CONDER possui acervo cartográfico e acervo cartográfico-fotográfico. A observação por meio do acervo cartográfico em períodos diferentes permite observar a evolução do espaço, e sua importância.

Os alunos tiveram acesso aos mapas referentes à Série Histórica do Entorno do Estádio de Futebol Governador Roberto Santos (conhecido como Estádio de Pituçu) e situado na Avenida Luís Viana Filho (Avenida Paralela). Durante a referida visita, foi possível observar a mudança gradativa ocorrida nesse espaço, visto que em outrora, nessa região haviam fazendas e remanescentes da Mata Atlântica. Esse processo de transformação pode ser constatado através das fotografias aéreas disponibilizadas por determinados órgãos em seus respectivos anos: Petrobrás (1959), CONDER (1976, 1980, 1989, 1992, 1998 e 2002) e Prefeitura Municipal de Salvador/PMS (2006). Os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer as fotos através do método da aerofotogrametria, e conheceram que para realizar esse levantamento do perímetro urbano de Salvador, é necessário um ano e meio, o ideal é que o mapeamento seja anual, contudo, existe a dificuldade climatológica e financeira enfrentada pelo órgão responsável para a produção de mapeamento. Tais dificuldades refletem o quão complexo é acompanhar e planejar o espaço citadino devido às velocidades de suas transformações, e como estes fatos estão relacionados a problemas urbanos que são identificáveis nos “processos de favelização”, ocupação espontânea das encostas, ausência e precariedade da infraestrutura, as quais interferem diretamente na vida dos cidadãos e os colocam em constantes conflitos com a dinâmica do urbano.

Análises e estudos como estes, permitiram uma aproximação, mesmo que de forma simples, dos estudantes com as possibilidades propiciadas pelas geotecnologias para a realização de estudos sobre a cidade, tanto para construção de diagnósticos, como para fins de planejamento. Sendo elementar perceber como o planejamento da cidade interfere diretamente na vida da população e são desafios para os cidadãos que redimensionam estas “imposições planejadas” e transgridem através de suas estratégias de sobrevivência, compondo sua urbanidade e espacialidade, com base neste espaço concebido, vivido e percebido.

E as transformações desta cidade? O que ela ainda pode nos revelar? As geotecnologias podem auxiliar no entendimento destas mudanças na cidade, importantes para o registro da nossa história, mas é realmente importante para compreendê-la? Assim, buscamos construir processos formativos que visassem

contemplar também outro ponto basilar no movimento do “conhecer a cidade”, a de percebê-la em suas memórias, na dimensão histórica vinculada às suas transformações espaciais. Ao mergulharmos nesse movimento, reconhecemos a cidade como “*materialidade* erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza. A cidade é, nesse sentido, um *outro* da natureza: é algo criado pelo homem, como uma obra ou artefato”. (PESAVENTO, 2007, p.13).

Assim, a constituição da cidade como materialidade humana envolve em sua essência as ações do ser humano sobre essa natureza, ação esta constante e que se revela nos objetos e formas citadinas, bem como nas relações de convivência e degradação dessa “natureza” no espaço urbano. E a cidade de Salvador? Quais processos e relações ocorreram em seu espaço em relação a esta “natureza”, à medida que tais transformações da cidade interferem em seus modos de vida? Foram esses questionamentos que contribuíram para que nos debruçássemos ainda mais sobre as dinâmicas da cidade soteropolitana.

Á luz desses questionamentos e em busca de estabelecer novos olhares sobre essa cidade, prosseguimos nossas atividades com os estudantes do CPM, com visitas à Ecotrilha, mantida pela Organização Odebrecht²³ e Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA), bem como ao Instituto Geográfico e Histórico do Estado da Bahia (IGHB).

A visita a Ecotrilha, situada em uma reserva da Mata Atlântica, localizada na Avenida Luís Viana Filho (Paralela) / Salvador (BA), foi de grande relevância para composição destes processos formativos com os estudantes, na qual puderam observar a dimensão dos impactos causados pelo ser humano citadino sobre a natureza, explicitados, dentre outras formas, na degradação dos biomas (no caso de Salvador, a Mata Atlântica), causados pela urbanização.

Neste íterim, os estudantes tiveram a oportunidade de compreender como as geotecnologias podem auxiliar no monitoramento de áreas de Mata Atlântica em Salvador, Bioma este em situação crítica em todo Brasil, uma vez que resta somente cerca de 7% da sua cobertura natural²⁴, sendo que em sua área de abrangência original estão situados os principais centros urbanos do país, demonstrando o

²³ A Organização Odebrecht é um conglomerado brasileiro que atua em grandes partes do mundo nas áreas de engenharia, construção, produtos petroquímicos e químicos. A empresa foi fundada pelo engenheiro pernambucano Norberto Odebrecht, no ano de 1944, em Salvador, no estado da Bahia.

²⁴ Atlas Geográfico – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2000.

impacto causado pelo processo de urbanização. Além disso, as discussões sobre o desenvolvimento sustentável foram bem profícuas, pontuando a importância da preservação ambiental e da necessidade de investimentos na preservação de áreas verdes nos centros urbanos, parques ambientais, espaços públicos arborizados, ressaltando a importância destes para melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.



Figura 24 - Visita Técnica a ECOTRILHA
Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 25 - Visita Técnica a ECOTRILHA
Fonte: Grupo GEOTEC

Os processos formativos construídos com esses jovens permeiam assim, diferentes dinâmicas que estruturam o urbano, no caso da Ecotrilha, a discussão que envolve os problemas ambientais e o potencial das geotecnologias como possibilidade ao planejamento e monitoramento dos ecossistemas urbanos. As transformações espaciais provocadas pela cidade, que transforma essa “primeira natureza”, por conseguinte constituem outras naturezas, consolidam um processo constante e ininterrupto de mudanças e ações que fazem das formas da cidade marcas de diferentes tempos e contextos. Sobre isto, Santos (2008) afirma que,

Na verdade, porém, a antiga distinção de um certo marxismo entre primeira natureza e segunda natureza deve, hoje, ser enxergada de modo menos rígido: a natureza já modificada pelo homem também é primeira natureza. Nas cidades, a produção não é mais ação do trabalho sobre a natureza, mas do trabalho sobre o trabalho. Se, de um lado, o espaço geográfico se oferece, cada vez mais, como abstração a ser interpretada, de outro lado, ele serve de base a uma vida econômica e social crescentemente intelectualizada [...]. (SANTOS, 2008, p.172).

Assim, a cidade se reinventa em processos contínuos, reeditando esse ciclo de primeira natureza e segunda natureza, que se constitui a cada novo contexto

engendrado pelos fluxos resultantes de nossos sistemas de ações. Com isso, a história da cidade e suas memórias salvaguardadas pelos sujeitos em que nela vivem, bem como suas formas, são construídas ao longo do tempo. E a urbanidade nessa dinâmica? Os sujeitos permeados por esses processos, vivem de maneira passiva ou submissa, mas sempre como agentes destas transformações, jamais como neutros, pois modificam suas formas de vida e, conseqüentemente, as relações com as pessoas, redimensionando ou modificando a urbanidade desses cidadãos.

Nesta perspectiva, inquietos com reflexões como esta, que construímos outro movimento nessa busca pelo “conhecer a cidade”, visando mergulhar um pouco mais sobre as memórias, histórias e transformações da nossa capital soteropolitana. Sendo assim, visitamos com os estudantes o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), instituição que atua em prol da defesa do patrimônio histórico e artístico da Bahia e do Brasil. A referida instituição, possui um rico acervo que compõe dentre outros espaços a biblioteca e o museu, composto por peças datadas do século dezenove e registros históricos referentes à cidade de Salvador e estado da Bahia.



Figura 26 - Visita ao IGHB
Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 27 - Visita ao IGHB
Fonte: Grupo GEOTEC

Um dos mais importantes momentos foi o acesso, pelos estudantes, a um acervo fotográfico significativo da Cidade do Salvador (BA), a partir do qual tiveram a oportunidade de reconhecer e diferenciar os espaços da cidade em diferentes épocas, a exemplo de fotos que retratam a Cidade Baixa durante a construção do Elevador Lacerda, Cidade Alta e Praça Castro Alves (onde está localizado o Edifício Sulacap e o Jornal *Á Tarde*). Além disto, pudemos visitar o acervo de jornais e periódicos mantidos pelo Instituto, os quais se tornaram importantes fontes para

compreensão das transformações da cidade e seus bairros, bem como do registro da memória e história soteropolitana.

Vale ressaltar também o acervo cartográfico, com mais de 250 peças conservadas, onde são disponibilizados para pesquisadores mapas desenhados, impressos e cópias heliográficas, bem como em mídia digital, gerando assim uma análise do potencial das geotecnologias, neste caso, os mapas e demais produtos cartográficos, possibilitando o registro da história e memória da cidade. Desta forma, a visita proporcionou aos alunos conhecerem um pouco mais sobre história de Salvador (BA), a transformação deste espaço, permitindo aos mesmos, comparar como estes espaços mudam a partir dos interesses dos sujeitos, seus modos de vida e como acontecem os processos de urbanização ao longo do tempo.

5.1.2. Os sujeitos e suas histórias na/da cidade: mergulhos na urbanidade

Nessa trivial praça,
misturam-se olhares, histórias e raças.
Difícil é se sentir sozinho no decorrer desse caminho,
sem sentimento só concreto.
Por fora multidão, por dentro deserto,
só sentimentos incorretos.
Sem se notar alguns estão cegos,
tanto cinza, só concreto.
tantos destinos incertos,
tanta gente em agonia,
nenhuma paz me contagia.
O tempo passa e ninguém passa...
E quem só passa se afasta.
Vivemos dentro de uma norma.
O tempo forma e deforma,
tantos mundos como o meu,
tão pequenos e incompletos,
espalhados nesse mundo de concreto.
(CARVALHO *et al*, 2012)²⁵

²⁵ Este poema foi retirado do vídeo “Um ser só” produzido durante a realização da “Oficina de vídeos de Bolso” (durante o Projeto da Rádio) pelas estudantes do CPM Alessandra Carvalho, Fernanda Portela, Kiara Kawany, Larissa Falcão e Luiza Vitória.

O “conhecer a cidade” e os modos de vida que nelas são constituídas, envolvem dimensões que ultrapassam análise das macrodinâmicas urbanas e de como o espaço é concebido e planejado por seus gestores. Sendo relevante observar como os sujeitos dentro destes espaços constroem e reconstroem estratégias para sobreviver e/ou se inserir na “dinâmica urbana”, seus conflitos, contradições, que causam o mal estar da civilização e acima de tudo as astúcias constituídas pelos sujeitos (CERTAU, 2008) em busca de transgredir e subverter as verticalidades²⁶ (SANTOS, 2000) a que estão, constantemente, submetidos. A urbanidade assim, passa a ser compreendida quando nos debruçamos sobre a história e memórias das pessoas que construíram e vivem nestes espaços, nos quais consolidam os seus enlaces de identidade e pertencimento.

O espaço vivido, o lugar, ganha assim relevância para compreensão do espaço e, sobretudo para a urbanidade, já que é nesta dimensão que os sujeitos constroem as estratégias e com as quais suas memórias, vivências e experiências geralmente estão associadas. É no lugar que acontecem as expressões da dinâmica da sociedade moderna. Isso porque ao mesmo tempo em que essas expressões se inserem na vida cotidiana, entram, também, em conflito com as práticas dos sujeitos e são ressignificados pelos mesmos. Na cidade, o bairro pode ser considerado o lugar, um dos espaços vividos pelos sujeitos e onde ocorre essa interação e enfrentamento com os processos urbanos. Como afirma Carlos (2001):

O bairro como nível da prática socioespacial se revela no plano do vivido (envolvendo a categoria habitante), que mostra a condição da vida material, ganha sentido na vida cotidiana, expressando as condições da reprodução espacial no mundo moderno [...] Na escala do micro, o bairro – do ponto de vista da realização da vida – configura-se como prática socioespacial. Nesta dimensão concreta, ocorre a produção de laços de solidariedade união dos habitantes, criados nas relações de vinhaças, que colocam em evidência a prática do habitante (espaço e tempo do lazer e da vida privada, bem como espaço e tempo do trabalho), iluminando usos, particularmente aquele que se estabelece fora do mundo do trabalho e da vida privada. (p.132).

²⁶ Para Santos (2000), as verticalidades podem ser entendidas como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos num território. Assim, são portadoras de uma ordem e lógica própria, que correspondem aos interesses das grandes empresas, estando em contraposição à lógica dos lugares.

A produção de laços entre os cidadãos, bem como a relação destes com o bairro (em uma escala micro) e mesmo com outras escalas que compõe a cidade, configura e é a essência do sentido de urbanidade. A prática socioespacial exercida pelo habitante, compõe esses modos de vida urbano e desta forma constroem as memórias, histórias e identidade que são reveladas na dinâmica dos bairros, na forma como estes se configuraram, demonstrada na sua articulação entre sistemas de ações e de objetos. Neste contexto, as práticas do habitante são permeadas pela lógica que concebe este espaço, logo, compreender os processos que transformam e formam a cidade, é também entender a urbanidade.

Nesta perspectiva, que desenvolvemos atividades com os estudantes do CPM, inseridos na dinâmica do Projeto da Rádio, na busca de compor outros olhares sobre este espaço, adentrando e interagindo com os sujeitos que vivem na cidade e com isso registrar a memória e identidade dos bairros da Cidade do Salvador (BA). Durante o movimento, construímos estratégias potenciais ao redimensionamento da própria compressão de urbanidade destes alunos, em especial no que se referem as suas relações com o espaço em que habitam. Desta forma, demonstraremos a seguir as principais ações e suas potencialidades para composição dos processos formativos à temática deste trabalho.

- **O estudo dos Bairros da Cidade de Salvador (BA): desvelando a urbanidade**

No cotidiano em que estamos inseridos, ao vivermos na cidade, deixamos muitas vezes de percebê-la em suas nuances, entretanto, por mais que muitas vezes o esquecimento de que pertencemos a um lugar dentro da “louca” e confusa vida cidadina tome conta de nossas mentes, as lembranças e sentimentos estão sempre vinculados aos espaços em que vivemos e gravados em nossas memórias, nos fazem lembrar de que partilhamos de algum lugar desse grande mosaico. É nesse sentido que o bairro, como um “recorte” desse espaço, possui grande relevância para compreendermos a urbanidade, já que nessa escala formamos nossos enlaces de pertencimento e de identidade. Sendo assim, os mergulhos na urbanidade estabelecidos com os estudantes do CPM, foram iniciados com o desafio de estudar essas dinâmicas, vidas, histórias e memórias que formam os bairros da Cidade do Salvador (BA).

O estudo dos bairros pelos pesquisadores foi baseado na valorização desses enlaces de pertencimento com os lugares em que eles vivem e as relações com seus espaços. Com isso, organizamos o processo de pesquisa da seguinte forma: (a) seleção dos bairros a serem pesquisados, de acordo com a moradia (escolha) dos estudantes; (b) estudo bibliográfico e análise destes bairros, por meio do levantamento de materiais cartográficos, a exemplo de fotografias convencionais, imagens orbitais, mapas, fotografias aéreas; (c) trabalho de campo para o entendimento do espaço vivido e registro das observações pelo uso de entrevistas e história oral com antigos e novos moradores, diários de campo, filmagens e fotografias das localidades pesquisadas; (d) utilização de programas como o *Google Earth* e ferramentas web como *Google Maps*, a fim de substanciar o entendimento da dinâmica dos bairros.

Com base nessa estrutura da pesquisa, os alunos se debruçaram sobre seus espaços, produzindo trabalhos, artigos e vídeos, materiais estes que revelam a percepção destes sujeitos sobre a cidade, bem como os redimensionamentos das suas relações com a mesma. Foram essenciais nessa dinâmica de trabalho, a realização das oficinas com os pesquisadores juniores, dentre as quais podemos destacar a Oficina de Vídeos de Bolso²⁷ (na qual foram produzidos vídeos de curta metragem com dispositivos móveis, sobre os bairros e outros elementos que compõem a urbanidade na Cidade do Salvador/BA (Figuras 28 e 29), bem como a Oficina de Direito de Imagem²⁸ (de grande relevância para a consolidação de princípios éticos no processo de pesquisa com os moradores e sujeitos na dinâmica de investigação). Assim, as considerações que iremos construir nesta seção, serão feitas a partir dos produtos elaborados por esses estudantes, nestas oficinas e no desenvolvimento do Projeto da Rádio, bem como a partir dos relatos destes sujeitos sobre as experiências de pesquisar a cidade, procurando compreender as implicações deste processo para sua percepção e compreensão da urbanidade.

²⁷ Essa oficina teve como objetivo produzir vídeos com dispositivos móveis (celulares, câmeras digitais, filmadoras, *ipad*, tabletes, *smartphones*) como potenciais à produção de curtas, bem como roteirizar os mesmos a partir da temática da urbanidade. Foram trabalhadas técnicas para capturar, editar, montar mini vídeos e publicá-los na internet. Os alunos foram divididos em cinco grupos e cada equipe produziu um vídeo editado através do software *Adobe Premier*.

²⁸ Nessa oficina foi discutida e apresentada aos alunos/pesquisadores a Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, a qual Lei regula os direitos autorais, entendendo-se sob esta denominação os direitos de autor e os que lhes são conexos, especificando como podem ser utilizadas as imagens, registros das entrevistas através de relatório, filmagem e fotografia, dentre outras recomendações.



Figura 28 - Oficinas de vídeo de bolso
Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 29 - Oficinas de vídeo de bolso
Fonte: Grupo GEOTEC

O processo de investigação nos bairros da Cidade do Salvador (BA), possibilitou a percepção das principais peculiaridades sociais, econômicas, políticas e acima de tudo, urbanas, com suas contradições e conflitos, dentre as quais se identificou situações emblemáticas concretizadas em problemas como o crescimento desordenado, especulação imobiliária, problemas de infraestrutura, muitos estes resultantes do próprio desenvolvimento histórico desses bairros. Para elucidar, apresentamos a fala de uma das pesquisadoras sobre o bairro de Plataforma:

Com a nossa pesquisa descobrimos que Plataforma foi uma fazenda há muitos anos atrás e que o bairro recebeu este nome porque havia uma plataforma construída lá, onde hoje é a fábrica São Braz. O bairro é banhado pelas águas do Cabrito e da Baía de todos os Santos e tem uma vista privilegiada da cidade Alta, Ribeira, Ilha de Itaparica e Ilha de Maré. Visitamos um lugar que é historicamente importante: A Igreja de São Braz que serviu de abrigo para os invasores holandeses no ano de 1639. Há também em Plataforma um centro cultural, que oferece entretenimento para os moradores da localidade e uma rádio comunitária. Percebemos que a comunidade se organiza para enfrentar a falta de emprego, formando grupos de pescadores, onde se utilizam da natureza para a sobrevivência da comunidade. Outras estruturas econômicas foram percebidas no bairro, como a estação de barcas, que além de fazer o transporte de alguns moradores para a península Itapagipana, ainda serve de vaga de emprego, bem como os pequenos comércios da localidade. Em toda a pesquisa, não tivemos problemas com os moradores. Todos os entrevistados foram receptivos, apesar da estranheza e desconfiança inicial, já esperada em pesquisas. Percebemos o prazer destes em disponibilizar o conhecimento que tinham do bairro para o estudo. (Aluna - Plataforma, 16 anos).

Podemos observar que a pesquisadora descreve algumas características históricas, geográficas, culturais e econômicas referentes ao bairro, assim como a organização da comunidade. Essa fala demonstra um pouco dos aspectos que compõem o modo de ser urbano, impressos pelas dinâmicas que compõem a cidade e seus sujeitos em sua diversidade. Outro fator a salientar é o prazer dos moradores

em “contar” as histórias do bairro, o que expressa, a nosso ver, a possibilidade de narrar suas próprias histórias, que são construídas nas experiências com o lugar e permeiam os fatos e lendas no imaginário destes moradores.

As histórias desses moradores foram retratadas na produção do vídeo *A casa da Balsa Flutuante*, o qual conta a história do bairro da Plataforma, enfatizando na origem do nome do mesmo. O nome desta produção foi inspirado na existência das antigas balsas que faziam a travessia dos trabalhadores da fábrica São Braz e moradores da Plataforma para Ribeira. Para muitos moradores, o nome do bairro surgiu devido à existência da plataforma onde ficavam estas balsas, o que demonstra a riqueza de histórias e memórias que compõem o lugar, já que para os historiadores como Claudio Silva, a origem do nome desta localidade está relacionada a plataforma de defesa da antiga freguesia de Pirajá. (SANTOS *et al*, 2010). Essa dimensão de valorização da história oral tornou-se um dos pontos basilares das atividades desenvolvidas no projeto, como pode ser observado no depoimento abaixo:

No âmbito científico, a importância de se ouvir a história oral se destaca na percepção da distância de alguns textos produzidos na estrutura acadêmica, constituída a realidade tangível no contato com as pessoas dia-a-dia daquela população. A estatística, e um conjunto de outros levantamentos nas diversas áreas, por si só, não conseguem traduzir o calor das emoções do indivíduo e do inconsciente coletivo daquele povo, a hibridização das duas linhas de tratamentos dessas duas ideias, talvez possa produzir não um quadro perfeito, mas um sentimento mais íntimo do que é ser periferia e como é pertencer a este lugar. (Aluno - São Caetano, 15 anos).

O referido processo de pesquisa demonstra também a relevância em valorizar as histórias que compõe, sem subjugar esta cultura e memórias da população, baseando-se apenas em uma única narrativa. Um dos vídeos produzidos pelos alunos, intitulado *Alto da Boa Vista: a história de uma comunidade em evolução*²⁹, demonstra a importância das memórias e dos antigos moradores para a reconstituição do processo de transformações espaciais do bairro. Tudo isto torna-se

²⁹ Nesse vídeo foi demonstrado o processo de urbanização do bairro da Boa Vista do Lobato, em especial o Alto da Boa Vista, a partir de registros históricos, fotografias e da história contada por moradores antigos. A equipe responsável pela elaboração desse vídeo mora no bairro e conhece a dinâmica do mesmo. Por isso, o vídeo é baseado na história do bairro a partir das falas de moradores da comunidade.

potencial para a valorização da própria comunidade, registrando suas memórias, sua importância histórica e, principalmente, reforçar os enlaces de pertencimento. Para os estudantes, esta dinâmica também representa um rico processo, potencial ao redimensionamento de sua urbanidade, a partir da intensificação da sua relação com o lugar, como podemos observar, a seguir, em uma das falas dos estudantes:

Através deste trabalho obtivemos um grande enriquecimento cultural, pois adquirindo o conhecimento da história de Pirajá, aprendemos que o bairro foi muito importante para a cidade de Salvador e para a concretização da independência da Bahia, e conhecer essa história traz um prestígio social para a comunidade local. A experiência de conhecer e poder aprofundar essa história são imensuráveis. Ao sermos recebidos pela comunidade, percebemos o valor que essa atitude de querer mostrar a importância histórica do bairro, afetou diretamente os moradores porque eles perceberam que o seu bairro está sendo reconhecido cada vez mais. Cada pessoa entrevistada se doou para nos ajudar a mostrar o real valor daquele bairro. Para a parte discente, fazer essa pesquisa teve uma grande valorização escolar uma vez que a temática abordada pelo nosso trabalho influi nos conteúdos programáticos em sala de aula, ajudando-nos assim a facilitar a aprendizagem de modo que pudéssemos abranger mais o tema. Redimensionar o espaço pelo que é vivido e não pelo físico, é muito importante para que a comunidade local tenha em si um sentimento de pertencer a ele. (Aluna - Pirajá, 15 anos).

Nesse relato, destacamos também, a abordagem sobre o espaço vivido, no qual a pesquisadora demonstra a importância do sentimento de pertencimento do morador perante seu lugar, ou seja, uma relação que vai além do espaço físico, perpassando as dinâmicas vividas, os modos de uso da cidade e as peculiaridades do espaço. Segundo Carlos (2001a, p. 20), as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

Neste espaço, também construímos articulações, a prática da solidariedade e as mobilizações, empreendidas pelos sujeitos em busca da sobrevivência e do direito à cidade. Um dos trabalhos que gostaríamos de destacar, em que o envolvimento do pesquisador no processo de pesquisa desencadeou uma dinâmica de mobilização local, foi o estudo do bairro da Boca do Rio, marcado por diversos problemas, externalizados na nítida preocupação dos seus moradores. Essas preocupações estão atreladas à ocupação da terra sem a demarcação, autorização

e expropriação de documentos que comprovem a condição de proprietário do imóvel, por parte dos residentes.

Assim, com a especulação imobiliária da orla de Salvador, o bairro Boca do Rio é muito visado pelas grandes empresas, despertando em seus moradores o desejo de regularizar a situação de seus imóveis. Nesse sentido, essa pesquisa contribuiu na divulgação do fato e na articulação da comunidade com instâncias jurídicas em busca de auxílio para resolver a situação de usucapião junto a Prefeitura Municipal de Salvador (BA). Estes fatos, nos remetem a pensar na questão da urbanidade, também, como este intenso processo composto por conflitos, subversões, submissões, tensões, transgressões, que são consequências do constante intercruzamento das dinâmicas empreendidas pelos agentes hegemônicos e as construídas pelos cidadãos. O depoimento de um dos pesquisadores nos revela a percepção dos estudantes a respeito das contradições:

A vida das pessoas que vem de fora é muito dolorida, porque você tem que respeitar as peculiaridades das pessoas que vivem naquela cidade, mas você também tem as suas então entram em choque. Então quando a gente fala de urbanidade falamos exatamente das contradições, por exemplo, a ideia de cidade é de um lugar bom, perfeito onde se tem acesso a tudo, ai chegam às pessoas da roça e não encontram acesso a nada disso, elas viram catadores de lixo. Elas desenvolvem o sentimento de pertença da cidade de ódio, de raiva, de exclusão. Quando chegam os que têm dinheiro compram no corredor da Vitória mansões, o sentimento dessas pessoas é que são donos da cidade. (Aluna - Ribeira, 14 anos).

O depoimento da pesquisadora demonstra de forma simples, os processos ocasionados pelo êxodo rural nos nossos centros urbanos, realidade marcante na constituição histórica da cidade do Salvador nas décadas de 1950 à 1970. (SANTOS, 2008d). E ao se inserir na dinâmica da cidade essa população rural se submete a este contexto, construindo suas estratégias de submissão (a este modo de vida urbano diferente do cotidiano rural), ao mesmo tempo em que reinventa a sua urbanidade, incorporando ao seu cotidiano práticas típicas da vida no campo, que se adaptam ao ritmo citadino. Neste sentido, podemos não falar mais de submissão, mas sim, de uma convergência entre a diversidade de tempos e práticas que compõem a dinâmica da cidade, já que convergem nesse processo, a inicial submissão em busca do direito à cidade, bem como as contradições e as transgressões construídas por esses sujeitos.

Assim, constitui-se a diversidade inerente à urbanidade, já que ainda convivem pessoas de diferentes origens, distinção que está bem atenuada entre os sujeitos de origem rural e os “nativos urbanos”³⁰. Vale-se ressaltar, entretanto, que há mais aproximações do que distanciamentos entre esses sujeitos, diferenciando-se entre eles a sua relação de pertencimento, identidade e de laços familiares dos sujeitos “rurais-urbanos” com seus locais de origem. Já os “nativos urbanos”, são muitas vezes, filhos de migrantes e com fortes ligações aos seus familiares advindos de espaços rurais, mas mesmo tendo nascido no cotidiano citadino e com este espaço ter criado vínculos e sentimentos de pertença baseados nas suas vivências e experiências no/com a cidade, podem fazer do espaço rural o seu principal lugar.

Portanto, olhar essa cidade é compreendê-la sobre diversas óticas, lentes, a considerar as distintas vivências peculiares à cada sujeito, já que cada um constrói sua espacialidade, percebe e vive o seu espaço à sua maneira. Deste modo, discutimos algumas peculiaridades quanto à urbanidade, a partir do olhar dos estudantes, sem a intenção de esgotar as possibilidades dessa temática, frente à complexidade e diversas possibilidades de articulação que ela permite. Ressaltamos assim, a pertinência da temática e a necessidade de ampliar as discussões acerca da urbanidade, considerando as constantes e aceleradas dinâmicas do atual período histórico.

As experiências com estes estudantes continuam a ser disseminadas e proporcionarão a outros sujeitos da escola e do seu entorno, o contato com as particularidades e expressões contidas nos bairros da Cidade do Salvador (BA). Essas experiências tem uma importância ímpar para esses estudantes/pesquisadores, pois conhecendo os bairros em que vivem, e os outros bairros, por meio dos relatos dos colegas, eles podem criar ou ressignificar o seu sentimento de pertença, a sua vida, superar discursos e criar dinâmicas outras. A percepção do que seja a urbanidade, a partir da representação de uma cidade fechada, enclausurada e predeterminada, é superada quando percebemos que esse espaço é constituído por fissuras, nas quais os sujeitos inventam, transgridem e ressignificam sua urbanidade, perpassando por processos que explicitam o sujeito como ator/autor/expectador de uma dinâmica contínua e eminentemente criativa.

³⁰ Nessa pesquisa o entendimento de “nativos urbanos” são as pessoas que nasceram nos centros urbanos.

5.1.3. Entrelaçando Falas e Vivências

Onde quer que os homens vivam juntos, existe uma teia de relações humanas que é, por assim dizer, urdida pelos feitos e palavras de inumeráveis pessoas, tanto vivas quanto mortas. Cada feito e cada novo começo cai em uma teia já existente onde, no entanto, deflagram de algum modo um novo processo que afetará muitos outros, além inclusive daqueles com quem o agente mantém um contato direto. É por causa desta já existente teia de relações humanas, com suas vontades e intenções conflitantes, que a ação quase nunca atinge seu propósito. E é também por causa deste meio [*médium*] e do traço de imprevisibilidade que o acompanha que a ação sempre produz histórias, com ou sem intenção, tão naturalmente quanto a fabricação produz coisas tangíveis. [...] Tais histórias nos dizem mais acerca de seus sujeitos, o "herói" em cada história, do que qualquer produto das mãos humanas jamais nos conta acerca do mestre que o produziu e, apesar disto, não são produtos, propriamente falando. Embora todos iniciem sua própria história, ao menos a história de sua própria vida [*life-story*], ninguém é o autor ou produtor dela. E, no entanto, é precisamente nessas histórias que a verdadeira significação de uma vida humana finalmente se revela. Que toda vida individual entre o nascimento e a morte possa afinal ser narrada como uma história com começo e fim é a condição pré-política e pré-histórica da História [*history*], a grande história sem começo nem fim. Mas a razão pela qual cada vida humana conta sua história e pela qual a história se torna afinal o livro de histórias [*storybook*] da humanidade, com muitos atores e oradores e ainda assim sem qualquer autor identificável, é que ambas resultam da ação. A história real na qual nos engajamos enquanto vivemos não possui um fabricante visível ou invisível, porque ela não é fabricada. (ARENDR, 2005, p.191-192).

Essa longa e profunda citação de Arendt (2005) expressa um pouco do que desejamos discutir, a partir do entrelaçamento das falas e vivências dos sujeitos partícipes e construtores desse trabalho. "O livro de histórias da humanidade" é tecido, em grande parte, pelas dinâmicas engendradas pelos sujeitos cidadãos, portadores de modos de vida, baseadas nas relações estabelecidas consigo e com os outros, com a cidade e com o seu uso ou desuso. O que dizem as pessoas sobre

suas *estórias*? Como essas *estórias* refletem no modo de vida desses sujeitos e dos seus pares? Como esses oradores da *estória*, constroem a grande história dinâmica da cidade? Esses e outros questionamentos perfizeram o processo de pesquisa aqui esboçado, muitas vezes essas questões foram suscitadas sem interesse definido, outras vezes, empreendidas pela necessidade de conhecê-las, mas com toda certeza, nenhuma dessas *estórias* serão contadas aqui como histórias desses sujeitos, afinal, autorizar-se a *dizer o dizer do outro*, requer o discernimento de que as falas narradas são falas que entonarão diferentes vozes a cada ouvinte que as desvende.

É importante salientar, que essas *estórias*, citadas por Arendt (2005), são aqui expressadas como as narrativas contadas e recontadas pelos sujeitos, moradores dos bairros pesquisados. Não queremos, dessa forma, adentrar em uma discussão acerca dos meandros conceituais que envolvem a diferenciação dos termos história e *estória*, ou mesmo a não utilização do último no campo da História, enquanto ciência, mas nos apropriamos do mesmo para ilustrar a composição que envolve a história, as memórias e as narrativas inerentes as práticas sócioespaciais pautadas nas experiências dos referidos cidadãos.

Nesse sentido, apresentaremos na sequência os eventos realizados pelo grupo, com o objetivo de socializar e divulgar as ações realizadas durante o processo, assim como narrar algumas *estórias* contadas pelos pesquisadores juniores, tecidas pelas suas vivências e experiências com os sujeitos e os espaços de vivência.

O primeiro evento, intitulado *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: os bairros de Salvador contados em som e imagem – 1ª Edição*, ocorreu no dia 07 de dezembro de 2011, no auditório da Livraria Cultura, no Shopping Salvador. O evento contou com a participação de representantes da UNEB, dos Colégios da Polícia Militar (Unidades Dendezeiros e Lobato), dos professores e pesquisadores do GEOTEC e de professores e alunos do Ensino Médio do CPM. Também estiveram presentes neste evento familiares e convidados dos alunos/pesquisadores.



Figura 30 - Foto da 1ª Edição do Evento *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*
Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 31 - Foto da 1ª Edição do Evento *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*
Fonte: Grupo GEOTEC

Para promover o evento supracitado foi necessário um trabalho de toda equipe do GEOTEC, no sentido de elaborar o material gráfico, divulgar o evento, organizar a programação, reservar o espaço, entrar em contato com os convidados, buscar parceiros para sua realização, entre outros.

Outro fator importante foi a palestra "Geotecnologias: um olhar sobre os bairros de Salvador (BA)" proferida por Francisco Brito, no qual foi contextualizado a importância do uso das geotecnologias, em especial no desvelamento de aspectos geográficos, históricos e sociais dos bairros, utilizando como exemplo o bairro do Rio Vermelho e as mudanças ocorridas neste espaço ao longo dos anos.

Por conseguinte, realizamos a 2ª Edição do evento *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: os bairros de Salvador contados em som e imagem* no dia 05 de dezembro de 2012, também no auditório da Livraria Cultura - Shopping Salvador. O evento contou com a participação de representantes da UNEB, dos Colégios da Polícia Militar (Unidades Dendezeiros e Lobato), dos professores e pesquisadores do GEOTEC e de professores e alunos do Ensino Médio do CPM. Também estiveram presentes neste evento familiares e convidados dos alunos/pesquisadores.



Figura 32 - Foto da 2ª Edição do Evento A Rádio da Escola na Escola da Rádio
 Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 33 - Foto da 2ª Edição do Evento A Rádio da Escola na Escola da Rádio
 Fonte: Grupo GEOTEC

E qual a relação do lugar com a Urbanidade? O evento contou com um momento de grande relevância, a Palestra proferida pelo Dr. Marcelo Faria, professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)/BA, que discutiu sobre espaço urbano e urbanidade numa perspectiva direcionada a Cidade do Salvador (BA). Nessa conferência, foram tratados vários aspectos relacionados às peculiaridades e dinâmicas da cidade, além de possibilitar a fala dos pesquisadores juniores que contaram algumas de suas experiências durante os trabalhos de campo nos bairros. Quando questionado sobre a importância do registro das memórias dos sujeitos da pesquisa, um aluno, respondeu:

A escrita eterniza os acontecimentos, pessoas, estilos, modas e muitos outros e com pesquisas desse tipo ajudou-nos a marcar a verdadeira história dos bairros de Salvador, um exemplo disso é Jorge Amado, grande escritor que com sua arte imortalizou os costumes baianos. Ninguém melhor que o morador para conhecer seu recinto, assim são as pesquisas que de acordo com as entrevistas, os moradores de Salvador, transformam suas histórias em histórias que nós contaremos e isso é importante para a cidade e para todos nós. (Aluno – Boa Vista do Lobato, 17 anos).

Esse relato demonstra a importância que esses pesquisadores juniores atribuem às memórias dos moradores, pois valorizam essas narrativas como parte da história das pessoas e da própria cidade. Além disso, foi possível observar que os mesmos se encantaram pela possibilidade de redescobrir a história e repensar sobre a mesma, fazendo sempre uma relação com o espaço de vivência, assim como afirma a aluna:

Eu e meus colegas redescobrimos o que havia por trás do que era visto. Fomos além do que é noticiado e muitas vezes do que é conhecido por muitos moradores locais. Descobrimos o brilho histórico que tinha cada bairro e vimos o quanto ele é resultado da soma de muitas histórias vividas em um lugar. [...]. (Aluna – Bomfim, 16 anos).

Esse lugar mencionado pela pesquisadora representa as práticas do espaço citado por Certeau (2008), constituídas por lembranças, vozes, silêncios, enfim, as características de um lugar ultrapassam as ações visíveis, as estruturas concebidas e até mesmo a própria dinâmica existente no bairro, pois essas características são inerentes ao sujeito que as vive.

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (CERTEAU, 2008, p. 189).

O modo de ser urbano também perpassa pela soma (desalinhada) das características dos sujeitos portadores de um *ethos* urbano, conforme Pesavento, (2007), e esses movimentos, vividos através dos sentidos, se entrecruzam com tantas outras dinâmicas individuais e coletivas, fazendo do lugar, do bairro, da cidade e dos sujeitos, os principais elementos que compõem a urbanidade.

Nesse sentido, apresentaremos a seguir mais uma ação relacionada ao projeto aqui tratado, no qual são expostas algumas falas que, de certa maneira, representam um pouco desses modos de vida urbano, em alinhamento com tantos outros elementos que compõem a dinâmica desse trabalho.

- **I Encontro dos pesquisadores do Projeto "A Rádio da Escola na Escola da Rádio"**

O I Encontro dos pesquisadores do Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio* aconteceu no dia 27 de julho de 2013, no auditório Jurandir Oliveira, no Departamento de Educação/UNEB/Campus I. O evento teve o objetivo de mobilizar e registrar a história dos “fazedores” do projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da Cidade de Salvador/BA*, através de encontros que resultarão em um vídeo-documentário sobre

o projeto³¹. O encontro foi destinado a pesquisadores, professores, colaboradores e interessados nos resultados e nas perspectivas do Projeto citado.



Figura 34 - Foto do I Encontro dos Pesquisadores
A Rádio da Escola na Escola da Rádio
Fonte: Grupo GEOTEC

O evento contou com a participação de representantes da UNEB, do Colégio da Polícia Militar (Unidades Dendezeiros e Lobato), dos professores e pesquisadores do GEOTEC e de professores e alunos do Ensino Médio do CPM, diretores das Escolas Municipais Álvaro Franco da Rocha e Roberto Santos, representante do Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO) e estudantes da UNEB.



Figura 35 - Foto dos alunos no I Encontro dos
Pesquisadores A Rádio da Escola na Escola da Rádio
Fonte: Grupo GEOTEC

³¹ O vídeo documentário ao qual nos referimos será o produto oriundo da Pesquisa de Mestrado denominada *Uma experiência vídeo documentada com os alunos do projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, desenvolvida por Jordan Mendes (integrante do Grupo GEOTEC e estudante do Programa de Pós Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC).

A mesa redonda foi muito importante para a sistematização dessa etapa de investigação, pois com os depoimentos dos estudantes/pesquisadores do projeto, professores e direção do CPM foi possível fazer a análise dos dados pesquisados. Vamos relatar as falas dos estudantes/pesquisadores sobre o projeto, qual a percepção deles e a implicação da participação da pesquisa em suas vidas.

A estudante/pesquisadora Vila Laura falou sobre a importância da geotecnologia na trajetória do seu processo de investigação:

[...] eu entrei no projeto no ano de 2011, eu era aluna no Colégio da Polícia Militar, unidade Lobato, e no meu ingresso, eu tive oportunidade de fazer um trabalho sobre o bairro de Pirajá contando a história do 2 de Julho, a batalha, enfim. E pensando em fazer o trabalho sobre o bairro de Pirajá, nesse meio a gente tem que pensar sobre as geotecnologias. No caso, todas as ferramentas envolvidas, o que é que a gente poderia utilizar pra tá aprimorando o trabalho, conhecendo um pouco mais da história daquele lugar, dos seus moradores. Então, as geotecnologias, elas, pra mim foram muito importantes nessa questão de eu poder aprimorar o trabalho, de poder desenvolvê-lo e crescer ainda mais como pesquisadora... Então, as ferramentas geotecnológicas, a geotecnologia em si foi muito significativa pra mim nessa questão de engrandecer os trabalhos e conhecer um pouco mais da vida, do cotidiano, dos moradores daquele lugar, e de melhorar os outros trabalhos. Então é isso. (Aluna – Vila Laura, 16 anos).

Essa fala comprova que a exploração das Tecnologias da Informação e da Comunicação, especialmente, através dos meios de comunicação, das potencialidades das geotecnologias e das tecnologias digitais, pode ampliar reflexões acerca da história e memória da cidade de Salvador (BA), bem como, auxiliar no registro da memória desses espaços, sistematizando os dados coletados sobre os bairros, promovendo assim, processos educativos. A partir da possibilidade de localização de diversos pontos, comparação de imagens do bairro em diferentes momentos históricos, criação de estratégias para a pesquisa de campo, elaboração de percursos, entre outros, é possível potencializar a análise do espaço, conhecer a cidade e suas dinâmicas específicas, expandindo assim práticas sócio espaciais.

A estudante/pesquisadora Paripe relata como se sente e se percebe a partir da inserção na dinâmica da pesquisa e o que significa viver na Cidade de Salvador:

Acho que o projeto me mostrou não só como é viver, mas como já foi vivido, como foi a história e porque eu estou aqui, porque tudo isso aconteceu, como foi que a gente chegou até aqui. Porque com as nossas pesquisas a gente conhecendo a história de um bairro, a

gente acaba criando um laço com ele e criando mais ainda um sentimento de "eu nasci aqui, eu vivi isso tudo" e essa história faz parte da minha vida também. Então, eu acho que o GEOTEC foi muito importante pra gente, nós todos, descobrirmos como é morar na nossa cidade, e o quanto é bom tudo isso aqui, como a gente chegou até aqui. (Aluna – Paripe, 17 anos).

Com a fala da pesquisadora compreendemos que ela deixou de ser mera expectadora da dinâmica de seu espaço vivido e com a possibilidade de tornar-se observadora, interventora e transformadora das suas relações com esse espaço. Ademais, podemos perceber o sentimento de pertença da mesma perante uma história vivida cotidianamente, mas desvelada a partir do momento que passa a pensar criticamente esses processos, sócio, político, cultural e educacional.

O estudante/pesquisador Mata Escura discorreu como se sente dentro da dinâmica de uma cidade como Salvador, patrimônio histórico do mundo, primeira capital do Brasil e sobre o seu sentimento como pesquisador em relação à esse processo de contínua urbanização que esta cidade vem enfrentando e, o que tem percebido sobre urbanidade nessa caminhada, em particular na dinâmica do projeto:

[...] Trabalhar, assim, com a urbanidade é muito interessante, quando você percebe a peculiaridade de cada bairro, de cada pessoa que vive nesse bairro. Eu fiz um trabalho na Península, a história da orla em Pirajá e é interessante a subjetividade que cada pessoa traz consigo, contando sua história. No bairro de Pirajá teve uma fábrica que chegou lá, lá também teve o Castelo da Família Fratelli Vita, tá demolido, um Castelo Medieval, mesmo, uma réplica. Então todas estas histórias que as pessoas traziam, carregavam com seu sentimento ao contar essa história, tristeza, frustrações, alegrias também. Pessoas que vieram do interior morar em Salvador e até hoje moram em Pirajá e toda essa singularidade de cada pessoa, cada subjetividade de cada história é algo que me marcou como pesquisador, nós trabalhamos aqui no projeto e eu tenho percebido nesse contexto, é que muitas vezes a história se perde, muito facilmente não se valoriza isso, não se valoriza as histórias das pessoas, do bairro. Como, por exemplo, ali em Pirajá tem a importância de manter toda a história do Brasil porque foi lá que aconteceu a Batalha de Pirajá, que foi a Batalha da Independência da Bahia, que na verdade foi a Guerra da Independência do Brasil e foi lá que os Portugueses foram expulsos do Brasil e que a independência do território brasileiro se concretizou. Então um bairro como esse tem uma importância grandiosa às vezes é um ponto turístico, [...] eu fico sem palavras pra nossa história, se nós temos um país independente e soberano e isso aconteceu em Pirajá, na guerra as pessoas morreram, as pessoas deram suas vidas pela liberdade do Estado da Bahia e do Brasil. E a gente vê tudo isso perdido e isso é triste, na maneira que realmente não se dá muito valor. E o projeto do GEOTEC, justamente, com a visão de querer

resgatar os valores da cidade de Salvador, uma cidade importantíssima, primeira capital do Brasil, que tem toda essa história e não podemos deixar isso se perder. (Aluno – Mata Escura, 16 anos).

A longa fala do pesquisador demonstra o encantamento do mesmo perante o valor histórico do bairro de Mata Escura, considerando a relevância de cada narrativa para a tessitura das memórias da cidade do Salvador. O pesquisador enfatiza na sua fala a subjetividade presente nos sujeitos e nas suas histórias, elementos esses que corroboram com a constituição da urbanidade, nas práticas de um espaço para além do que é tangível, pois perpassa o simbólico, as dimensões do sentimento, do desejo e/não alcançar.

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

A cidade, nesse sentido, ganha novos contornos, assumindo dimensões além da percepção, implícitas nas mais diversas formas de representação, percebidas naquilo que não é registrado nos livros de história, traçado nos mapas ou desenhado nos grandes projetos arquitetônicos. A cidade é então cenário e conteúdo das aprendizagens e, portanto, potencializadora de processos formativos, como veremos na fala do pesquisador Costa Azul:

Bem, meu nome é Costa Azul, faço Direito na UFBA, entrei no Projeto da Rádio em 2010 por influência, mais da pesquisadora Vila Laura, porém com o tempo eu fui me apaixonando pelo Projeto e não quis mais deixar. [...] a pesquisa me ajudou também muito a conhecer o bairro onde eu moro porque eu moro, eu cresci aqui no Cabula. Eu cresci no Cabula, aqui, e não conhecia nada, nem minha família conhecia esta história, só meus avós que estão aqui há muito tempo. Então, quando eu entrei no Projeto que eu fiz esta pesquisa de entrevista, de procurar informações pela internet, em livros, eu tive noção da história desse bairro, como é importante, não só desse como dos bairros dos meus colegas como Vila Laura, Paripe, Cajazeiras, Boca do Rio. Então, o GEOTEC fez parte da minha personalidade, da minha vida de forma geral porque me ajudou a entender Salvador, e a cidade ensina muito pra gente [...]. (Aluno – Costa Azul, 18 anos).

Essa última afirmação do referido pesquisador, ressalta um ponto que desejamos enfatizar nesse trabalho, ou seja, a possibilidade da tessitura de processos formativos empreendidos pela cidade. Para isso, apresentaremos abaixo um quadro elaborado por Cardoso (2011, p.71) que vem elucidar as dimensões didáticas da cidade, que permeiam as dimensões educativas e formativas dos sujeitos citadinos:

Quadro 1 – Trilogia da Didática da Cidade (para pensar a cidade)

Dimensão do Conhecimento	Dimensão Pedagógica	Descrição	Ações
Aprender na Cidade	Cognição (Informações sobre a cidade)	Instituições, equipamentos, acontecimentos (datas, calendário) encontros, experiências coletivas, transporte, circulação (normas).	Conhecer a cidade, Amar: afeiçoar e sentimento de pertencimento; Ajustar-se à cidade (migrantes); Usar a cidade, viver como cidadão; Representar o lugar social e os poderes políticos (instituídos).
Aprender da Cidade	Afetividade (Relações)	Modos de vida, normas e atitudes sociais, valores, tradições, costumes, expectativas, acontecimentos individuais (festas, aniversários).	Circular na cidade, compreender, desenhar a cidade, escala (tamanho urbano – cidade);
Aprender a Cidade	Psicomotricidade	Formas e ordenamento da cidade, estruturação das relações campo-cidade, gênese da cidade.	Gerir a cidade; Aprender a aprender.

Fonte: Cardoso (2011, p. 71).

O processo de aprendizado da/na/a cidade não abarca apenas uma dimensão, mas muitas, caracterizadas pela complexidade, entrelaçamento, separação, rotina, dinâmica, mas não podemos negar que as cidades são sempre únicas e singulares. Cardoso (2011, p.70), afirma que na cidade “[...] convergem diversos campos de conhecimento,” o que permite o estabelecimento de conceitos e a construção e maturação de saberes, sendo assim “[...] uma escola de convivência com potencialidade formativa.”

A trilogia exibida por Cardoso (2011) para demonstrar as potencialidades formativas através da cidade, são pertinentes para entender um pouco das possibilidades enveredadas pelo movimento conjecturado pelos sujeitos dessa pesquisa, que ao descobrir caminhos antes desconhecidos, entrar em contato com os moradores e suas estórias, ressignificar processos cotidianos que passam a ser

enxergados de maneira “plena”, conseguem viver a cidade não apenas como expectadores, mas como seus “viventes” críticos.

Diante dos relatos aqui expostos, destacamos os sujeitos da urbanidade como transeuntes do tempo, portadores de histórias cruzadas (suas e dos outros) que constituem a cidade no seu eixo arquitetônico e estrutural, mas principalmente, nas suas memórias, identidades, sentimentos e sentidos. “A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente [...]”. (PESAVENTO, 2007, p. 16).

Por meio dessas reflexões, contempladas aqui como um ponto inicial para outras discussões, viemos entrelaçando sentidos, cruzando perspectivas e construindo experiências que possibilitaram a concepção do que, para nós, representa o processo complexo e mutante de constituição do que vem a ser a urbanidade. Diante disso, apresentamos na Figura 36, o esquema imagético que sintetiza nossa pretensão sobre a tese aqui desdobrada.

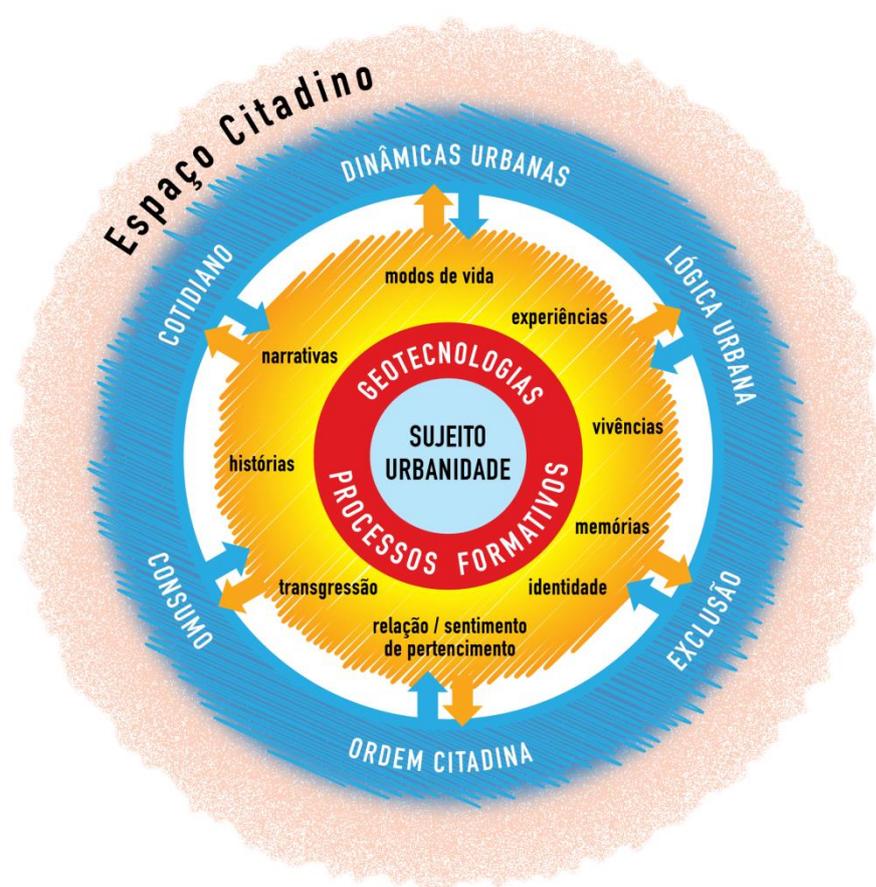


Figura 36 – Esquema imagético que sintetiza a Tese
Fonte: A autora

Assim, como compreender a urbanidade, considerando a complexidade que envolve todo processo? A urbanização e suas consequências para a cidade e seus habitantes envolve as dimensões que perpassam pelo contexto gerado pelas dinâmicas do sistema capitalista, contraditório e desigual, as quais permeiam, influenciam e condicionam os modos de vida na cidade. Este condicionamento que nos remete a uma situação de submissão, no entanto, é ressignificado, transgredido e subvertido pelos sujeitos nas suas práticas socioespaciais em busca da sua sobrevivência. Então chegamos ao ponto estruturante da urbanidade, o sujeito cidadão, suas astúcias e constantes estratégias, estando esse no centro de todo o processo, pois ao mesmo tempo em que é ator/passivo é também autor/ativo, singular, mas também coletivo.

Isto significa que a constituição dos modos de vida são reflexo de uma lógica urbana, mas também de lógicas individuais, peculiares e atreladas às vivências/experiências construídas por cada sujeito, perpassando pelas relações de pertencimento, na troca com o outro e com o *Eu*, dentro de um grupo social, não estando vinculado somente ao bairro, mas também em qualquer espaço onde emergem relações, significações e sentimentos de pertença.

Nesse interim é que se consolidam as *estórias*, histórias, lendas, memórias e outros elementos que fazem dos sujeitos singulares em seus modos de vida, já que cada um sente, interpreta, interage, e vive essa dinâmica urbana de uma forma única, contemplada e compartilhada, a cada segundo, por aqueles que, juntos, imprimem a mais “pura” expressão da vida na cidade.

Essa tese revela como as geotecnologias e os processos formativos, construídos na dinâmica da pesquisa, são potenciais/latentes para que os sujeitos partícipes, estabeleçam novos olhares sobre a cidade. Este processo não se resume apenas aos olhares, pois no momento que esses sujeitos mergulham no bairro, lugar das práticas (do passado, do instante vivido, do *vir a ser*), histórias e memórias, deixam de ser apenas atores imersos em uma realidade que, às vezes, passa despercebida na espontaneidade do cotidiano, tornando-se assim, na troca com os “sujeitos do tempo e do lugar”, pessoas que se permitam conhecer essa cidade com “olhar outro”, transformando, conseqüentemente, as suas relações, ações, sentimentos e conflitos.

Este movimento latente à criação e recriação da sua urbanidade, pode produzir outros vínculos no/com o espaço vivido e/ou fortalecer aqueles já

existentes, ressignificando coincidências e traçando outras perspectivas para ver, pensar e sentir o bairro. Assim, os processos formativos que podem (re)inventar essa urbanidade, não surgiram somente na dinâmica de pesquisa nos bairros, mas na socialização, compartilhamento e colaboração entre os estudantes (sujeitos da pesquisa), que ao difundirem suas experiências nos bairros, possibilitaram aos seus comparsas/pares/interlocutores, no entrelaçar de suas falas e vivências, o movimento de conhecer e viver mais intensamente a Cidade do Salvador (BA).

6 (IN) CONCLUSÃO: TODA VIAGEM SUSCITA TRANSFORMAÇÕES

À medida em que viaja,
o viajante se desraíza, solta, liberta.
Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação,
atravessar fronteiras e dissolver barreiras,
inventar diferenças e imaginar similaridades.
A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido,
que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso,
ou insólito, absurdo, terrificante.
Tanto se perde como se reafirma e modifica.
No curso da viagem há sempre alguma transformação,
de tal modo que aquele que parte
não é nunca o mesmo que regressa.
(IANNI, 2003, p.31).

É preciso uma dose muito grande de ousadia e inspiração para chegar a este momento... O momento de dizer “eis aqui minha tese de doutorado!” Uma vez que durante o desenvolvimento da pesquisa, há sempre transformação, sofremos inúmeras modificações, de tal modo *que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa*. Esse movimento de *ir e vir* que os sujeitos estabelecem na cidade refletem nas constantes metamorfoses que estes sofrem e criam com o meio e com seus iguais, consolidando uma dinâmica constante em que jamais possuiremos uma urbanidade estanque, mas sim composta por fluxos e ciclos que convergem, concomitantemente, em tempos e espaços. Trago isso de minha experiência pessoal, pois em vários momentos, nessa trajetória, pensei que não ia conseguir chegar ao final... E ao chegar nessa etapa da escrita, volto meus olhos para trás e vejo quantas *barreiras* ultrapassei, e quantas palavras *despejei* neste trabalho e percebo que sem a minha dedicação diária e a ajuda do grupo GEOTEC, talvez tivesse sido impossível transitar pelos *caminhos* que esta pesquisa me possibilitou *entrar*... construindo sentimentos de pertença e criando vínculos que ultrapassam os “muros” acadêmicos. Pois, para que este processo da escrita pudesse se efetivar, foi preciso mergulhar em um ambiente que não considera apenas o que está no plano visível, mas também o invisível, aquele onde a produção da diferença é possível.

Uma mente *de engenheira* está habituada a compreender o espaço pela forma como ele é concebido, planejado, instituído, idealizado. Mas conseguiria essa mente passar por uma *transformação* que possibilitasse enxergar também a complexidade que está na dimensão do sujeito que vivencia a cidade e com isso cria suas relações mais finas, o contato direto e os sentimentos de pertença com esse lugar? Assim, como sair de uma visão que abarca a dimensão *material e concreta* para considerar também a subjetividade construída na relação com o meio? Nós pesquisadores passamos por constantes metamorfoses, transformações que se assemelham a transmutação da lagarta em inseto alado, pois as borboletas com suas asas, com desenhos coloridos e perfeitos nos encantam, possuem leveza, ritmo de voo, silêncio e graça ao pousar para se alimentar das flores. Mesmo com sua aparente fragilidade e delicadeza, as borboletas conseguem atravessar oceanos! E o pesquisador consegue *sobreviver a tempestade* do escrever. Afinal, a escrita é algo muito sério.

Para Machado (2008, p.277), “[...] escrever implica escolher, escolher implica excluir e ambos implicam sofrer”. Ao começar a escrever um texto, é preciso selecionar a primeira palavra; para continuar, a segunda, e assim por diante. Principalmente quando precisamos verbalizar sentimentos e sensações, muitas vezes, imensuráveis, o que torna ainda mais complexa a tarefa de chegar a esse momento da pesquisa, onde não teremos *conclusões* ou *considerações finais*, o que acalenta um pouco a alma da pesquisadora...

Aqui trataremos de *(in)conclusões*, ou seja, algumas reflexões *finais* sem a intenção de produzir afirmações *fechadas* e *definitivas*. Para Machado (2008), escrever exige um exercício continuado de escolhas, pois, ao privilegiar uma palavra, todo o restante do acervo da língua é necessariamente excluído.

Fazer um trabalho deste tipo requer paciência e dedicação, afinal, precisamos não apenas aprender como se escreve, mas sobretudo necessitamos aprender a fazer escolhas. E isso acarreta no movimento frequente de optar entre tantos sinônimos, tantas palavras para expressar uma ideia que, para se inscrever na materialidade do suporte concreto ou virtual, “[...] precisa tomar uma forma e isso impõe uma decisão. E tomar decisões é escolher e excluir. Excluir dói! No outro e também em si. Faz sentir culpa e recuo. Exige uma dose de autonomia para construir o texto.” (MACHADO, 2008, p.277). O que se traduziu em um grande aprendizado individual: reconhecer que é preciso *escolher* e *decidir* sobre o que

efetivamente se vai pesquisar. Só temos essa maneira para fazer, caso contrário, falamos de *tudo* e não dizemos *nada*, então, por mais sofrido que seja, o processo da escrita precisa ser *escolhido* e tecido a partir da *adição, subtração, multiplicação e divisão* das palavras (ora escritas, ora apenas suscitadas) e dos seus sentidos e significados, trilhando assim uma lógica/não lógica na idealização do texto.

Texto quer dizer *Tecido*; mas, enquanto esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções constitutivas de sua teia. (BARTHES, 2004, p.74-75).

E esse sujeito que se comporta como *aranha*, é o sujeito da leitura diante do seu texto aparentemente pronto, mas que, de fato, nunca está acabado, pois ele sempre vai precisar *se aprontar*. Nesse trajeto, podemos extrair, para nosso argumento, a constatação de que, “[...] se o texto é movimento e instabilidade mesmo depois de impresso, deve permitir-se sê-lo ainda mais em seu processo de gestação, de ruminação, de fiação.” (MACHADO, 2008, p. 292). Dessa forma, sempre existirá uma dificuldade em finalizar esse ciclo, pois essa etapa da tese traz um breve panorama dos principais resultados alcançados, abre perspectiva para novas abordagens e novos trabalhos sobre o objeto pesquisado.

Escrever sem poder escrever sem saber escrever sem outro fim da escrita que o sem-fim da escrita que se faz. Leitura que se faz escrita sem poder sem saber sem outra finalidade que escrever sem fim em direção à leitura em direção à escrita. (LARROSA, 2003, p.9).

Isso representa a importância da leitura para o pesquisador, o que vai se traduzir em escrita, que se fará leitura, “[...] uma empurrando a outra, uma inquietando a outra.” (LARROSA, 2003, p.9). E assim, alcançar este momento, significa não apenas atravessar a linha de chegada, mas sim a subida no pódio, onde são lembradas as lembranças das dificuldades enfrentadas no processo e a *medalha* é apenas uma *medalha*, pois o que fica são os sorrisos, o suor, os gritos, ouvidos e sentidos durante o percurso. Além disso, esse é um momento muito esperado, pois reconheço a impossibilidade de esgotar as discussões acerca de temas complexos como a cidade e a urbanidade, mas reafirmo que nessa trajetória

surgiram saberes, conhecimentos e certezas à respeito da relevância do tema aqui discutido, fator que foi e vem sendo providencial no mergulho participante e colaborativo no *lócus* da pesquisa, pois a exemplo do mosaico, podemos adquirir infinitas formas e desenhos que são agregados, na medida em que conseguimos expandir nossas sensações e desejos, na medida em que os coletivos se encontram provocando novas configurações, porque é na produção de coletivos que a potência da vida está.

Fazer pesquisa nos *coloca* na realidade, onde percebemos que a *confusão* de sentimentos é muito comum, o que fica difícil é saber *conviver* com esta *confusão* toda e, ainda ter que traduzir em escrita nossos aprendizados sensíveis. Assim, são também as práticas sociais, caracterizadas por uma dinâmica que permite esse *ir e vir* de sensações e processos “confusamente organizados”, onde precisamos nos recriar e escrever, cotidianamente, as narrativas e histórias das nossas vidas. Rolnik (1993, p.242), afirma que “[...] é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos corpos novos.” Portanto, um novo *estado* se faz em nós, e cada vez que respondemos ao rigor e à exigência desse corpo novo, que é imposto por um destes *estados*, nos tornamos outros, somos transformados.

Nesse desvelar de transformações, destacamos os objetivos propostos nessa pesquisa, acentuando que os mesmos foram cumpridos em parte, pois apesar de contemplá-los na escrita desse trabalho, entendemos que ainda precisamos da sistematização das ações do projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio* e uma base de dados para armazenar o material que foi desenvolvido, pois, ainda não conseguimos que os estudantes e o CPM organizassem e disponibilizassem todos os resultados ao Grupo GEOTEC.

O projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio* tem uma dimensão muito ampla, o que torna difícil sistematizar todas as atividades que foram trabalhadas durante a pesquisa, e como no início do projeto, o Grupo GEOTEC contava com poucos pesquisadores, acabamos por nos envolver em todas essas etapas (oficinas, cursos, visitas, eventos e encontros), fato este muito importante para o entendimento do projeto de forma integral, mas, um fator gerador de algumas dificuldades, visto que foram muitos movimentos e ações para serem acompanhadas. Contudo, apesar das várias temáticas que foram abordadas no projeto, tivemos o cuidado de priorizar

a análise das atividades que estavam ligadas diretamente a temática sobre a cidade e a urbanidade, que é o recorte teórico dessa pesquisa.

Vale ressaltar que esta pesquisa seria desenvolvida no CPM-Unidade Dendezeiros, porém, por solicitação da Gestão do Colégio foi expandida para a Unidade Lobato, o que implicou em mais alunos, demandando assim, ampliação das atividades. Outro fato a ser ressaltado, é que apesar de ter como *lócus* da pesquisa o CPM, outras Instituições foram agregadas ao projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, como o Instituto Federal da Bahia (IFBA) na cidade de Valença (BA), a Escola Municipal Governador Roberto Santos e a Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI/UNEB), que mesmo não entrando como objeto principal de análise nesse trabalho, se mostraram como possibilidades à pesquisa aqui empreendida, visto que acompanhamos todo o processo.

No que diz respeito às práticas educativas desenvolvidas durante a pesquisa, procuramos construir, juntamente com os estudantes, o entendimento do que seja urbanidade e como as geotecnologias e as atividades realizadas potencializaram o conceito de cidade e dos modos de vida urbano. Afinal, quando falamos de urbanidade, estamos falando das relações das pessoas, entre as pessoas e com a cidade, o que fica claro na fala da pesquisadora Cabula, estudante do CPM Lobato:

[...] a busca de dados e registros a campo, as pesquisas e mapeamentos, proporcionam conhecer e entender a estrutura, a formação e a história do bairro. Trazer isso para ser apresentado dentro da escola, é mostrar que há muito mais possibilidades onde moramos do que aquelas que se apresentam para nós. A história do bairro de Pirajá é muito bonita, mas não se encontra nos livros, mas sim no imaginário da população local e poder extrair essas histórias e mostrá-las na escola, ensinou outros a olharem para o que não está estampado nas mídias impressas e televisivas. (Aluna – Cabula, 16 anos).

Essas ações demonstram iniciativas pedagógicas relacionadas ao processo de ensinar e aprender, sobre a história da cidade do Salvador (BA), através das pesquisas nos bairros, que envolvem discussões acerca das dinâmicas da aprendizagem, e sobre o redimensionamento das potencialidades das geotecnologias no processo formativo desses alunos. Essa relação de urbanidade acontece entre os sujeitos que vivem na cidade e compartilham experiências com a mesma, o que vai caracterizar esses modos de vida. Essa relação com a cidade no urbano é o que vai compor a urbanidade.

Não tem nome nem lugar. Repito a razão pela qual quis descrevê-la: das inúmeras cidades imagináveis, devem-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio condutor, sem um código interno, uma perspectiva, um discurso. É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, o medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (CALVINO, 2009, p.44).

Para Pesavento (2007), as cidades sempre foram sonhadas, desejadas, temidas, odiadas e fontes de inspiração. Cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem essa força do imaginário de qualificar o mundo. A cidade foi, desde cedo, o reduto de uma nova sensibilidade.

Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. (PESAVENTO, 2007, p.11).

Na cidade, essa dinâmica está inserida no urbano que acarreta em diversas formas de viver/experimentar/praticar a cidade, e são essas relações que possibilitam compor essa urbanidade, onde cada sujeito vai constituir seus modos de vida.

Por conseguinte, não podemos deixar de relacionar os processos formativos e as trocas de experiências pelos estudantes quando da participação em eventos acadêmicos, o que possibilitou o intercâmbio e amadurecimento das ideias discutidas, além da divulgação dos trabalhos e das ações realizadas no decorrer do projeto. Nesse sentido, são enumerados abaixo alguns dos eventos onde houveram a participação desses estudantes:

- No ano de 2011: foram apresentados e publicados 06 (seis) artigos no VI Encontro Interdisciplinar de Cultura, Tecnologias e Educação – INTERCULT, realizado no Centro Universitário Jorge Amado – UNIJORGE/ BA;
- No ano de 2012: foram apresentados e publicados 08 (oito) artigos na 64ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em São Luís (Maranhão); 16 (dezesesseis) artigos na 11ª Edição da Feira dos

Municípios e 2ª Mostra de Iniciação Científica (FEMMIC) na cidade de Catu (Bahia), na referida Feira na Categoria *Ensino Médio*, 9 (nove) prêmios foram destinados aos melhores trabalhos apresentados, dentre eles 6 (seis) prêmios foram para os alunos/pesquisadores do CPM, sendo o 1º lugar para a Unidade Lobato e o 2º lugar para a Unidade Dendezeiros. Foram apresentados e publicados também 14 (quatorze) artigos no VII Encontro Interdisciplinar de Cultura, Tecnologias e Educação (INTERCULT); 5 artigos na II Feira de Ciências da Bahia e VII Feira Baiana de Matemática; 12 (doze) artigos no III Encontro de Jovens Cientistas da Bahia (UFBA);

- No ano de 2013: foram apresentados e publicados 01 (um) artigo na Feira Brasileira de Ciência e Engenharia (FEBRACE) na USP/São Paulo e 01 (um) artigo na Expo Nacional MILSET Brasil – um evento nacional do Movimento Internacional para o Recreio Científico e Técnico - MILSET, do Comitê da MILSET AMLAT e da Comitiva Nacional da MILSET Brasil (Mostra Nacional Milset Brasil) na cidade de Fortaleza (CE). Dentre os projetos destaques Milset Brasil que receberam credenciamentos para participação em Feiras Internacionais, o artigo dos estudantes/pesquisadores Luiza Vitória dos Santos Souza e Danilo Rodrigues, foi premiado para ser apresentado no Foro Internacional de Ciência e Engenharia, na categoria supranível em agosto 2013, na cidade de Santiago no Chile.

Essas apresentações e publicações tem proporcionado ricas experiências para os estudantes, entretencimento de saberes teóricos e ampliação de práticas constitutivas de processos, para além dos muros da escola.

O projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio* é grandioso, demanda intervenções de diversas pessoas, que pensam de modos diferentes, com objetivos diferentes e que mudam a dinâmica do mesmo. No entanto, temos a certeza que pode suscitar movimentos e ações por sujeitos que acreditam nas possibilidades de transformar o saber pedagógico. Apesar de todas essas interferências, das dificuldades que são enfrentadas (estruturais dentro da dinâmica das escolas; apoio da equipe gestora, etc.), o projeto é uma possibilidade muito grande de potencializar as práticas escolares, e isso é demonstrado pelos diversos resultados que ultrapassam aqueles apresentados no decorrer dessa tese.

Com as apresentações e publicações dos artigos nos eventos acadêmicos, os estudantes foram suscitados a pensar, pesquisar, trabalhar as questões da cidade e

da urbanidade, que é o tema e o foco da nossa pesquisa. Visto por este prisma, podemos considerar a sala de aula, o espaço geográfico, como produto histórico, que mostra as práticas sociais dos mais diversos grupos que interagem, constroem, reconstroem, sonham, vivem, moram, lutam, e estão em constante transformação. Desta forma, deixam de perpassar apenas os conteúdos programáticos para converter-se em possibilidades de transgressão.

Convém, ainda, dizer que essa trama suscita outras tantas possibilidades investigativas e, que este percurso nos impulsiona a lançar aos leitores, a questão da Educação Científica no Ensino Médio como uma forma outra de produzir e ressignificar saberes, valorizar a diversidade e as similitudes dos sujeitos que constroem/reconstroem, diariamente, seu espaço. A Educação Científica, nesse sentido, não representa uma etapa da aprendizagem, mas um princípio formativo e fundador de oportunidades ao pensar, criar e, principalmente, melhorar seu lugar, destacado nessa pesquisa como sua cidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Lynn R. G. Conhecimento e Internet: uma construção possível? **Revista de Educação da Faculdade de Educação – FEBA**, Salvador, v.1, n.1, p. 91-108, 2000.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 11ª Ed. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. Trabalho, obra, ação. In.: **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, nº 7, 2005. Trad. de Adriano Correia. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp7/arendt.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2010.
- ASCHER, F. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- AZEREDO RIOS, Terezinha. O valor do não saber. **Revista Gestão Escolar**. São Paulo: Fundação Victor Civita, abril/maio, 2013.
- BALL, C. **Making sense of the reform and restructuring of education and training in the UK**. London: RSA, The Learning Society Exchange, 1993.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BENEVOLO, L. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, C. A. L. **As cidades da cidade**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2006.
- BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa participante: o saber da partilha**. 2ª Ed. São Paulo: Ideias e letras, 2006.
- BRITO, F. J. O.; HETKOWSKI, T. M. Geotecnologias: possibilidades de inclusão sócio-espacial. In.: BONETI, L. W.; ALMEIDA, N. P.; HETKOWSKI, T. M. **Inclusão social: da teoria à prática**. Curitiba, PR: Imprensa Oficial, 2010.
- BURKE, James.; ORNSTEIN, Robert. **O presente do fazedor de machados: os dois gumes da história da cultura humana**. Tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BURNHAM, Teresinha F. Sociedade da Informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. In: LUBISCO, Nídia M. L.; BRANDÃO, Lídia M. B. **Informação & Informática**. Salvador: Eufba, 2000.
- CALVINO, Italo. **Palomar**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CÂMARA, G. Geometrias não são Geografias: O Legado de Milton Santos. **MundoGeo**, São Paulo, Ano 3. n. 20. 2001. Disponível em: <<http://www.dpi.inpe.br/gilberto/infogeo/infogeo20.pdf>>. Acesso em 13 out. 2008.

CARDOSO, Carlos Augusto de A. A cidade, a educação e o ensino. In: CAVALCANTI, Lana de S.; BUENO, Miriam A.; SOUZA, Vanilton C. de. (orgs.). **Produção do conhecimento e pesquisa no ensino de geografia**. Goiânia: PUC Goiás, 2011.

CARLOS, Ana F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001a.

_____. **Espaço e Indústria**. São Paulo: Contexto, 2001b.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. (A era da informação, economia, sociedade e cultura, v.1). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTI, Lana S. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida cotidiana. São Paulo: Papyrus, 2008.

_____. Cidade e vida urbana: a dinâmica do/no espaço intra-urbano e a formação para a participação em sua gestão. In.: PAULA, F. M. A.; CAVALCANTI, L. S. (Orgs.). **A cidade e seus lugares**. Goiânia: Vieira, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COCOZZA, Glaucio de P. **Paisagem e urbanidade**: os limites do projeto urbano na conformação de lugares em Palma. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. 253p

DEVECHI, C.P.V.; TREVISAN, A.L. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência? **Revista Brasileira de Educação**. Vol. 15, n. 43 jan/abr, 2010, p.148-201.

DUARTE, N. **Educação escolar**: teoria do cotidiano e a escola de Vygotsky. 4ª Ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

DUARTE, C. F. A dialética entre permanência e ruptura nos processos de transformação do espaço. In: MACHADO, Denise Barcellos Pinheiro. (Org.). **Sobre urbanismo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Viana & Mosley / Ed. PROURB, 2006, v. 1, p. 27-36.

FITZ, P. R. **Cartografia básica**. Canoas, RS: Oficina de textos, 2005.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª Ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FREIRE, F. M P. e VALENTE, A. **Aprendendo para a Vida**: os Computadores na Sala de Aula. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAG, Bárbara. **Teorias da cidade**. 4ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

GANBARRÓN, Luis R.; LANDA, Libertad H. O que é pesquisa participante? In: BRANDÃO, Carlos R.; STRECK, Danilo R. (org.). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida/ São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

FREITAS, Maria Ester de. Viver a tese é preciso! Reflexões sobre as aventuras e desventuras da vida acadêmica. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 42, n. 1, jan./mar., 2002, p.88-93.

GATTI, Bernadete A. **A construção da pesquisa no Brasil**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

GONÇALVES, Teresinha Maria. **A cidade é poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. Ijuí, SC: Unijuí, 2007.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 19ª Ed. São Paulo: Loyola, 2010.

HETKOWSKI, Tânia M. **Relatório Técnico Final do Projeto A rádio da escola na escola da rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre o espaço da cidade de Salvador/BA**. FAPESB, 2012.

_____. **Projeto CITTÁ Cosmopolita Salvador: Simulador de Redes de Cidades**. 2011.

_____. *PodCasting* e rádio convencional: resgatando a memória da cidade de Salvador (BA). In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE) E I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO (SIRSSE), 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba, PR: PUC, 2011.

_____. Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações? In: XV ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

_____. Dialética interna: tecnologias da informação e comunicação e formação de professores. In.: NASCIMENTO, Antônio Dias e HETKOWSKI, Tânia Maria (orgs). **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnologias**. Salvador: Edufba, 2009.

HETKOWSKI, Tânia M.; BRANDÃO, Inaiá; NASCIMENTO, Fabiana dos S.; PEREIRA, Tânia R. D. S. Geotecnologias e as TIC no entendimento do espaço: uma experiência formativa na Educação Básica. In.: PORTUGAL, Jussara F.; OLIVEIRA, Simone S. de.; PEREIRA, Tânia R. D. S.(orgs.). **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas**. Curitiba: CRV, 2013.

HETKOWSKI, Tânia M.; ALVES, Lynn R. G. **Tecnologias digitais e educação: novas (re)configurações técnicas, sociais e espaciais**. Salvador: Eduneb, 2012.

HETKOWSKI, Tânia M.; ANDRADE, Gustavo E.; DIAS, Josemeire M.; ALVES, Lynn R. G. Kimera: cidades imaginárias. HETKOWSKI, T. M.; ALVES, L. R. G. (Orgs). **Tecnologias digitais e educação: novas (re)configurações técnicas, sociais e espaciais**. Salvador: Eduneb, 2012.

IANNI, Octávio. A metáfora da viagem. In: **Enigmas da modernidade-mundo**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **A Era do Globalismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

INCONTRI, Dora. **Conforto Espiritual**. Salvador, BA: Mente Aberta, 2012.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Tradução, Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LARROSA, Jorge. **Estudar = Estudiar**. Tradução de Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro Editora, 2009.

_____. **A revolução urbana**. 3ª Ed. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2008.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1980.

_____. **La production de l'espace**. Paris: Editora Anthropos, 1974.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2010. 160 p.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2007.

_____. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA Jr. Arnaud Soares de. **A escola no contexto das tecnologias de comunicação e informação: do dialético ao virtual**. Salvador, BA: EDUNEB, 2007.

_____. **Tecnologias Inteligentes e Educação: currículo hipertextual**. Rio de Janeiro: Quarteto, 2005.

LIMA Jr. Arnaud S. de.; NOVAES, Ivan Luiz,; HETKOWSKI, Tânia Maria. Gestão educacional e tecnologias da informação e comunicação. In.: NOVAES, Ivan Luiz,; HETKOWSKI, Tânia Maria. **Gestão, tecnologias e educação: construindo redes sociais (orgs.)**. Salvador, BA: Eduneb, 2012.

LIMA Jr. Arnaud Soares de; HETKOWSKI, Tânia Maria. Educação e Contemporaneidade: por uma abordagem histórico-antropológica da tecnologia e da práxis humana como fundamento dos processos formativos e educacionais. In. LIMA Jr. Arnaud Soares de; HETKOWSKI, Tânia Maria (orgs). **Educação e Contemporaneidade: desafios para a pesquisa e a pós-graduação**. Rio de Janeiro: Quarteto, 2006.

_____. Tecnologias intelectuais e educação: explicitando o princípio proposicional/hipertextual como metáfora para a educação e o currículo. **Revista FAEEBA**, Salvador: UNEB, v. 13, n. jul/dez, p. 401-416, 2004.

LIMIRO, Lucia de A. T. **Modos de vida da cidade pequena na cidade grande e análises das práticas do planejamento urbano Municipal de São José dos Campos**: um estudo de caso no Bosque dos Eucaliptos. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Vale do Paraíba, Paraíba, 2006.216f.

LOBÃO, J. S. B.; CHAVES, J. M. Geotecnologias na aprendizagem da Geografia: alternativas para inclusão digital. **Geografia's**. Feira de Santana, n.1, p.35-40, mai/nov. 2008.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial**: nas ciências humanas e na educação. 2ª Ed. Salvador, BA: EDUFBA, 2004. p. 149-168.

MACHADO, Antonio. **Poema “Cantares”**. Disponível em: <http://blogs.utopia.org.br/oesialatina/cantares-antonio-machado/>. Acesso em: 18 jan. 2013.

MACHADO, A.M.N. Pânico da folha em branco: para entender e superar o medo de escrever. In.: BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. (orgs.). **A trama do conhecimento**: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. São Paulo: Papirus, 2008.

MACHADO DA SILVA, S. M. **Confecções cartográficas de um mosaico mutante**: a potência de encontros da educação profissional em saúde. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. 191f.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. [online]. in: **NAU-Núcleo de Antropologia Urbana da USP**. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>. Acesso em: 10 jul. 2013.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MONDARDO, Marcos L. Resenha LFEBVRE, Henri. Espaço e política. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v.30, n.1, p.195-200, jan./jun. 2010.

MORENO. J. **O futuro das cidades**. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. Educação e comunicação. Diálogos contemporâneos e novos espaços de reflexão. In.: NASCIMENTO, Antônio Dias e HETKOWSKI, Tânia Maria (orgs.). **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnologias. Salvador, BA: Edufba, 2009.

NASCIMENTO, Fabiana dos S. **Potencialidades da educação cartográfica nos anos iniciais do ensino fundamental**: a importância da formação de professores. Monografia. Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010. 59f.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 27, n. 53, p. 11- 23, Julho/ 2007.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil [**livro eletrônico**]: TIC Educação 2012 = Survey on the use of information and communication technologies in Brazil : ICT Education 2012 / [coordenação executiva e editorial/ executive and editorial coordination, Alexandre F. Barbosa; tradução / translation DB Comunicação (org.)]. – São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

PORTUGAL, Jussara F.; OLIVEIRA, Simone S. de.; PEREIRA, Tânia R. D. S.(Orgs.). **(Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas**. Curitiba: CRV, 2013.

PROENÇA, Maria Cristina O. **O direito e o habitar no pensamento de Henri Lefebvre**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Portugal, 2011. 81f.

RIBEIRO, W. C. Cidades ou sociedades sustentáveis? In.: CARLOS, A. F. A.; CARRERAS, C. (Orgs.). **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ROCHA, Eliza Emília Rezende Bernardo. Pesquisa participante e seus desdobramentos: experiências em organizações populares. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Anais...** Belo Horizonte, 12 a 15 de setembro de 2004.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RONILK, Suely. Pensamento, corpo e devir uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de subjetividade**. vol.1, n.2, set/fev. 1993. PUC/SP.

ROSA, Roberto. **Geotecnologias na geografia aplicada**. Revista do departamento de geografia, Uberlândia, n. 16, p. 81-90, 2005.

SANTANA, L. S. **A autoria no Youtube: um processo formativo contemporâneo**. Dissertação (Mestrado). Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012. 162f.

SANTOS, Elisabete.; PINHO, José Antonio Gomes de.; MORAES, Luiz Roberto Santos.; FISCHER, Tânia. (orgs.). **O Caminho das Águas em Salvador: Bacias Hidrográficas, Bairros e Fontes**. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010. 486p.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2008a.

_____. **Técnica, espaço e tempo.** São Paulo: Edusp, 2008b.

_____. **Espaço e método.** São Paulo: Edusp, 2008c.

_____. **O centro da cidade do Salvador:** estudo de geografia urbana. Edusp, 2008d.

_____. **Economia espacial:** críticas e alternativas. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. O espaço geográfico como categoria filosófica. In.: **O espaço em questão.** São Paulo: Terra Livre - AGB, 1988.

SEABRA, O.C. de L. Pensando o processo de valorização e a geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 66, p. 97-103, 1988.

SILVA, R. C. M(org.). **A Cidade pelo avesso.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2006. p. 276.

VAN DER ZEE, H. The learning society. In.: RAGATT, P.; EDWARDS, R.; SMALL, N. (orgs.). **The learning society:** challenges and trends. London: Routledge; The Open University, 1994.

APÊNDICE A – INSTALAÇÕES FÍSICAS DO CPM / UNIDADE DENDEZEIROS

INSTALAÇÕES FÍSICAS / CPM DENDEZEIROS	
LOCAL	QUANTIDADE
PRÉDIOS/PAVILHÕES	03
SALAS DE AULA	52
SALAS DE AULA DESTINADAS AO FUNDAMENTAL I	13
SALAS DE AULA DESTINADAS AO FUNDAMENTAL II	39
SALAS DE AULA DESTINADAS AO ENSINO MÉDIO	39
LABORATÓRIO DE CIÊNCIAS	01
LABORATÓRIO DE BIOLOGIA	01
LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA	01
QUADRAS POLIESPORTIVAS	02
SALAS DE PROFESSORES	03
SANITÁRIOS COLETIVOS PARA ESTUDANTES	15
PÁTIOS DE ATIVIDADES CÍVICO-MILITARES E LAZER	03
CAMPO DE FUTEBOL	01
AUDITÓRIO / CAPACIDADE	01 / 170
COZINHAS	02
GABINETE MÉDICO	01
GABINETE ODONTOLÓGICO	01
SALAS PARA DIREÇÃO GERAL E PEDAGÓGICA	03
SALAS PARA UNIDADES PEDAGÓGICAS E ADMINISTRATIVAS E APOIO AO ENSINO	22
SALA PARA A BANDA DE MÚSICA	01
SALA PARA O CORAL	01
ALMOXARIFADO	01
DORMITÓRIO PARA QUARDA DO QUARTEL	01
DORMITÓRIO PARA SARGENTOS E SUB TENENTES	01
DORMITÓRIO PARA OFICIAIS MASCULINOS	01
DORMITÓRIO PARA OFICIAIS FEMININOS	01
DORMITÓRIO PARA OFICIAIS SUPERIORES MASCULINOS	01
DORMITÓRIO PARA PRAÇAS FEMININAS	01

Fonte: Direção do CPM unidade Dendezeiros

**APÊNDICE B – QUANTIDADE DE ALUNOS POR SÉRIE E TURNO / 2013 - CPM
UNIDADE DENDEZEIROS**

SÉRIE	QUANTIDADE DE ALUNOS / SÉRIE / TURNO / CPM DENDEZEIROS			
	MATUTINO	VESPERTINO	NOTURNO	TOTAL
1ª FUNDAMENTAL	37	36	-	73
2ª FUNDAMENTAL	76	-	-	76
3ª FUNDAMENTAL	-	71	-	71
4ª FUNDAMENTAL	-	139	-	139
5ª FUNDAMENTAL	149	-	-	149
6ª FUNDAMENTAL	-	175	-	175
7ª FUNDAMENTAL	-	214	-	214
8ª FUNDAMENTAL	-	249	-	249
9ª FUNDAMENTAL	-	261	-	261
1ª ENSINO MÉDIO	324	-	-	324
2ª ENSINO MÉDIO	323	-	-	323
3ª ENSINO MÉDIO	323	-	-	323
1ª ENS MÉDIO/NOT	-	-	34	34
2ª ENS MÉDIO/NOT	-	-	35	35
3ª ENS MÉDIO/NOT	-	-	44	44
TOTAL	1.232	1.145	113	2.490

Fonte: Direção do CPM unidade Dendezeiros

APÊNDICE C – QUANTIDADE DE ALUNOS POR TURNO / 2013 - CPM UNIDADE DENZEZEIROS

SÉRIE	QUANTIDADE DE ALUNOS/ TURNO/ CPM DENZEZEIROS			
	MATUTINO	VESPERTINO	NOTURNO	TOTAL
FUNDAMENTAL	262	1145	-	1407
ENSINO MÉDIO	970	-	113	1083

Fonte: Direção do CPM unidade Dendezeiros

APÊNDICE D – QUANTIDADE DE PROFESSORES POR TURNO / 2013 - CPM UNIDADE DENZEZEIROS

QUANTIDADE DE PROFESSORES / TURNO/ CPM DENZEZEIROS	
TURNO MATUTINO	123
TURNO VESPERTINO	98
TURNO NOTURNO	14
TOTAL	235

Fonte: Direção do CPM unidade Dendezeiros

APÊNDICE E – ESCOLARIDADE DOS PROFESSORES / 2013 - CPM UNIDADE DENZEZEIROS

QUANTIDADE DE PROFESSORES / ESCOLARIDADE/ CPM DENZEZEIROS	
GRADUAÇÃO INCOMPLETA	08
GRADUADOS	166
ESPECIALISTAS	56
MESTRES	04
DOUTORES	01
TOTAL	235

Fonte: Direção do CPM unidade Dendezeiros

APÊNDICE F – INSTALAÇÕES FÍSICAS DO CPM UNIDADE LOBATO

INSTALAÇÕES FÍSICAS / CPM LOBATO	
LOCAL	QUANTIDADE
PRÉDIOS (PAVILHÕES)	02
SALAS DE AULA	23
SALAS DE AULA DESTINADAS AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	12
SALAS DE AULA DESTINADAS AS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	16
SALAS DE AULA DESTINADAS AS SÉRIES DO ENSINO MÉDIO	15
BIBLIOTECA	01
LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA	01
QUADRAS POLIESPORTIVAS	01
SALAS DE PROFESSORES	01
SANITÁRIOS COLETIVOS PARA ESTUDANTES	03
PÁTIOS DE ATIVIDADES CÍVICO-MILITARES E LAZER	01
AUDITÓRIO E CAPACIDADE	01 / 250
COZINHA	01
GABINETE ODONTOLÓGICO	01
SALAS PARA DIREÇÃO GERAL E PEDAGÓGICA	02
SALAS PARA A VICE-DIREÇÃO	01
SALAS PARA UNIDADES PEDAGÓGICAS E ADMINISTRATIVAS E APOIO AO ENSINO	04
SALA PARA A BANDA DE MÚSICA	01
ALMOXARIFADO	01
DORMITÓRIO PARA A GUARDA DO QUARTEL	02
SALA PARA A COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	01
QUANTIDADE DE COORDENADORES	10
QUANTIDADE DE PROFESSORES	107

Fonte: Direção do CPM unidade Lobato

**APÊNDICE G – QUANTIDADE DE ALUNOS POR TURNO / 2013 - CPM
UNIDADE LOBATO**

SÉRIE	QUANTIDADE DE ALUNOS / TURNO / CPM LOBATO			
	MATUTINO	VESPERTINO	NOTURNO	TOTAL
FUNDAMENTAL	143	572	-	715
ENSINO MÉDIO	384	-	-	384

Fonte: Direção do CPM Unidade Lobato

**APÊNDICE H – QUANTIDADE DE PROFESSORES POR TURNO / 2013 - CPM
UNIDADE LOBATO**

QUANTIDADE DE PROFESSORES / TURNO / CPM LOBATO	
TURNO MATUTINO	21 (CIVIS) e 29 (MILITARES)
TURNO VESPERTINO	16 (CIVIS) e 41 (MILITARES)
TURNO NOTURNO	-
TOTAL	107

Fonte: Direção do CPM unidade Lobato

**APÊNDICE I – ESCOLARIDADE DOS PROFESSORES / 2013 - CPM UNIDADE
LOBATO**

QUANTIDADE DE PROFESSORES / ESCOLARIDADE / CPM LOBATO	
GRADUAÇÃO INCOMPLETA	09
GRADUADOS	80
ESPECIALISTAS	16
MESTRES	02
DOUTORES	-
TOTAL	107

Fonte: Direção do CPM unidade Lobato

APÊNDICE J – TERMO DE COMPROMISSO (PAIS)



A rádio da escola
na escola da rádio

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC-I)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)
GRUPO DE GEOTECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (GEOTEC)

TERMO DE COMPROMISSO (PAIS) (Preencher com letra legível)

Eu, _____, pai ou mãe do(a)
aluno(a) _____ estudante
Colégio da Polícia Militar – Unidade _____, cursando ____ ano do
Ensino Médio, turma _____, residente no endereço _____
_____, me comprometo a seguir todas as exigências abaixo,
permitindo a participação do meu(a) filho(a) no Projeto GEOTEC:

1. Responsabilidade pela chegada e saída do aluno(a) na escola, no horário do Projeto;
2. Permissão para a vinda do(a) aluno(a) à Escola no horário oposto a sua aula regular;
3. Permissão para a participação dos(as) alunos(as) em atividades fora do espaço da escola;
4. Concessão para o uso da imagem e dos dados do(a) aluno(a) em pesquisas e produções acadêmicas e científicas;
5. Apoio no desenvolvimento intelectual e científico do(a) aluno(a).

Por estar ciente, me comprometo a cumprir fielmente tudo que está aqui estipulado.

Salvador, _____ de _____ de 20____.

Assinatura

APÊNDICE K – TERMO DE COMPROMISSO (ALUNOS)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC-I)
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)
 GRUPO DE GEOTECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (GEOTEC)

TERMO DE COMPROMISSO (ALUNOS) *(Preencher com letra legível)*

Eu, _____,
 aluno(a) _____ estudante
 Colégio da Polícia Militar – Unidade _____, cursando ____ ano do
 Ensino Médio, turma _____, residente no endereço _____
 _____, me comprometo a seguir todas as exigências abaixo,
 para a participação do meu(a) filho(a) no Projeto GEOTEC:

1. Pontualidade;
2. Assiduidade;
3. Disponibilidade para participação nesse projeto no horário oposto as aulas regulares;
4. Participação nas atividades dentro da escola e em outros espaços de aprendizagem;
5. Apresentação em seminários, palestras e outros eventos que poderão se desencadear no decorrer do projeto;
6. Comparecimento nos dois encontros semanais: (Um com o grupo GEOTEC e o outro entre os próprios alunos para realização de atividades dirigidas);
7. Responsabilidade com as atividades propostas;
8. Conservação do espaço disponibilizado para o projeto e de todos os materiais, instrumentos e objetos pertencentes a ele;
9. Boa relação com os colegas e a equipe do GEOTEC;
10. Disponibilidade para trabalhos em grupo;
11. Bom rendimento escolar.

Por estar ciente, me comprometo a cumprir fielmente tudo que está aqui estipulado.

Salvador, _____ de _____ de 20____.

Assinatura

APÊNDICE L – TERMO DE PARCERIA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC
CAMPUS I – SALVADOR

TERMO DE PARCERIA

A UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, através do Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade, representado pelo(a) Professor(a) Tânia Maria Hetkowski, vem firmar compromisso com o Colégio da Polícia Militar – Unidade Dendezeiros (CPM), tendo como representante legal o diretor(a), no que se refere à consolidação da Parceria do Projeto **A Rádio da Escola na Escola do Rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da Cidade de Salvador (BA)**, referente ao Edital de Popularização da Ciência - FAPESB 029/2010.

Este instrumento visa efetivar a parceria de uma pesquisa de Educação Científica junto ao Colégio, com finalidade de desenvolver ferramentas para a difusão do conhecimento científico junto aos alunos da Educação Básica.

Ciente deste compromisso, subscrevemo-nos.

Salvador (Ba), ____, março de 2010.

LOURISVALDO VALENTIM DA SILVA
Reitor da UNEB

NOME DO RESPONSÁVEL PELO COLÉGIO
Diretor(a) do CPM

APÊNDICE M – PLANO DE PESQUISA INDIVIDUAL DO ESTUDANTE



A rádio da escola
na escola da rádio

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC-I)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)
GRUPO DE GEOTECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (GEOTEC)

PLANO DE PESQUISA INDIVIDUAL DO ESTUDANTE

DADOS GERAIS	
Nome do Estudante	
Endereço	
Telefone (fixo e celular)	
E-mail	
Série	
Turma	
RG/ CPF	
Título do Projeto	
Título do Subprojeto	
Pesquisador	
Orientador	
Coorientadores(es)	

INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS
Objetivo Geral do Subprojeto
Objetivos Específicos do Subprojeto
Metas

Etapas da Pesquisa

Resultados Esperados

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ATIVIDADES	1	2	3	4	5	9	7	8	9	10	11	12

REFERÊNCIAS

APÊNDICE O – FICHA DE MATRICULA



*A rádio da escola
na escola da rádio*

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC-I)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)
GRUPO DE GEOTECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (GEOTEC)**

FICHA DE MATRÍCULA



DO ESTUDANTE			
Nome do estudante:			
Instituição de Ensino:			
Série:	Matrícula:	Turma:	Ano:
Data de Nascimento:		Naturalidade:	
DOS RESPONSÁVEIS			
Nome do Responsável:			
			Parentesco:
Nacionalidade:		Naturalidade:	
Formação:		Profissão:	
Endereço Residencial:			
			Telefone Residencial:
Local de Trabalho:			
			Telefone:
Nome da Responsável:			
			Parentesco:
Nacionalidade:		Naturalidade:	
Formação:		Profissão:	
Endereço Residencial:			
			Telefone Residencial:
Local de Trabalho:			Telefone:

Salvador, _____ de _____ de _____

Nome do Principal Responsável (Letra de Forma)

Assinatura do Principal Responsável

APÊNDICE P - TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA



A rádio da escola
na escola da rádio

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC-I)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)
GRUPO DE GEOTECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (GEOTEC)

TERMO LIVRE E ESCLARECIDO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

O Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC), do Departamento de Educação/Campus I (DEDC-I) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), está desenvolvendo um trabalho de Educação Científica na área de Geotecnologias na Educação Básica em parceria com o Colégio da Polícia Militar da Bahia (CPM). Tal trabalho tem como objetivo aproximar o jovem estudante do ensino básico da ciência e das geotecnologias e seus conceitos teóricos e práticos. Além do citado objetivo, o grupo realiza pesquisas nas áreas de Educação, Educação Científica e Geotecnologias aplicadas a Educação. Para tal, solicitamos do educando e do responsável legal por este, autorização para inclusão dos dados relativos a participação do estudante no referido projeto, bem como a publicação dos resultados obtidos através da observação deste em atividade de pesquisa e sua produção individual e coletiva.

Caso seja concedida a participação, o (a) participante ou seu responsável legal poderá:

- a) A qualquer momento recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionarem constrangimento de qualquer natureza;
- b) Deixar de participar da entrevista, não sendo necessário apresentar justificativas para isso;
- c) Caso queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados, independentemente do fato de mudar seu consentimento em relação a sua participação.

QUANTO A PARTICIPAÇÃO

1. Termos de consentimento da pesquisa

1.1 Através deste termo de consentimento, fica compreendido que o solicitante dispõe da devida autorização para:

- 1.1.1 Registrar a entrevista através de relatório, filmagem e fotografia;
- 1.1.2 Publicar os resultados da entrevista em qualquer veículo de informação e comunicação a qualquer momento;
- 1.1.3 Utilização das imagens geradas por fotografia ou vídeo (total ou parcial) da entrevista cedida unicamente para publicação, apresentação e exibição de trabalhos

científicos em eventos de caráter acadêmico-científico, cultural, educativo ou prêmios de qualquer natureza;

1.2 Os termos da concessão não autorizam:

1.2.1 Publicação de dados sigilosos, tais como RG, CPF, endereço residencial ou eletrônico e outros dados sigilosos do voluntário;

1.2.2 Utilização dos dados e imagens obtidas para outros fins que não o de produção científica ou cultural e educativo.

2. Dos direitos assegurados ao solicitante

2.1 O presente termo concede ao solitiante todos os direitos autorais e intelectuais sob todos os dados gerados através das entrevistas, observações e registros (relatórios, filmagens e fotografias);

2.2 Possibilidade de consulta dos mesmos materiais de registro (relatórios, filmagens e fotografias) para trabalhos futuros, desde que para os mesmos fins relatados neste documento, assegurando os mesmos direitos autorizados nos itens (1.1.2, 1.1.3);

Obs.: todos os ítems relacionados no tópico 1.1 e os tópicos relacionados na sessão 2 não poderão contrariar os ítems relacionados no tópico 1.2.

3. Das obrigações do solicitante

3.1 O solicitante deverá, nos créditos de seu trabalho, e no ato de divulgação de seu trabalho, de algum modo, mencionar a participação voluntária do participante, lhe conferindo os créditos de sua fala e participação (para os casos de exibição de depoimentos cedidos em forma de vídeos científicos, culturais e educativos, ou mesmo para divulgação de trabalhos produzidos e seus resultados).

3.2 Em caso de pesquisa que exija a observação de pessoas em grupo focal para realização de pesquisa científica, o(s) nome(s) do(s) participante(s) voluntário(s) deverá(ão) ser omitido(s).

Assinatura do Estudante Participante

Assinatura do Responsável Pelo Estudante

Salvador, _____ de _____ de _____

Obs.: para este documento, entende-se como **solicitante** o *Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC)* da *Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*, podendo gozar dos direitos aqui relacionados qualquer pesquisador associado ao citado grupo ou membro do parceiro deste projeto, o *Colégio da Polícia Militar da Bahia (CPM)*, desde que respeitado os limites éticos delimitados neste documento.

APÊNDICE Q - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM



A rádio da escola
na escola da rádio

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC-I)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)
GRUPO DE GEOTECNOLOGIAS, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE (GEOTEC)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM (Preencher com letra de forma e legível)

Eu, abaixo assinado e qualificado, concedo para livre utilização os direitos sobre a minha imagem e som da minha voz, neste ato, ao Grupo de Pesquisa de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em parceria com os Colégios da Polícia Militar da Bahia (CPM), Unidades Dendezeiros e Lobato, para serem utilizados no site e na Rádio Escolar, trabalhos de natureza acadêmica, e suas versões, a qualquer tempo, autorizando conseqüentemente e universalmente sua utilização para fins **culturais e científicos**, sua distribuição e exibição por todo e qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação e publicidade, existentes ou que venham a ser criados, notadamente, mas não exclusivamente em: cinema, televisão, TV por assinatura, TV a cabo, pay per view, Internet, CFTV, CATV, ondas hertzianas, transmissões por satélite, vídeo, vídeo laser, home vídeo, disco, disco laser, CD-ROM, em exposições públicas e/ou privadas, circuitos fechados, aeronaves, navios, embarcações, plataformas de petróleo, e/ou quaisquer outros meios de transporte, assim como na divulgação e publicidade do estabelecimento em rádio, revistas, jornais, cinema e televisão, para exibição pública ou domiciliar, reprodução no Brasil ou no Exterior.

A presente autorização é concedida em caráter irrevogável, irretratável e de forma gratuita, ficando o GEOTEC/UNEB/CPM e seus responsáveis, isentos do pagamento de quaisquer ônus a minha pessoa a qualquer tempo e sob qualquer pretexto pela utilização das imagens.

Salvador, _____ de _____ de 2010.

Assinatura

NOME: _____

N.º IDENTIDADE: _____ ÓRGÃO EXPEDIDOR: _____

ENDEREÇO: _____ N.º _____

_____ APT.º _____ BAIRRO: _____ CEP: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

TELEFONE: (____) _____ CELULAR: (____) _____

APÊNDICE R – APRESENTAÇÕES E PUBLICAÇÕES EM EVENTOS ACADÊMICOS

- **VI Encontro Interdisciplinar de Cultura, Tecnologias e Educação**

O VI INTERCULT aconteceu no Centro Universitário Jorge Amado, na cidade de Salvador (BA) no período de 18 a 20 de outubro de 2011, onde foram apresentados e publicados 06 (seis) trabalhos desenvolvidos pelos alunos/pesquisadores do CPM. Os títulos dos trabalhos são: (a) Geotecnologias: conhecendo os bairros e desvendando o espaço; (b) A rádio da escola na escola da rádio: resgate e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador/BA; (c) Geotecnologias: conhecendo o lugar e entendendo o mundo; (d) Difusão do conhecimento e popularização da ciência – uma experiência de Iniciação Científica Júnior no Colégio da Polícia Militar – Unidade Dendezeiros; (e) Geotecnologias: Conhecimento pelos meios geotecnológicos, nos Bairros de Salvador e; (f) Desvelando uma história silenciada: o bairro de Pirajá a partir do conto de seus moradores.



Figura 37 - Estudantes do CPM apresentando trabalho no INTERCULTE 2011
Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 38 - Estudantes do CPM apresentando trabalho no INTERCULTE 2011
Fonte: Grupo GEOTEC

Esse evento foi muito importante para os estudantes/pesquisadores, pois foi o primeiro espaço fora do colégio onde esses sujeitos apresentaram o resultado de suas pesquisas para respaldo da comunidade acadêmica e começaram a falar em

publico, a apreender como se portar em uma apresentação (postura e impostação de voz), enfim, espaços de processos educativos.

- **64ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)**

A 64ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) aconteceu em São Luís (Maranhão), no período de 22 e 27 de julho de 2012 e dos 11(onze) alunos/pesquisadores do CPM que submeteram trabalhos, 8 (oito) tiveram seus artigos aprovados para publicação e apresentação. Seguem os títulos dos trabalhos aprovados: (a) Portal GEOTEC: os indivíduos resgatando suas histórias e de suas comunidades; (b) O bairro de Cidade Nova na cidade de Salvador: história, memória e dinâmica; (c) A Rádio na escola: como a educação pode funcionar como agente transformador e integrador da sociedade; (d) Pirajá: a revelação da história a partir da oralidade de seus moradores; (e) A casa da balsa flutuante: a história de um bairro do subúrbio de Salvador; (f) Utilizando a história oral para externar as dificuldades, vivências e expectativas de um povo; (g) Subúrbio Ferroviário de Salvador: a historicidade de plataforma sob o ponto de vista da população local e (h) História e memória do bairro Engenho Velho de Brotas da cidade de Salvador (BA). Ressaltamos que os temas submetidos ao evento foram oriundos dos trabalhos de campo realizados pelos alunos/pesquisadores nos bairros selecionados em Salvador. Os custos com locomoção (Aérea) e hospedagem dos alunos e professores pesquisadores foram patrocinados pelo Instituto Anísio Teixeira - IAT e a Secretaria de Educação do Estado da Bahia – SEC/BA.



Figura 39: Estudantes do CPM apresentando trabalho no SBPC 2012

Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 40: Estudantes do CPM apresentando trabalho no SBPC 2012

Fonte: Grupo GEOTEC

64ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) teve como tema central “Ciência, Cultura e Saberes Tradicionais para Enfrentar a Pobreza”, e é considerada um dos maiores eventos científicos do País. Realizada desde 1948, com a participação de autoridades, gestores do sistema nacional de ciência e tecnologia (C&T) e representantes de sociedades científicas, a Reunião é um importante meio de difusão dos avanços da ciência nas diversas áreas do conhecimento e um fórum de debates de políticas públicas em C&T.

A programação científica é composta por conferências, simpósios, mesas-redondas, encontros, sessões especiais, minicursos e sessões de pôsteres para apresentação de trabalhos científicos. Também são realizados diversos eventos paralelos, como a SBPC Jovem (programação voltada para estudantes do ensino básico), da ExpoT&C (mostra de ciência e tecnologia) e da SBPC Cultural (atividades artísticas regionais).

O evento reúne milhares de pessoas, entre cientistas, professores e estudantes de todos os níveis, profissionais liberais e demais interessados. Em todas as edições, o público circulante tem sido superior a 10 mil pessoas. A participação dos estudantes/pesquisadores foi muito proveitosa para a formação de processos educativos, bem como conhecerem outra cidade fora do estado da Bahia, além da troca de experiências com outros estudantes e conhecerem a realidade acadêmica de outras Instituições, participarem da mostra de ciência e tecnologia.

- **Feira dos Municípios e Mostra de Iniciação Científica (FEMMIC) 2012**

A 11ª Edição da Feira dos Municípios e 2ª Mostra de Iniciação Científica (FEMMIC), promovida pelo Instituto Federal Baiano – IFBaiano, aconteceu no

Campus da cidade de Catu (BA), entre os dias 24 e 26 de setembro de 2012. Com o tema “Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade” o evento tem a finalidade de incentivar e promover a iniciação científica no Ensino Médio, técnico e superior, em todo país. Participaram 23(vinte e três) alunos/pesquisadores do CPM com apresentação e publicação de 16 trabalhos.

Na Categoria Ensino Médio, 9 (nove) prêmios foram destinados aos melhores trabalhos apresentados na FEMMIC, dentre eles 6 (seis) prêmios foram para os alunos/pesquisadores do CPM, sendo o 1º lugar para a Unidade Lobato e o 2º lugar para a Unidade Dendezeiros.



Figura 41: Estudantes do CPM apresentando trabalho na FEMMIC 2012

Fonte: Grupo GEOTEC

Quadro 2 – Premiação dos estudantes/pesquisadores do CPM na FEMMIC 2012

TRABALHO PREMIADO	COLOCAÇÃO	PRÊMIO
Cemitério Quinta dos Lázaros: história, memória e dinâmica para o bairro Cidade Nova – Salvador/BA	1º	Bolsa do CNPQ período de 1 ano
A história do bairro contada por quem o faz	2º	Bolsa do CNPQ período de 1 ano
A rádio na escola: como a educação pode atuar na transformação e integração da sociedade.	4º	Indicação para FEBRACE (USP)
A casa da balsa flutuante: A história de um bairro do subúrbio de Salvador	6º	Indicação para o 3º Encontro de Jovens Cientistas da Bahia (UFBA)
Cajazeiras: um bairro com autonomia de cidade	8º	Publicação na Revista Ciência Júnior
História e memória do bairro Engenho Velho de Brotas da cidade de Salvador/BA	9º	Publicação na Revista Ciência Júnior

Fonte: Instituto Federal Baiano – IFBaiano

- **VII Encontro Interdisciplinar de Cultura, Tecnologias e Educação (INTERCULT)**

O VII INTERCULT aconteceu no Centro Universitário Jorge Amado, na cidade de Salvador (BA) no período de 29 a 31 de outubro de 2012, onde foram apresentados e publicados 14 (quatorze) trabalhos desenvolvidos pelos alunos/pesquisadores do CPM. Os títulos dos trabalhos são: (a) Boca da Mata e Itapuã: a história através da oralidade dos moradores; (b) Vídeos Educativos: um recurso audiovisual na Educação Escolar; (c) UNEB/CPM - Redes Sociodigitais e as Geotecnologias: possibilidades de interação, educação e contemporaneidade; (d) Luiz Tarquínio: um marco para a educação da cidade de Salvador; (e) Cidade Nova e Cajazeiras: conhecendo os lugares a partir do resgate de suas raízes; (f) Itinga: resgate da cidadania através da implantação da Base Comunitária de Segurança da Polícia Militar da Bahia; (g) A história das Obras Assistenciais Irmã Dulce; (h) Hospital Aristidez Maltez: história e memória; (i) Os tambores do Ilê-Aiyê: resgatando a cidadania do bairro da Liberdade; (j) Bonfim: o início de uma história de Fé; (l) Ser ou não ser Juliano: Narandiba sob a loucura; (m) Utilizando a história oral para externar as dificuldades, vivências e expectativas de um povo; (n) Portal Geotec: resgatando a história dos sujeitos e de suas comunidades e; (o) Contos e crenças da lagoa das águas escuras.



Figura 42: Estudantes do CPM apresentando trabalho no INTERCULTE 2012
Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 43: Estudantes do CPM apresentando trabalho no INTERCULTE 2012
Fonte: Grupo GEOTEC

- **II Feira de Ciências da Bahia e VII Feira Baiana de Matemática**



Figura 44: Estudantes do CPM apresentando trabalho na II Feira de Ciências da Bahia e VII Feira Baiana de Matemática 2012

Fonte: Grupo GEOTEC

A II Feira de Ciências da Bahia e VII Feira Baiana de Matemática aconteceu no O Instituto Anísio Teixeira – IAT, no período de 26, 27 e 28 de novembro de 2012, na cidade de Salvador (BA), a finalidade do evento foi a integração e socialização dos projetos dos professores e estudantes das escolas da rede estadual da Bahia, os estudantes/pesquisadores do CPM participaram com apresentação e publicação de trabalhos.

- **III Encontro de Jovens Cientistas da Bahia**

O III Encontro de Jovens Cientistas da Bahia aconteceu na Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na cidade de Salvador (BA), no período de 27 a 30 de novembro de 2012, onde foram apresentados e publicados 12 (doze) trabalhos pelos alunos/pesquisadores do CPM. Os títulos dos trabalhos são: (a) A casa da balsa flutuante: a história de um bairro do Subúrbio de Salvador; (b) A rádio na escola: como a educação pode funcionar como agente transformador e integrador da sociedade; (c) Bonfim: o início de uma historia de fé; (d) Cemitério Quinta dos Lázaros: história, memória e dinâmica para o bairro Cidade Nova – Salvador/Ba; (e) História e memória do bairro Engenho Velho de Brotas da cidade de Salvador-Ba; (f) Portal GEOTEC: os indivíduos resgatando suas histórias e suas comunidades; (g) Redes sociodigitais e as geotecnologias: possibilidades de interação, educação e contemporaneidades; (h) Ser ou não ser Juliano: Narandiba sob a loucura; (m) Vila Policial Militar da Bahia como agente transformador do bairro

do Bonfim. Além desses trabalhos também foi apresentado o Vídeo Inspiração do aluno/pesquisador Calebe Lopes.



Figura 45: Estudante do CPM apresentando trabalho no III Encontro de Jovens Cientistas da Bahia 2012
Fonte: Grupo GEOTEC

Esse III Encontro de Jovens Cientistas da Bahia teve como objetivo divulgar produções feitas por alunos do Programa de Iniciação Científica Júnior de diversas instituições da Bahia e de estudantes da educação infantil, ensino fundamental e médio do Estado, levando-se em conta a *articulação interdisciplinar* do conhecimento científico e tecnológico, esse evento foi muito importante para os estudantes/pesquisadores, pois, além de apresentarem suas pesquisas puderam trocar experiências e conhecer as investigações que estão sendo feitas em outras instituições de ensino.

- **Feira Brasileira de Ciência e Engenharia (FEBRACE)**

A FEBRACE aconteceu na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EP-USP) da Faculdade de São Paulo (USP), na cidade de São Paulo (SP), no período de 12 a 17 de março de 2013, onde foi apresentado e publicado o trabalho *A rádio na escola: como a educação pode atuar na transformação e integração da sociedade*, pelos alunos/pesquisadores do CPM Luiza Vitoria dos Santos Souza e Danilo Rodrigues.



Figura 46: Estudantes do CPM participando da FEBRACE 2013
Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 47: Estudantes do CPM participando da FEBRACE 2013
Fonte: Grupo GEOTEC

A Feira Brasileira de Ciências e Engenharia é um movimento nacional de estímulo ao jovem cientista, que assume um importante papel social incentivando a criatividade e a reflexão dos estudantes da educação básica, por meio do desenvolvimento de projetos com fundamento científico, nas diferentes áreas das ciências e engenharia. Desenvolvemos ações de incentivo à cultura investigativa, de inovação e empreendedorismo em nosso país, desde 2003, a FEBRACE tem descoberto novos talentos e gerado oportunidades. Sua história é composta por alunos, professores, pais e escolas que juntos mostram à sociedade brasileira que aprendem a aprender, que podem querer e que podem fazer. Tem como objetivos:

(a) Estimular novas vocações em Ciências e Engenharia através do desenvolvimento de projetos criativos e inovadores; (b) aproximar as escolas públicas e privadas das Universidades, criando oportunidades de interação espontânea entre os estudantes e professores das escolas com a comunidade universitária (estudantes, professores, funcionários), para uma melhor compreensão dos papéis das universidades em Ensino, Pesquisa, Cultura e Extensão e; (c) criar uma oportunidade para jovens pré-universitários brasileiros entrarem em contato com diferentes culturas e estarem próximos de reconhecidos cientistas.

- **Expo Nacional MILSET Brasil**

A Expo Nacional MILSET Brasil foi realizada na Fábrica de Negócios do Hotel Praia Centro, na cidade de Fortaleza (CE) no período de 20 a 25 de maio de 2013, é um evento nacional do Movimento Internacional para o Recreio Científico e Técnico - MILSET, do Comitê da MILSET AMLAT e da Comitiva Nacional da MILSET Brasil

(Mostra Nacional Milset Brasil), esse evento tem como proposta motivar o intercâmbio entre alunos pesquisadores, professores orientadores e da sociedade em geral e reúne projetos de alunos do Ensino Fundamental, Médio e Superior representante de todos os Estados do nosso país, além de projetos internacionais de diversos países convidados credenciados pela MILSET Internacional.



Figura 48: Estudantes do CPM participando da Expo Nacional MILSET Brasil
Fonte: Grupo GEOTEC



Figura 49: Estudantes do CPM Premiados para o Foro Internacional de Ciência e Engenharia no Chile
Fonte: Grupo GEOTEC

Os alunos/pesquisadores do CPM Luiza Vitória dos Santos Souza e Danilo Rodrigues, apresentando o trabalho *A rádio na escola: como a educação pode atuar na transformação e integração da sociedade – Salvador, Ba*. Dentre os projetos destaques Milset Brasil que receberam credenciamentos para participação em Feiras Internacionais, o artigo dos estudantes/pesquisadores Luiza Vitória dos Santos Souza e Danilo Rodrigues, foi premiado para ser apresentado no Foro Internacional de Ciência e Engenharia, na categoria supranível em agosto 2013, na cidade de Santiago no Chile.

- **VIII Encontro Interdisciplinar de Cultura, Tecnologias e Educação (INTERCULT)**

O VIII INTERCULT aconteceu no Centro Universitário Jorge Amado, na cidade de Salvador (BA) no período de 28 a 30 de outubro de 2013, onde foram apresentados e publicados 10 (dez) trabalhos desenvolvidos pelos alunos/pesquisadores do CPM. Os títulos dos trabalhos são: (a) Baixa do Fiscal e a Camapet: uma história de superação social; (b) Amor e Filantropia: a luta diária para salvar vidas; (c) Área de Proteção Ambiental Lagoas e Dunas do Abaeté - Um Ecossistema Ameaçado; (d) Investigação da poluição marítima da Ribeira na ótica

de uma Pesquisadora Júnior; (e) A importância do uso das geotecnologias e das tecnologias da informação na segurança pública – uma pesquisa na Base Comunitária de Segurança de Itinga/BA; (f) Cemitério Quinta dos Lázarus: Sentimentos Gerados Acerca da Perda do Ser Humano; (g) Ambiente Virtual: Difusão de conhecimento no Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade Cel. Manoel Cerqueira Cabral; (h) Resgate da Cidadania negra em Salvador; (i) Tráfico de Seres Humanos no subúrbio ferroviário de Salvador; (j) Irmã Dulce, Mãe da população pobre de Salvador.